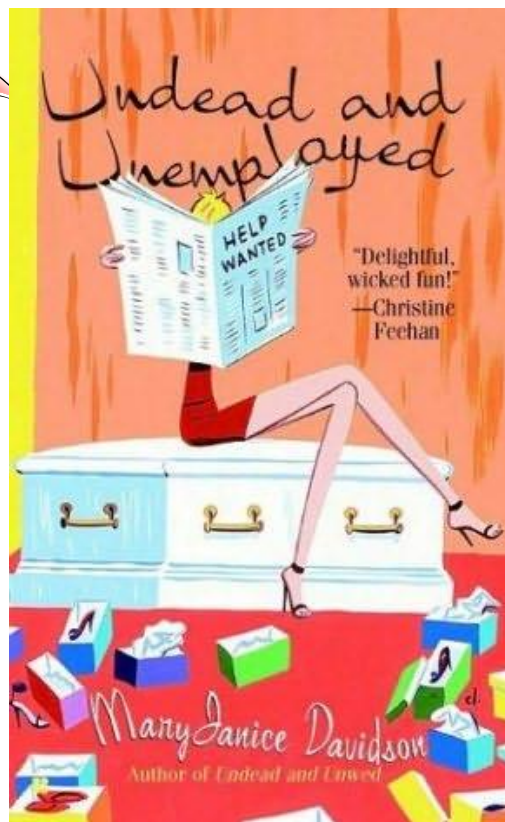




Vampira e Desempregada

Mary Janice Davidson



Tradução, revisão, formatação: Romance com Tema Sobrenatural – ORKUT:
<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=18008059>

Tradução: *Jossi Slavic*
Revisão: *Juliana Maria*



Mary JANICE DAVIDSON

Para meus antigos chefes:

Jim, Linda, Bob, Vence, Maggie, Neil, Kathy, Pat, Jeff, e Rum.

*Alguns foram fantásticos, outros suspeito que foram anti-sociais,
mas todos me ensinaram algo.*

Agradecimentos

Como sempre, este livro teria sido mais difícil sem a ajuda de meu marido, Anthony, que mantém as crianças longe de meus cabelos quando estou na data limite, lê tudo o que escrevo, e pensa que sou muito bela. Tem razão, é claro, mas o agradeço. A ele também ocorrem alguns títulos "Undead" e me dá vontade de gritar.

Agradeço também a minha família, por serem incondicionalmente solidários e, juro que estão mais excitados que eu com os entendimentos que consigo com estes livros.

Obrigada também a Cindy Hwang, que nas correções adiciona normalmente "mais Sinclair"! As admiradoras do rei dos vampiros têm que agradecer.

E um especial agradecimento ao *Magic Widows*, meu clube de leitura e meus estimados amigos, que escutam incansavelmente minhas idéias para os livros e meus complôs para assumir o controle do mundo.

E o primeiro que vá à Rainha como um marido a sua mulher, depois da queda do usurpador, será o Marido da Rainha e governará a seu lado por mil anos, ao menos.

– O Livro dos mortos

Se esse rato bastardo do Sinclair pensa vou ser sua esposa durante mil anos, está totalmente louco.

– Dos papéis privados de Sua Majestade

Rainha Elizabeth I, Imperatriz dos não mortos, Governante Constitucional dos Vampiros, Esposa de Eric I, Rei Legítimo.

Prólogo

Entrevista da policia a Robert Harris.

30 de junho, 2004

55121 02h32min:55seg -03:45:32 a.m.

Arquivado pelo Detetive Nicholas J. Berry

Quarto distrito, Minneapolis, Minnesota

Depois de ser atendido na cena, o Sr. Harris se negou ao oferecimento de ser levado a um hospital, e consentiu em acompanhar os oficiais chamados, Whritnour e Watkins, à delegacia de polícia para um interrogatório.

O interrogatório ocorreu sob a direção do Detetive Nicholas J. Berry de Minneapolis.

Robert Harris é um homem caucasiano de cinquenta e dois anos que trabalha para a Bright Yellow CAB como taxista. O Sr. Harris estava de serviço durante os acontecimentos transcritos a baixo. O Sr. Harris se submeteu a um exame de bafômetro. Os laboratórios estão suspeitando de possível uso de drogas.

DETETIVE BERRY: Estamos preparados? ... Bem. Gostaria de algo para beber? Café? Antes de começarmos?

Roberto HARRIS: Não obrigado. Se tomo café tão tarde, ficarei com insônia. Além disso, me conheço, pois como esta minha próstata, seria pedir por problemas.

DB: Podemos discutir os acontecimentos desta tarde?

RH: Certo. Quer falar de qual dos gêmeos conseguiu lhe chutar o traseiro, ou de por que fui suficientemente estúpido em escolher um trabalho, onde tenho que estar sentado todo o tempo? Estas malditas hemorróidas.

DB: Os fatos.

RH: Ok, você quer conhecer aquela história que contei a seus companheiros, esses que se encarregaram de mim. Homens bastante agradáveis, para serem policiais. Não quero ser desrespeitoso, digo, por isso é que estamos aqui, verdade?

DB: Verdade.

RH: Porque pensam que estou louco ou bêbado.

DB: Sabemos que não está bêbado, Senhor Harris. Conte-me, mais cedo esta tarde...

RH: Mais cedo esta tarde estava sentado, pensando em minha menina. Tem dezenove, vai para a Universidade de Minnesota.

DB: A Universidade de Minnesota, Duluth Campus.

RH: Sim. De todos os modos, por isso é que faço tantos 2º turnos, porque droga, esses livros são caros. Digo, cento e dez dólares por um livro? Um livro?

DB: Sr. Harris.

RH: De todo o modo, eu estava refletindo no trabalho, comendo o almoço. É obvio que não era exatamente à hora do almoço, pois já eram dez da noite, mas quando você esta no segundo turno, faz o que pode. Estava sentado no Lake e a quarta. Existe um monte de taxistas não gostam desse bairro, já sabe, por causa de todos os negros que moram ali. Sem intenção de ofender. Digo, não que você pareça isso, a não ser...

DB: Sr. Harris, não sou um afro-americano, mas ainda se fosse, estou seguro de que desejaria ardentemente que pudéssemos ficar no rumo correto.

RH: Sabe que nos dias de hoje às vezes, tenho razão? Malditos P.C. Nazistas. Um homem já não pode dizer o que tem em sua mente. Fiz um amigo, Danny Pohl, e é tão negro como o ás de espadas, e chama a si mesmo - bem, não vou dizer o que ele diz, mas fala o tempo todo. E se ele não se importa, por que nós devíamos?

DB: Sr. Harris...

RH: Sinto muito. De qualquer maneira, assim é que estava nesse bairro, o qual, sim, algumas pessoas dizem não é muito bom, e comia o almoço, presunto

suíço com mostarda no Wonder Bread, em caso de alguém precisar saber, quando de repente meu táxi ficou de lado!

DB: Não ouviu nada?

RH: Filho, não tive o menor indício. Um segundo comia, e no seguinte estava caído de lado com todo o lixo caindo como uma chuva sobre mim tinha deixado cair meu sanduíche, e parte de minha cabeça estava descansando na rua. Podia ouvir alguém se afastando andando, mas não pude ver nada. Mas isso não foi o pior.

DB: O que foi?

RH: Bem, eu ainda tentava entender o que acontecia, e me perguntava se poderia tirar a mostarda da minha camisa nova de trabalho, quando ouvi esse grito realmente forte.

DB: Era de um homem ou uma mulher?

RH: Era difícil de saber. Sei agora, porque vi os dois, mas não sabia até então. Quem quer que estivesse gritando, parecia que estava tendo uma das pernas arrancadas ou algo do tipo, porque gritava, chorava e balbuciava, era o pior som que já ouvi em minha vida. E isso que a surda de minha filha esta sempre trazendo novos instrumentos musicais. Como essa vez com a cana. Mas isso não foi nada comparado com isto.

DB: O que você fez?

RH: Bem, merda, subi do lado do passageiro de meu táxi logo que pude, fui médico na guerra, Vietnam. Pendurei o diploma, depois de voltar para os Estados Unidos e nunca voltei há ir há um hospital, não, nem mesmo quando minha esposa, que Deus a tenha em Sua Glória, teve a Anna. Mas acreditei que talvez poderia ajudar. Meu táxi estava assegurado, não me importava isso, mas alguém estava realmente com problemas e isso era mais importante. Pensei que talvez alguém tivesse atropelado um menino por acidente. Alguns daqueles becos são bastante escuros. É difícil ver algo.

DB: E logo?

RH: Logo um ônibus se deteve na estrada. Quase pegou a meu táxi! E isso foi estranho, porque era muito tarde para que os ônibus funcionassem, e este estava vazio exceto por um passageiro.

Então uma garota saiu de um salto. E o ônibus simplesmente ficou ali. Notei que o condutor do ônibus ficava olhando fixamente à garota, como se fosse feita de sorvete de chocolate. E logo joguei um bom olhar a ela.

DB: Pode-a descrever?

RH: Bom, era alta, realmente alta – quase minha altura, e tenho ao menos um metro oitenta. Tinha o cabelo loiro claro com mechas desiguais – Como se chama isso? Reflexos! Ela tinha alguns reflexos avermelhados, e os olhos maiores, mais

bonitos e mais verdes que alguma vez tenha visto. Seus olhos eram da cor das garrafas de vidro antigas, essas verdeoscuros. E estava verdadeiramente pálida, como se trabalhasse em um escritório todo o tempo. Em meu caso, meu braço esquerdo tem um tom moreno como um bago no verão, porque está todo o tempo fora da janela do táxi, mas meu braço direito permanece branco. De qualquer maneira, não recorro o que tinha posto, olhava sobre tudo sua cara. E... e

DB: Está você bem?

RH: Simplesmente esta parte é difícil, isso é tudo. Digo, esta garota era talvez cinco ou seis anos maior que minha filha, mas eu – bem, digamos que a quis da forma em que um homem quer a sua esposa em uma noite de sábado, se souber o que quero dizer. E nunca tinha sido um saído com meninos o bastante jovens para ser *meus* filhos, e não importa que minha esposa tenha morta seis anos. Assim é que era um pouco vergonhoso, também, que esses horríveis gritos ainda ecoassem no ar, e de repente ali estava eu, pensando com meu pênis.

DB: Pois bem, algumas vezes, em estado de tensão, uma pessoa –

RH: Não era a tensão. Simplesmente a quis, isso é tudo. Como nunca quis a ninguém. De todos os modos, cravei os olhos nela mas não me emprestou atenção. Uma garota como ela, provavelmente tem a velhos como eu cravando os olhos nela vinte vezes ao dia. Não me disse nada, só partiu para o beco. Assim é que a segui. Havia um par de luzes na rua que funcionavam, assim é que finalmente comecei a ver coisas. O que me fez sentir muito melhor, posso lhe dizer.

E de qualquer jeito, antes que pudéssemos chegar, os gritos se detiveram. Foi como se alguém tivesse apagado uma rádio, assim de repentino foi. Então a garota começou a correr. Era muito gracioso de ver, porque levava postos uns sapatos com saltos super altos. Púrpuras, curvados na parte de atrás. Tinha pés pequenos, e com esses sapatos pequenos e bonitos, resultava bastante gracioso.

DB: E... ?

RH: Eu podia correr com esses sapatos, e esse foi um fato. Poderia ser uma estrela em uma pista de atletismo ou algo parecido. Fui atrás dela. Chegamos ao beco, e imediatamente notei que era um beco sem saída, e não quis ir muito em frente. É engraçado, nunca penso a respeito do Vietnam, mas esta noite foi como quando retornei para casa depois da guerra. Homem, eu notava *tudo*. Estava realmente alerta.

DB: Você pôde ver alguém no beco?

RH: A princípio não. Mas então a garota falou forte e firme, já sabe, como um professor, "Deixe ir". E logo haviam duas vozes, de homem, e estavam a não mais de três metros de nós! Não sabe como tive saudades nesse momento. Um deles era pequeno, mas estava erguendo um tipo maior que eu, lhe sustentando, lhe mantendo com os pés no ar! Golpeava forte e ruidosamente o outro contra a

parede de tijolos, e a cabeça do tipo grande balançava para todas as partes, como se tivesse perdido completamente o conhecimento.

Mas então, quando a garota falou, o tipo pequeno o soltou, e o que tinha estado gritando caiu contra o chão como um saco de areia, quero dizer que tinha ido embora. O tipo pequeno se aproximou de nós, e de repente se assustou como a merda.

DB: Mostraram-lhe uma arma, ou ...

RH: Nada disso. Ele simplesmente sentiu algo... mau, adivinho. Ele era quase uma cabeça mais baixo que eu e tinha a pele de um tom cinza. E um desses bigodes negros pequenos, autenticamente magro. Acredito que um homem deve ter um verdadeiro prato de sopa ou não ter nada. De todo modo, parecia-se com um pequeno punk, mas havia algo nele - simplesmente quis me afastar. Como se algo dentro de mim soubesse que era mau, embora não pudesse ver exatamente o que era. E deixe-me dizer, vi minha amada alma gêmea, morrer de câncer de estômago. Foi pouco a pouco e isso tomou oito meses. Não pensei que nada pudesse me assustar depois de observar isso. Exceto este tipo.

DB: Precisa de um descanso, Sr. Harris?

RH: Demônios, não, quero terminar com isto. Prometi que viria e lhe contaria, e aqui estou. De qualquer maneira, esse tipo, aproximou-se, e disse, "este não é assunto dele, falsa rainha". E o modo que falou - estava autenticamente passado de moda. Como, as pessoas falavam assim faz talvez, a cem anos atrás. E sua voz - Jesus! Pôs minha carne de galinha em todas partes. Quis correr, mas não podia me mover.

Mas a garota não pareceu preocupar-se. Ela se endireitou e disse, " OH, irrita-me. Desaparece antes que perca os estribos".

DB: Irrita-me?

RH: Sinto muito, mas isso é o que ela disse. Recordo verdadeiramente bem, porque foi um choque. Sou um tipo grande, e me assustei. Ela era uma menina, e não pareceu assustada.

DB: Então o que ocorreu?

RH: Bem, o pequeno tipo perverso, pareceu que ia cair. Escandalizei-me, mas ele estava... bem, realmente ficou impressionado. Como se ninguém lhe tivesse falado dessa maneira em toda sua vida. Eu não sei, talvez ninguém o tivesse feito. E ele respondeu, "Minhas comidas não são de seu interesse, falsa rainha". Assim é como seguiu chamando-a - " Falsa rainha". Nunca ouvi seu nome.

DB: " Falsa rainha ".

RH: Sim. E ela respondeu, "Sente-se e date a volta, estúpido". Sério! Então disse, " Sabe tão bem como eu que não tem que assustá-los ou feri-los para se

alimentar, assim curta uma merda". Ou talvez "curta com o "disparate"". De qualquer forma, estava zangada.

DB: E depois?

RH: Então ele a agarrou! E seus lábios se ficaram por cima de seus dentes, como um cão que se prepara para morder. *Assim como* Rascal o cão de nosso vizinho, que ficou raivoso o último verão, e antes de que o matassem, o pobre cão se viu tão enlouquecido e fora do controle como este tipo. E antes que eu a ajudasse, me assustei, mas não queria que a machucassem, digo, eu podia ter feito *algo* – ela tirou de repente uma cruz E a pôs com força na frente! Algo assim como no cinema! E o homem, que eu pensava ser do tipo *grande* era um gritalhão. Mas este tipo, uivou de dor como se seus pulmões tivessem pegando fogo, e toda a fumaça começasse a sair por sua frente, e oh, Senhor, o aroma. Não pode imaginar que mau cheiro. Como carne de porco ao fogo, mas como se a carne do porco tivesse estado podre primeiro, meu Deus, me dá vontade de vomitar simplesmente de pensar naquilo. E ele a soltou, embora foi mas como se cambaleasse para trás, e então ela deu um passo para frente com a mesma calma de um pepino e lhe disse, "Recolherá este cavalheiro e o levará para o hospital. Pagará a conta se não tiver seguro. E se te encontrar se alimentando assim alguma outra vez, colocarei esta cruz de um empurrão diretamente em sua garganta. Entende, ou tenho que tirar as marionetes?" E ele se encolheu de medo, foi para longe dela e inclinou a cabeça. Ela era tão severa e formosa, que não podia olhá-la. Merda, Custou-me olhá-la! E logo ele recolheu o tipo grande, que estava totalmente caído, e saiu do beco levando-lhe. Logo a garota girou para mim e suspirou, como se estivesse verdadeiramente cansada. E me disse, "Alguma vez ficou preso em um trabalho que realmente odeia?" E afirmei que isso me ocorria de vez em quando. Menino, oh, menino, ela era muito linda.

DB: E depois?

RH: Depois me perguntou se eu estava bem. Disse-lhe que sim. Ela disse que eu não me assustasse. E lhe respondi que enquanto ela estivesse ali, não teria medo. E ela me presenteou com um grande sorriso por isso. Assim é que começamos a andar para fora do beco e então viu meu táxi derrubado de lado. Muito desgostosa me disse, "Que tipo mais estúpido". Acredito que falava do homem que escapou. Encaminhou-se para ele – esta é a parte em que esta interessado, ajoelhou, deslizou dois dedos debaixo de meu táxi, e o pôs de novo sobre as rodas.

DB: Ela levantou seu táxi?

RH: Sim.

DB: Com uma mão?

RH: Com dois dedos. Sei que pensa que sonhei. Está bem. Os outros policiais não me acreditaram, tampouco.

DB: E então o que ocorreu?

RH: Então me olhou com olhos tão verdes – mas agora eram mais cor avelã que verde, o que era um pouco estranho, não sei, talvez suas lentes de contato tivessem caído, e me disse, " Acredito que ainda funciona. Lamento o problema". Lhe respondi que tudo bem. E ela subiu no ônibus, que continuava esperando-a, o que poderia ser a coisa mais estranha de toda noite – e me fez gestos de adeus com a mão. Então o ônibus se afastou. Atropelo uma rolha e também "furou" o semáforo em vermelho.

DB: Isso é tudo?

RH: Não é suficiente? Já era tarde. Vou dizer, não quero *Nunca*, esta garota perto de mim quando estiver zangada.

DB: Por sua força?

RH: Não. Porque a quis, mas também me deu medo. Fico feliz que ela tenha sido simpática. Porque se tivesse ocorrido similar ao pequeno do beco ... O vampiro.

DB: Acredita que o homem era um vampiro?

RH: Claro, quem mais gritaria e seria queimado por uma cruz? O que eu gostaria de saber é quem é *ela*.

DB: Acredita nos vampiros?

RH: Foi um bom ouvinte, filho, e o aprecio, mas quero que ponha muito olho simplesmente em uma coisa mais. Fui a uma guerra quando era um adolescente. E me dava conta de que o que não acreditava em seus olhos era o tipo que retornava para casa em um caixão. Então, sim. Acredito nos vampiros.

Fim da ENTREVISTA

03:45:32 a.m.

Capítulo Um

Quando estava morta quase há três meses, decidi que tinha chegado o momento de encontrar trabalho.

Não podia voltar para meu antigo trabalho, é obvio. Em primeiro lugar, despediram-me o dia que morri, e em segundo, todos acreditavam que estava a seis pés com certeza. Além disso, um trabalho durante as horas de luz não me serviria de nada.

Ao menos, não morria de fome ou estava sem lar. Minha melhor amiga, Jessica, era a proprietária de minha casa, não me deixava pagar o aluguel, e tinha uma equipe de super contabilistas que pagavam as contas apesar de minhas extenuantes objeções. Tampouco precisava ir ao supermercado muito menos para envelopes de chá, leite e coisas assim. Meu carro estava pago. Por isso meus gastos mensais eram bastante baixos. Mesmo assim, não podia viver à base da caridade da Jessica eternamente.

Assim eu estava, nas escadas do Centro do Reempregados de Minnesota. Onde atendiam de noite todas as quintas-feiras – Graças a Deus!

Ultrapassei as portas, tremendo, enquanto era saudada por uma rajada de ar condicionado. Outra coisa de estar morta, é que ninguém tinha me advertido, que sentiria muito frio todo o tempo. Minneapolis estava sofrendo uma severa onda de calor, e eu era a única que não a odiava.

– Olá, – disse a recepcionista. Tinha posto um rígido traje cinza. Não podia ver seus sapatos, o que provavelmente era melhor.

– Vim ao centro de desemprego para ...

– Sinto muito, senhorita, é do REEMPREGO. Os centros de desemprego são um anacronismo. Somos um centro receptor de registros de reemprego do século vinte e um.

– Bem. De qualquer maneira, estou aqui para ver um dos conselheiros.

Por minha audácia, passei os próximo vinte minutos preenchendo formulários. Finalmente, me chamaram, sentei diante de um conselheiro.

Era um tipo maior de bom aspecto com o cabelo escuro, uma barba salpicada de cinza, e olhos marrom chocolate, fiquei aliviada ao ver o anel de bodas, assim como também a foto de sua preciosa esposa junto com os adoráveis meninos. Faço votos que tivesse um matrimônio feliz, para que não ficasse como um parvo, uma vez que meu carisma não morto lhe desse uma bofetada na cara.

– Olá, sou Dão Mitchell. – Apertamos as mãos, e vi como se elevavam suas sobrancelhas ante a surpresa quando apertou minha úmida e pegajosa mão. – Elizabeth Taylor, está certo?

– Essa sou eu.

— Enxerga bem?

Usava óculos escuros por duas razões. Uma, a luz fluorescente doía horrores. Dois, os homens não caíam sob meu feitiço se não podiam ver meus olhos. Como não precisava de um empregado, viscoso, do estado esfregando-se contra minha perna.

— Fui ao oftalmologista faz umas horas, — menti. — Ele colocou colírio nos meus olhos.

— Sim. Elizabeth Taylor, como a estrela de cinema! Entusiasmou-se, como se nenhuma pessoa já não tivesse me dito dez do dia que nasci.

- Betsy.

— Betsy, então. — Olhou os formulários que eu tinha preenchido. — Tudo parece correto.

— Espero que sim. Estou aqui pelo desemprego.

— Somos um Centro do REEMPREGO, — disse distraidamente Mitchell, enquanto revisava.

— De acordo, de acordo. De qualquer maneira, necessito de um novo trabalho, e enquanto estou procurando, eu gostaria de cobrar o seguro desemprego. E tenho uma pergunta.

Mitchell ficou vagamente alarmado. — Um... alto aí. Isso não podemos fazer aqui.

Pisquei. Ele não reparou, pois ainda estava usando óculos escuros. — Tenho que vir outro dia?

— Somos um escritório de reemprego. Isso é o que fazemos.

— Claro, concordo, e entendo, Mas não fazem...?

— Se quer se beneficiar do seguro de desemprego precisa ligar para o telefone vermelho. Ou usar a internet. Sinto muito, mas não podemos responder aqui suas perguntas.

— Vamos esclarecer. Este é o lugar ao que tenho que vir quando estou sem emprego...

— Sim.

— E têm solicitações de pensão por desemprego aqui -

— Certo!

— Mas não há nenhuma pessoa que possa me ajudar a conseguir os benefícios do seguro de desemprego.

— Sim, está no certo.

— OH, de acordo. — Isto era estranho, mas podia ser cooperativa. Provavelmente. Reclinei-me na incômoda cadeira de plástico. — Tudo bem, então, posso usar seu telefone para chamar um desses telefones vermelhos?

Mitchell estendeu suas mãos desculpando-se. — Ah, sinto muito, sabe, estávamos acostumados a deixar às pessoas fazerem isso, mas alguns abusaram dos telefones, assim -

— Então você estame dizendo que não posso ligar para o telefone de Desemprego usando um telefone do Escritório do Desemprego?

— Bom, tecnicamente, recorde, já não somos um Escritório de Desemprego — repentinamente me perguntei se um vampiro poderia embebedar-se. Decidi me inteirar logo que saísse desta fossa do inferno burocrático — e por isso é que não podemos deixa - lá fazer isso. — Ele encolheu de ombros. — Sinto muito.

Ergui meus os óculos escuros e me inclinei para frente, atravessando-o com meu olhar sinistro não morto. Era uma coisa podre de fazer, mas estava desesperada. — Preciso usar seu telefone.

— Não! — curvou-se e agarrou firmemente o telefone protetoramente contra seu peito. — Vai contra a política!

Assombroso. Estava segura de que minha magia vampirica o deixaria como massa em minhas mãos, mas aparentemente seu treinamento burocrático era mais forte que o mau antigo.

— Simplesmente terá que ir para casa e entrar em contato com sua própria moeda de dez centavos. — Respondeu bruscamente.

Caminhei em retorno à sala de espera. Escandaloso! Não sou simplesmente um pastelito não morto, sou a rainha dos vampiros!

— Não se esqueça de preencher a pesquisa de satisfação do cliente quando sair! — gritou Mitchell .

Deus, me mate agora. Outra vez, quero dizer.

Capítulo 2

As luzes vermelhas brilhando em meu espelho retrovisor produziram seu usual resultado: Uma quebra de onda de adrenalina. Não circulava *tão* rápido. E

nem sequer era um carro patrulha o que me parava me detivera. Era um Chrysler, pelo amor de Deus.

Uma das muitas pessoas dedicadas há arruinar meu dia saiu do carro e pôs-se a andar para mim. Não tinha esse lento e arrogante andar que tem os patrulheiros. De fato, corria. Reconheci-o imediatamente e gemi.

Nick Berry. O detetive Nick Berry, para ser exata, e absolutamente a última pessoa que queria ver. Tivemos um episódio quente na última primavera, e vivia com no medo de que, um dia destes, recordasse que estava morta. Ou ao menos, lembrasse de que tinha estado em meu enterro.

Sentou-se no assento do passageiro. — Hey, Betsy. Como vai?

— Abusa de sua autoridade de oficial da lei, — informei-lhe. — Quando acelerei .

— Sim, sim. Ouça, Onde estava na outra noite?

— Qual?

— No sábado? *Uh-oh*, em casa, — coloquei uma curiosidade fingida em meu tom. — Por que?

— Suponho que ninguém poderia confirma se é verdade?

Neguei com a cabeça. — Marc estava no hospital, e Jessica provavelmente estava em sua própria casa — não a vi essa noite. Por quê? O que aconteceu?

Nick se reclinou e moveu os pés através do lixo do chão do lado do passageiro. Não sabia como ele era afortunado ele, antes era pior quando ainda comia comida sólida. — Droga, alguma vez podou um carro? Quantas batidas podem beber em uma semana?

— Não lhe importa. Agora parar e ir aos maus.

— Vou precisar de uma injeção do tétano quando você sair daqui, — queixou-se, chutando uma taça vazia do Seven Up com a ponta de sua bota.

— Sério, Nick, O que acontece? Vamos, se não me der uma multa -

Ele negou com a cabeça. — É uma estupidez.

— Bom, imagino.

— Não, de verdade é estúpido. — Enquanto balbuciava, deixei que meu olhar vagasse sobre seu cabelo loiro, sua compleição de nadador, seus olhos cinzelados, girei rapidamente o olhar de novo à estrada, que é onde pertencia. Assim foi como tínhamos nos metido em problemas da última vez. Acabava de me elevar como vampiro, estava incrivelmente sedenta, ele tinha aparecido convenientemente no lugar adequado, bebi seu sangue e ficou aturdido. Durante muito tempo. Sinclair teve que aparecer e arrumá-lo. Ainda não tinha nem idéia do que - se for algo - recordava Nick.

— ...e esse condutor velho e louco do táxi te descreveu. Vamos, existe um infinito número de loiras nos arredores do Minneapolis, mas não igual. A descrição se assemelhava muito a você. Foi a referência aos sapatos, que me lembrou.

— Bem, obviamente não era eu, — menti. — Dou.

— Dou? Não escutava *isso* há, ao menos, quinze anos. Mas de toda forma, acredito que poderia ter razão. Toda a história era simplesmente... acredito que o tipo estava... não sei ,talvez algo disso tenha ocorrido realmente, e o outro pouco imaginou, ou o fez para conseguir atenção. Parecia um tipo solitário. — Nick esfregou as têmporas de um modo que me deixou claramente nervosa. — Eu...algumas vezes tenho sonhos e *parecem* muito reais.

— Isso acontece com todo mundo. — Deveria olhá-lo com olhar vampírico? Isso interferiria com o que Sinclair fizesse, ou melhoraria as coisas? — Talvez precise de férias.

— Foi divertido o que correu a primavera passada, — disse, trocando de tema. Ao menos, *pensou* que trocava de tema. — Não todo mundo se encontra em um enredo como o teu.

— Ainda acredito que foi minha madrastra me pregando uma brincadeira. Embora não digo que não gostaria de lombriga morta.

— Mas organizar um falso enterro - Ou houve um enterro? — Ele esfregava as têmporas com tanta força, que as deixou rosadas. — Sonhei sobre isso, mas em sua melhor parte eu... eu...

— Nick, basta! Gritei, esperando distraí-lo. — Tenho coisas para fazer. Vai sair de meu carro ou o que?

Suas mãos caíram imediatamente em seu colo, e pareceu sair do estado de transe que tinha estado. — Sinto muito, Betsy, — disse sarcasticamente. O que há ? Uma venda de sapatos em alguma parte?

— De fato, Tem. Olhe, espero que agarre ao mau -

— Sim, sim, estou seguro de que está em brasas. Não importa. Vi seu carro e não pude resistir. Mas, tenho que retornar.

— Bem. Foi agradável te ver outra vez.

— Para mim também. Mantenha-se longe dos problemas. — Sorriu para mim e saiu do carro. — Um bom dia.

— Adeus! — Gritei e esperei até que partisse antes de pôr o carro em movimento. Menos mal, tremia como uma folha. O pobre Nick avançava lentamente pela verdade, e não tinha nem idéia. Desejei poder confiar nele, mas muitas pessoas sabiam meu pequeno e sujo segredo não morto.

Além disso, uma vez *tinha* acreditado nele. E *tinha* sido um desastre absoluto. Não cometeria o mesmo erro duas vezes.

Uma hora mais tarde estava no lugar mais refinado e mais glorioso do planeta: O Mall da América se for um comprador, é o Céu na Terra.

Decidi que a caminhada através do primeiro nível do Macy me daria ânimos, e logo afogaria minhas magoas em dois ou dez daiquiris no quarto andar.

Como qualquer grande idéia, o Mall (nunca "o Mall") é algo familiar, feito muito bem. Muito maior. Todo mundo estaciona em um estacionamento e entra caminhado em uma loja. Aqui tem que andar um comprido, comprido trecho para chegar à loja. Isto ajuda a decorar a vaga que estacionou. Sabe que a maioria dos estacionamentos nomeia suas seções com dois ou três animais? "Oh, coração, não esqueça que estacionamos na seção do bonito titi". O Mall é tão importante, que não podem usar animais. Os animais são insignificantes. Eles usam estados. E não estados pequenos como Rhode Island, a não ser estados grandes e conhecidos como Califórnia e Telhas.

Estacionei em Telhas e cruzei a pequena rua lateral para o Macy's. Como sempre, estava deslumbrada pela beleza do edifício. O tijolo vermelho e as janelas muito altas me recordaram, não ria, a uma igreja. E a estrela que usavam em lugar do apóstrofo, no Macy's parecia Divina.

Uma vez dentro, inspirei a fragrância do lugar, couro, algodão, e limpador de chão. Antes de ser despedida do trabalho, era secretária. Agora estava desempregada, a menos que contasse como trabalho ser a rainha dos vampiros, que não o fazia, porque não pagavam uma merda. Além disso, a maioria dos dias duvidava que fora a rainha. Certamente os outros vampiros com os que ultimamente eu cruzava não acreditavam. E Sinclair... Não me importa Sinclair. Não ia pensar nesse imbecil.

Aproximei-me do departamento de calçados como uma pomba mensageira loira dirigindo-se a casa. Sapatos, Sapatos por toda parte! Ah, doces sapatos. Realmente acredito que se pode julgar uma civilização olhando seu calçado.

Porque estava em um grande armazém, fiquei rodeada de uma distorção temporária. Embora quatro de julho estava a menos de uma semana, o departamento de calçado tinha em exibição todas as cores e estilos de outono. Isso estava bem. Já tinha vinte e dois pares de sandálias.

Olhei a fila de botas Kenneth Penetre, finalmente desprendi um par vermelho vibrante e toquei o couro, seriam espetaculares com meu casaco negro, mas já tinha um par de botas vermelhas. Hmm... deveria ter outras diferentes?

Também revisei os artigos de calçados Burn. Supostamente todos eram feitos à mão – e por duzentos dólares o par, melhor seria que fossem assim – mas nunca

tinha provado um. Pode que quando encontrasse trabalho, me desse de presente isso mesmo, ou o tentaria.

Típicas do Macy's, todas as vendedoras me ignoravam porque não agitava notas de cinquenta dólares para elas. Golpeei ligeiramente no ombro a mais próxima. — Me perdoe, posso ver a nova coleção de Etienne Aigners?

Ela me olhou por cima de meus óculos negros, uso olhos de gato. A propósito, uma cor muito rude para meu rosto. Faziam que minha pálida pele ficasse até mais pálida, e meus olhos marrons opacos. — Sinto muito, senhorita, não temos.

— OH, claro que têm. Entendo que não tenham tido tempo de colocá-los em exibição, mas eu gostaria de vê-los.

Pude ver outra vendedora e um homem quase calvo, com um formoso traje Armani, nos observando de longe. Ele carregava uma pasta com a etiqueta do Macy'S. A mulher cravava os olhos em sua colega de trabalho, que, obviamente, acordou essa manhã com necessidade de ser inútil.

— É verdade, não temos nenhum ...

— Com quem pensa que estas falando? — Perguntei impaciente. — Os Aigners acabam no mínimo seis dias após o recebimento. Provavelmente vocês os têm há quatro. Simplesmente quero ver se já foram tiradas umas sandálias de verniz de cor lavanda como se supôs que faria.

— Escuta, você...

— *Brigid*.

A vendedora olhou para as pessoas que estavam nos observando. Eu tinha ouvido eles aproximarem-se, mas ela não, por isso saltou do susto e ficou terrivelmente culpada.

— Sim, Sr. Mason?

— Por favor, venha até meu escritório. Preciso falar com você. E Renée — virou para a outra vendedora — por favor leve a nossa cliente à parte de atrás e lhe mostre os Aigners.

— Há! Digo, obrigada.

— Por aqui senhorita, — disse Renée, sorrindo. Ela era mais baixa que eu, uns dez centímetros, com o cabelo cor café, reflexos vermelhos, e uns olhos cor avelã, que olhavam o mundo através de uns clássicos óculos metálicos. Tinha muitas e autênticas sardas, muito marcadas. Tinha posto um traje com quadros vermelhos e negros, leggings negra, e sapatos negros Nine West. Bonita, uma "garota inteligente que levava caminho de ser elegante".

Guiou-me através de uma porta para a parte de trás da sapataria e logo soltou uma risada. — Céus!! Falo da Brigid. Está frita. Ela achou que os tirariam de exibição anteontem.

— Nunca te coloque entre uma linha nova de sapatos e eu, — respondi. — Outros já lamentaram. Acredito que deveria terminar com uma risada sinistra, porque soa como algo sinistro.

Renée bufou e me levou até as estantes de desconto. Os Aigners se encontravam pulverizados por todo o chão, juntos com os restos do Nine West da última temporada.

— OH, pela humanidade! — Fiquei sem fôlego quando vi a desordem.

— É um *grande* problema, — resmungou Renée.

— Me ajude a pôr isto em ordem!

— Uh... bom. Não tem que fazê-lo. São simplesmente sapatos.

Firmei um pé depois o outro, e não confiei em mim mesma para responder. Em vez disso, comecei a trabalhar, e Renée me ajudou.

Depois de dez minutos, tínhamos todos os Aigners alinhados como soldados mortos, perto da porta. Estavam com um pouco de poeira, mas não danificados. Apartei os Nine Wests de bico longo. Ai de mim, não havia sandálias de verniz cor lavanda.

Menos mal, de qualquer maneira hoje não podia me permitir o luxo de comprar sapatos.

— Isso está melhor, — falei, tirando o pó de minhas mãos. Ouvi como se abrissem a porta atrás de nós, mas como Renée não reagiu, não me virei para olhar. Vá rapaz, como eu fazia antes, sem ouvido de vampiro?

— Não demore para levar estes à loja.

— Sabe muito de sapatos, — disse Renée, me observando. — Nem sequer me dava conta de que os sapatos Jude estavam misturados com outros, e já trabalho aqui há quatro meses.

Tentei não tremer ante sua ignorância, não seria agradável. Felizmente, o homem me resgatou.

— Me perdoem, senhoras. Encontrou o que procurava?

— Infelizmente, não. Talvez os façam para a próxima temporada.

— Mmmm. — Sua placa dizia John Mason, encarregado general. Parecia-se com o contador de meu pai... quase calvo, com óculos, um bom traje e bonitos sapatos. Cheirava ao One do Calvin Klein e a batatas assadas ao forno. — Agora estamos com poucas vendedoras para o departamento de sapataria, — anunciou. Renée franziu seus vermelhos lábios em um assobio silencioso e olhou com assombro para mim, onde Mason não a podia ver.

– Esta por acaso procurando trabalho?

Olhei-o fixamente. John Mason, encarregado general, era um gênio ou um telepata.

– Sim! Que coincidência você me perguntar isso!

– Não. – Apontou para minha bolsa, onde o formulário que tinha obtido do centro de reemprego aparecia. – Gostaria de trabalhar aqui? Sem comissão... – Adicionou sério. – Posso pagar nove dólares por hora.

– Concordo! Quando posso começar?

– Preciso que trabalhe na parte da tarde, de quarta-feira a sábado. – Advertiu ele.

– Claro que sim! De todos os modos, só posso trabalhar as noites.

– Ok então.

Antes que eu pudesse beijá-lo na boca, o Sr. Mason já tinha me conduzido para Recursos humanos e conseguido os papéis do emprego. Ao princípio estava um pouco preocupada, tinha morrido por volta de três meses, atrás. Serviria ainda meu número de seguro social?

Servia. Obrigado, atraso burocrático!

Quando a papelada terminou, o Sr. Mason me entregou o crachá com meu nome e me deu boa noite.

Dizia Betsy Taylor.

Dizia, Macy'S.

Betsy Taylor Macy'S. Uau Ah, só ... uau. Totalmente uau.

Fora da loja, dei um pequeno salto de alegria... e quase caí sobre um carro por equívoco. Fiz igual a antigamente, mas com a diferença que agora estou morta!!

Uau! Eu estou trabalhando para o Macy's! Isso era como ter uma raposa trabalhando em uma granja de galinhas. Isto não poderia ser melhor.

Capítulo 3

Corri para minha casa na Apple Valley, para contar a Jessica, tudo sobre o meu novo trabalho. Mas um incrível fedor me atacou ao entrar, e quase não pude passar.

Parei nervosa na entrada durante um minuto, me debatendo, e finalmente disse a mim mesma, ..."pois bem, derrotou o vampiro mais mau do planeta, faz apenas alguns meses, assim também posso fazer isto."

Abri a porta principal e me deixei levar pelo instinto para o quarto de banho, onde minha melhor amiga estava inclinada sobre o vaso sanitário.

– Ainda com gripe? – Perguntei com compaixão.

— Não quero escutar perguntas estúpidas de vampiros. — gemeu. Estava com náuseas outra vez. Observei que tinha comido uma torrada e sopa de galinha para o almoço. — Use sua super força para me cortar a cabeça, por favor.

— Pare de choramingar, Jess, Quanto tempo está aqui dentro?

— Que dia é hoje?

Notei que ela não tinha tido tempo para acender a luz do banheiro, em sua pressa, e tinha errado o vaso sanitário. OH, bem. De qualquer maneira, a parede precisava de pintura.

Quando terminou vomitar, levantei-a como a uma boneca grande e a levei para a cama utilizada por visitas. Antes de virado vampira, não teria conseguido fazer isto. Jessica era alguns centímetros mais baixa que eu, e quase tão gordinha como um sinal de stop, mas era alta, magra e difícil de carregar. Agora, claro está, mais magra.

Levei um copo de 7-Up e uma toalha molhada, ela limpou-se o melhor que pôde, logo a levantei e retornei correndo com ela ao banheiro para que pudesse vomitar a soda.

— Talvez seja hora de ir ao hospital, — falei nervosa. Estava vomitando há dois dias.

— Marc pode me aplicar algo quando chegar em casa. — disse. Sua voz ficou com eco, porque sua cabeça estava completamente dentro do vaso sanitário. Felizmente, tinha cortado o cabelo na semana passada.

Marc era meu colega de quarto, um residente do Hospital do Children no Minneapolis, mudou-se comigo na semana em que despertei morta. Jessica tinha uma *pequena* casa de sete magníficas habitações, muito chique, na Edina, mas passava a maior parte do tempo na minha casa.

— Há alguma boa razão para que esteja doente, aqui — perguntei, — em vez de em sua casa?

— Não sabe como tem sorte, — respondeu, ignorando minha pergunta, — estando morta.

— Agora mesmo estou de acordo com você. Ouça, Adivinha o que? Encontrei trabalho.

— Isso é bom. Olhou para mim, seus olhos, cor de café estavam fundos. Ela estava melhor no dia do enterro de seus pais. — por que esta parada aí? Por que não está me matando?

— Err, Sinto muito. — Tomei fôlego através de minha boca. Felizmente só tinha que fazê-lo duas vezes por hora. — Sabe isto me lembra os seus vinte e um anos. Lembra?

— Essa noite é — ela *pensou* por um segundo, logo continuou — um borrão.

— Bom, você misturou chã de hortelã com vermute, e logo começou com o Jack Daniels e tequila. Tratei de te obrigar a baixar a velocidade, e você me disse que era para eu calar a boca e te trouxesse um Zima com bourbon. Depois...

— Alto!

— Sinto muito. — Vá, não tinha sido um passo muito brilhante. Mas essa tinha sido a última vez que tinha estado assim, doente. — Se fosse um homem, ou gay, eu poderia te hipnotizar e fazer dormir. Suponho que poderia provar e te bater com algo na cabeça...

— Só me ajude a voltar para a cama, garota morta.

Fiz o que ela pediu. Já estava listada para ajudar e quis retornar ao Macy's nesse mesmo momento.

Em vez disso, voltei a deitar Jessica, que dormiu enquanto eu estava agasalhando-a, e a deixei para começar a limpar.

Encontrei na cozinha alguns prendedores de roupas na gaveta das coisas inúteis. Não me pergunte por que, nunca tive varal para estender a roupa. As gavetas de coisas inúteis são milagrosas, as coisas que aparecem nelas, porque havia cupons grátis de sementes para pássaros? Jamais tive um pássaro.

Com a pinça sobre o nariz, as luvas de borracha Playtex em minhas mãos, e pensando na linha primaveril do Ferragamos, não poderia esfregar o banheiro sem o sangue que tinha tomado fazia três horas. Meu doador foi um amável ladrão de carros que estava mexendo, nervoso na direção de um Pontiac Firebird quando o encontrei. Depois de tomar o que necessitava, chamei um táxi para ele. Já era ruim ser uma sanguessuga com pernas, não ia ser cúmplice de um furto maior.

Limpava o vaso sanitário com o pano de chão quando ouvi uma batida. Fui rapidamente abrir a porta da sala, antes que a Jessica pudesse acordar.

Tina estava ali parada, com olhos grandes e esperançosos. Observou as manchas que estava e tampou a boca com uma mão para reprimir a risada.

— Me largue, — Sugeriu. Ainda não falava com ela. Graças a ela, e ao Sinclair, eu era a rainha dos não mortos. Um pequeno feito que tinham escondido até depois de que Sinclair e eu começamos a namorar. Não poderia haver perdão!

— Por favor, posso entrar, Majestade? — perguntou, com os lábios muito trêmulos

— Não. E não me chame assim. — De todo jeito, ainda estava com a porta aberta, eu gostei do momento em que a conheci. É óbvio, cada vez que alguém salvava minha vida, inclinava-me a me sentir afeição.

E exceto por sua lealdade inquebrável para o Sinclair, que a impulsionava a fazer as coisas mais irritantes, como me fazer rainha dos vampiros, era muito agradável. Velha, algo entre cento e poucos anos – mas estupenda. Não atuava ou

falava como uma senhora, embora pudesse ser rígida algumas vezes. E parecia com uma modelo fotográfica do Glamour com seu comprido cabelo loiro, maçãs do rosto altas, e os olhos cor pensamento, tão escuros e enormes que pareciam ocupar meio rosto.

— Que demônios faz? E o que é esse fedor?

— Estou limpando, — respondi nasalmente. Arranquei o prendedor do meu nariz. — a Jessica está com gripe.

— Sinto muito ouvir isso. Gripe. Não tive isso em... — Seus olhos ficaram pensativos. — Hmm.

— Fascinante. Olhe, o banheiro fede como se alguém tivesse morrido ali dentro. Não estou exagerando, se fosse verdade saberíamos, tenho que voltar.

— Me deixe fazê-lo, — sugeriu-a.

— Esqueça. — falei sobressaltada. É um trabalho que não desejaria nem a meu pior inimigo. Ou ao Sinclair.

— Esse trabalho está abaixo de sua categoria.

— Sou eu que julgo o que está abaixo para mim, juvenzinha. — Respondi bruscamente. — E como vê, limpar o vomito é totalmente meu assunto.

— Insisto, Majestade.

— Lástima. Além disso, não pode entrar sem minha permissão. Há! E outra vez digo, vá.

Ela arqueou as escuras e delicadas sobrelanceiras, como antenas de mariposa, e atravessou a soleira.

— Sinto muito. Isso é um conto de velhas. Além disso, Eric e eu estivemos por aqui, muitas vezes na primavera passada, você lembra?

— Estou tentando esquecer da última primavera. — Dei-lhe o prendedor.

— Além disso, se pensar nisso, tem pouco sentido, — disse brandamente. — por que não poderia um vampiro ir e vir como quisesse?

— Economize a conversa, e se for entrar sem convite, seja útil, quer limpar? É minha convidada.

Entrou tão ansiosamente, que na realidade me senti perversa durante uns segundos. Estava muito desesperada para me agradar.

Não era meu problema.

— Então, o que precisa? Por que veio?

— Para implorar seu perdão, outra vez, — respondeu sobriamente.

— Primeiro limpa. — Aconselhei. — Depois implore.

Tina fez tanto ruído como um ninja, mas de todo jeito Jessica sentou quando entramos no dormitório. — O que? — Disse confusa. — Tina? Que...?

— Pobre Jessica! — Tina se aproximou do lado da cama. Suas delicadas fossas nasais arderam, mas manteve o rosto refinado e educado. — Se a memória não me enganar, a gripe é um espanto. Pôs uma mão na testa da Jessica. — Deve se sentir horrível.

— Sim e para ser bem humorada, — gemeu Jessica. — Suas mãos mortas e frias são simplesmente espetaculares. Por que deixou ela entrar Betsy, pensei que ela e o galante rei ainda estavam na lista negra.

— Não fale assim, — resmunguei.

— Tem piedade de mim. Dorme, amorzinho — Apaziguou-a. - Quando despertar, você se sentirá muito melhor.

De qualquer jeito, os olhos da Jessica se fecharam e roncou felizmente.

— Nossa!! — Fique impressionada, embora não quisesse. Tina é bissexual, acredito que seja porque tem poder sobre homens e mulheres. — Bom trabalho! Não sabia que podia curar a gripe.

— Obrigada. O pano de chão para esfregar?

— Ao lado do vaso sanitário, mas a sério, é muito deprimente. Deve ter coisas mais importantes para fazer, que limpar meu banheiro... — comentei, seguindo-a ao banheiro — é quase fim de semana, por Deus.

Tina se sobressaltou com "Deus". Os vampiros são muito suscetíveis com a religião.

— Na verdade tenho algumas notícias.

— Sinclair se converteu em um montão de cinzas? — Perguntei esperançosa.

— Ah... não. Mas é gracioso que diga isso. Recebemos informações de muitos vampiros estacados.

— E?

Olhou-me.

— Ah, não, — gemi. — E este problema é meu?

— É a rainha.

— OH, Então tenho que proteger os vampiros da cidade?

— Na Verdade os vampiros do mundo, — disse brandamente. Por sorte estava perto da banheira, porque de repente, precisei me sentar.

Capítulo 4

— Então, alguém esteve correndo de um lado a outro matando vampiros?

— Sim. Certamente mais de um. Suspeitamos de uma equipe de choque.

— Nós, você quer dizer Sinclair e você?

— Sim.

Bebi o resto do chá e me levantei para preparar uma xícara recém feita. O banheiro cintilava como recém saído de um anúncio publicitário de limpeza de banheiros, Tina podia esfregar como um demônio. Esfregaria o demônio? Perguntei-me futilmente. Nota para minha mesma: Averiguar.

— Olhe, Tina, sem intenção de ofender, não estou segura de que isto seja necessariamente uma má coisa.

— Não tomo como uma ofensa, — disse com secura.

— Simplesmente não acredito que seja meu trabalho proteger os vampiros da cidade, isso é tudo. Merda, estive protegendo à cidade deles. O que é o que acontece com as sanguessugas com patas, que têm que machucar sua comida? Huh?

Ela cravou os olhos em sua xícara e não respondeu.

— O que tento dizer é que, justo o outro dia, ocupava-me de meus próprios assuntos, quando tive que separar um sanguessuga de seu almoço. Não só foi muito grosseiro com sua comida, mas também derrubou um táxi da cidade e assustou como a merda um motorista, simplesmente por puro gosto. Só porque podia.

Apesar disso, Tina não disse nada. Sabia que seus doadores estavam cem por cem desejosos, mas era ainda embaraçoso ser associado com os tipos maus.

Rompi o silêncio. — Então, esta brigada de choque ou o que seja, acredita que tem todo o direito de tratar os vampiros como carne de vaca. Verdade? Verdade. E tenho que me envolver? Por que diabos?

Tina ficou em silêncio por um longo tempo, logo finalmente disse, — É tão jovem.

— OH, claro, me joga outra vez na cara.

Mas ela tinha um bom ponto. Quatro meses atrás, tinha sido uma ninguém viva. Agora era uma monarca morta. Mas ainda recordava como era respirar, comer, e caminhar sob o sol. Eu me preocuparia se alguém matava os vampiros?

Não.

Para ser absolutamente honesta, a maioria dos vampiros eram uns pentelhos, não podia recordar quantas pessoas já tinha salvado de serem mastigadas, simplesmente porque os vampiros se sentiam vítimas. É como se uma vez que ressuscitavam de entre os mortos, passassem o resto do tempo desforrando-se por serem assassinados.

— Imagino que se sente... rasgada, — disse Tina.

— Mas bem chateada e muito zangada.

— Mas apesar de tudo, alguém mata a sua gente.

Não disse nada. Tristemente, Tina não se deu por vencida. Em troca, continuou, — Precisamos detê-lo imediatamente.

Sentei-me frente a ela com a xícara de chá recém feito. — OH, homem, — suspirei. — Olhe, me deixe pensar nisso, tudo bem? Acabo de conseguir um novo trabalho, minha amiga esta doente, meu pai esta assustado comigo, meu carro precisa de uma troca de óleo, provavelmente temos cupins, é quase fim de semana. Estou muito ocupada neste momento.

— Tem trabalho?

— Uh-hum. — Tratei de ser modesta. Nem todo mundo poderia conseguir o trabalho de sua vida. — Vendo sapatos no Macy'S.

Outra larga pausa. — Vai trabalhar em um centro comercial?

Tina não pareceu tão bajuladora como eu tinha esperado. Estranho.

— Não *um* centro comercial, *o* Mall, e sim, assim é que meu prato esta bastante cheio agora mesmo. Além disso, tenho que trabalhar amanhã. No Macy'S. No Mall. Poderíamos continuar com isto mais tarde?

Ela deu um murro sobre a mesa e fiquei olhando. — Suponho que poderia reunir toda a informação que temos e trazer mais tarde para que a olhe.

— OH, verdadeiramente resumida, me escreva um memorando.

— Um memorando...

— Vá! — Cravei os olhos em minha boneca. Esqueci de pôr o relógio outra vez, maldição. — OH, olhe a hora! Isto foi genial, mas tenho que ir.

— É tão sutil como um tijolo na frente. Voltarei.

— Isto é genial. Um Terminator não morto, simplesmente o que preciso em minha vida, dê ao Sinclair uma bonita patada no traseiro dele, por mim.

Ela inspirou. — Não há necessidade de ser rude.

É obvio, ela era uma morta equivocada. No que se referia a Sinclair, se havia necessidade.

Quatro Dias Mais Tarde

— Um, Sr. Mason, Tem um minuto?

Estávamos na parte de atrás da seção de empregados, e a entrada do escritório do encarregado. Com um sofá de bom gosto em cinza que se repetia por toda a habitação; não havia nem um só quadro, desenho infantil, convite, ou folha de inscrição para o Softball, parecido com tachinhas em nenhuma das paredes do escritório. Exceto por um ordenador, seu espaço de trabalho estava vazio. O lugar era tão austero como a cela de um monge. Era impressionante e horripilante ao mesmo tempo. — Mas se esta ocupado...

— Estou Betsy, mas me alegro de que tenha vindo... preciso falar com você.
 — Tirou os óculos - É uma regra que se for gerente tem que levar os óculos? - Fez um gesto para que me sentasse, e logo limpo os cristais em seu suéter, que, estranhamente, estava metido por dentro de suas calças. — Mas primeiro, o que posso fazer por você?

— Uh, pois é que meu cheque me pareceu um pouco ligeiro. Não é que não tenha sido espetacular ter um cheque do Macy's, porque o foi. Mas ainda assim... esperava um pouco mais. Pensei que talvez não tenham contabilizado todas minhas horas de trabalho, ou algo assim.

Estendeu a mão, e lhe dei meu cheque. Releu-o uma vez e logo me devolveu.

— Bom, descontaram os dias não trabalhados, o imposto federal, o imposto estatal...

— De acordo.

— E o que você comprou na loja, quando foi admitida

— De acordo. O que? — Caralho! Tinha comprado algumas coisas para celebrar meu novo trabalho, mas não tinha idéia que havia gasto quatro quintos do meu salário, antes de poder recebê-lo. Malditos fossem, os saltos altos azul anil da Liz Claiborne!

— OH, — Estava segura de que pareci tola. — Esqueci disso. Sinto ter lhe incomodado.

— Um momento, por favor, Betsy. Gosta de ser da equipe Macy?

— Está brincando? É genial! É como um sonho que virou realidade!

— Fico feliz, e por uma ou duas pequenas exceções, é agradável tê-la trabalhando aqui.

— Uh-OH, — respondi tristemente.

Sorriu. — Primeiramente, seu conhecimento em reconhecer o calçado somente pelo desenho não tem comparação aqui na loja, me excluindo.

Modestamente afastei minha franja do rosto. *Exceto por mim, minha bunda*. Mas fui simpática. - Obrigada.

- Entretanto.

- OH, aqui vamos.

- Notei que você faz alguns clientes trocarem suas escolhas ... mas somente alguns.

Não disse nada, e lutei contra o impulso de me retorcer em minha cadeira. O fato é, que se alguém entrava calçando uns sapatos horivelmente maltratados, odiava ter que lhes vender um de meus bebês finamente feitos. Quem sabia o que podia passar? Uma vez que os sapatos estavam fora de loja, estavam além de minha esfera protetora. Tinha que cuidar de meus bebês de couro!

— Bem, — respondi finalmente, — eu não gosto de ser uma dessas vendedoras insistentes.

— Isso é admirável, mas tampouco deveria ser uma vendedora que não vende sapatos. Por favor, pense nisso.

— Tem razão, — respondi humildemente. Durante um minuto joguei com a idéia de hipnotizá-lo para que me deixasse vender para quem eu quisesse, mas logo mudei de idéia. Nunca gostei de obrigar às pessoas a obedecerem minha maligna vontade e só fiz isso em momentos de crise... como quando morria de fome, ou precisava entrar na fila do cinema.

Jurei que venderia uns sapatos a próxima pessoa que me pedisse ajuda. Não importava quão sujos estivessem seus sapatos, estimentos gastos, ou se seu delineador estava deslocado ou a cor de seu lápis de boca não correspondia com seu delineador labial; venderia-lhe algo fabuloso e manteria um sorriso em minha cara ao mesmo tempo, embora logo que o cliente saísse eu tivesse que correr para a sala empregados e tivesse que vomitar.

Retornei ao departamento de vendas, procurando com o olhar um provável cliente. Ah! Ali havia uma, e estava, realmente, muito bem vestida — jaqueta de linho e calças azul marinho. Bons sapatos. Tinha mais ou menos a idade de minha mãe, e estava observando botas Beverly Feldman.

— Olá, — respondi alegremente. Ela saltou do susto e quase caiu em cima do mostrador. Agarrei seu cotovelo e a estabilizei, muito forte, e seus pés deixaram o chão durante um momento. — OH! Não foi minha intenção assustá-la.

Ela se voltou para me olhar, seus olhos tão abertos que pude ver o branco ao redor de suas pupilas. Ouvi o batimento do coração que começava a desacelerar, e me senti de verdade, autenticamente mal. — Não se preocupe querida! Não te ouvi se aproximar!

— Sinto muito. — *Bom trabalho, Betsy, é uma retardada. Já se recusou a realizar vendas, já assustou seus clientes. Os estúpidos pés silenciosos não mortos.* — Não tinha a intenção de assustá-la.

Ela me olhou atentamente. — Por que usa óculos escuros?

— Tenho os olhos sensíveis, — menti. — Luz fluorescente me faz mal. — Uh... só queria saber se tinha alguma pergunta.

— *Sim*, tenho uma pergunta.

Todo o cabelo do meu braço se arrepiaram e quase estremeci. Conhecia essa voz. O vampiro Eric Sinclair, burro e trapaceiro. E meu marido, me ajude Deus. Era o cúmulo do ridículo: A maior parte dos vampiros pensava que eu era sua rainha, e que Eric era seu rei. *Meu rei.*

Endireitei-me e olhei fixamente para longe. — Sim, Satanás? — Me voltei lentamente, e fingi um grande sorriso para Sinclair. — Ui! Sinto muito, Sinclair. Confundi-te com outra pessoa.

Ele estava usando sapatos fabricados por Liberty ankle boots, com os braços cruzados sobre o peito, e com uma careta de desaprovação na boca. Como sempre que eu o via, meu coração não morto se enlouqueceu. Uma verdadeira ironia: tinha tido que morrer para encontrar alguém realmente espetacular, e resultou que não podia agüentá-lo.

Estava vestida com calça de linho negro, uma camisa azul, e mocasins com meias três-quartos. E estava usando uma jaqueta negra, que parecia ser do Kenneth Penetre.

Como sempre, seu carisma era como uma onda tempestuosa. Tinha que resistir ativamente ao desejo de cruzar os dois metros que havia entre nós e pôr minhas mãos em sua jaqueta, e ostensivelmente comprovar a etiqueta. Ele era ainda o tipo mais arrumado que já tinha visto com toda sua altura, sua constituição magra e musculosa, o cabelo negro, e os olhos mais negros ainda. Os olhos, de fato, de um diabo.

Sem mencionar a boca de um diabo. O homem sabia beijar, e isso era um fato. Era uma das coisas mais revoltantes a respeito dele. Nunca me pediu um beijo. Nem sequer uma vez. Simplesmente tomou o que tinha gostado. Odiei-o, e me odeie mais ainda por desejá-lo.

— Simplesmente não acreditei.

— O que? — Não prestei atenção nele.

O momento tinha parecido provavelmente mais comprido do que foi. Não o tinha visto desde a noite que matamos a nosso inimigo comum, Nostro, e nos separamos. O que posso dizer, tinha sido uma semana estranha.

Olhei minha cliente, que olhava fixamente com a boca aberta Sinclair. Sua respiração quase se deteve. Seu coração ainda galopava. Dei-lhe uma cotovelada. — Temos várias botas maravilhosas nesse estilo.

— Estava seguro de que Tina estava equivocada. Ou posso ir lá trás e procurar por algo mais. — *Assim que mandae este fossa do inferno capitalista para vê-lo por mim mesmo.* Voltei-me — Você se importaria ? Estou... *aagghh!* — Tinha cruzado a distância que nos separava com sua horripilante e usual velocidade, e quando girei quase tinha batido em seu peito.

— Isto é intolerável.

— Companheiro, não sabe nem a metade, — disse aos botões de sua camisa. Coloquei as mãos em seu largo peito — Oooh, mama! —E o além de um empurrão dei um passo para trás. — Vai embora, estou trabalhando.

— Minha rainha, — disse, me olhando encolerizado, — não trabalha.

— Eu trabalho ... — respondi imediatamente. — E ouviu o que você disse? Droga ! Eu sabia que você foi um estúpido antiquado, mas até você tem que saber que agora as mulheres podem trabalhar. E maldição! E você me fez falar “maldição” no trabalho.

— Nenhuma esposa minha vai vender calçado recebendo um salário mínimo.

— Respondeu bruscamente. — Pegue suas coisas agora mesmo. Retorne para minha casa... nossa casa, que é o que deveria ter feito fazem três meses.

— Que casa? A última vez que olhei, sua mansão era uma montanha de cinza.

— Ignorei a punhalada de culpabilidade. O refúgio de trinta quartos do Sinclair tinha sido incendiado a noite que me seqüestraram e virtualmente . Então matei o tipo ruim e depois me enrolei com Sinclair. Uma semana maluca. — Não há maneira de que a tenha reconstruído em três meses.

— É Verdade, — admitiu. — tenho uma suíte no Marquette para Tina e os outros.

— Vampiros morando no Hotel Marquette?

— O serviço de habitações noturno é excelente, — disse à defensiva. — E seu lugar é a meu lado. Não neste monumento à avareza do consumidor, esperando *turistas*.

— O que você é, o Fred Flintstone dos vampiros? Claramente nunca nos conhecemos, ou esqueceu tudo o que sabia de mim. — Segurei sua mão e a sacudi como uma republicana que sou. Sua mão estava fria, e era o dobro da minha. — Olá, sou Betsy. Sou uma feminista que trabalha para ganhar seu próprio dinheiro, e não recebo ordens de um imbecil, não me importa o tamanho de suas presas. Foi agradável te conhecer.

Ele tinha essa expressão familiar em seu rosto- a cólera guerreando com um sorriso. -- Elizabeth.

Controlei um tremor. Ninguém dizia meu nome como ele. Acima de tudo, ninguém me chamava Elizabeth. E tampouco o fazia ninguém com esse tom rico . Disse meu nome da mesma maneira em que os diabéticos falavam a respeito dos sorvetes de caramelo banhados em xarope quente. Era adulator, e muito perturbador.

Tinha estado sacudindo sua mão, mas agora ele agarrava as minhas . Isto era exasperador, para não dizer algo pior. Podia levantar um carro, e sustentá-lo. E Sinclair era o dobro mais forte que eu. — Elizabeth, seja razoável.

— Não é minha descrição de trabalhar.

— Você teve um êxito admirável sabia? Vim até você. Você ganhou. Agora volta comigo e... — veio mais perto. Seus olhos negros encheram meu mundo — discutiremos algumas coisas.

Tratei de separar minha mão, sem sorte. Resisti ao desejo de chutá-lo no joelho para me liberar.

— Já tive com você discussões suficientes. — Falei firmemente, esperando que ele não notasse como eu estava aturdida. Mencionei que por cima de tudo, Sinclair é realmente bom discutindo coisas? Poder-se-ia dizer que estes bate-papos um a um são sua especialidade. — Enganou-me, usou-me e me absorveu literalmente. E eu conseguir este trabalho não tem uma maldita coisa há ver com você, imbecil presunçoso.

— Então por que esta aqui? — perguntou, honestamente intrigado.

Este homem é impossível. — Porque tenho que trabalhar, idiota! Tenho contas a pagar.

Soltou minha mão e se endireitou. Isto foi um alívio - já não estava sobre mim como um formoso Bela Lugosi - e uma decepção. — Tenho dinheiro, — disse, tentando um sorriso. Fiquei espantada, porque sabia que ele estava se contendo para não me jogar sobre seu ombro e correr para a saída de emergência.

— Bom para você, não é meu, sabe. Nada teu é meu.

— Mentira.

— Vai parar de falar? Agora vai embora, tenho mais duas horas mais de turno.

— Te ordeno que renuncie a seu trabalho.

Cai na risada. Na verdade tive que me apoiar contra ele para evitar cair. Foi como me apoiar contra uma pedra que cheirava fenomenal. Finalmente limpei os olhos e disse — Obrigada, precisava disso, foi um dia muito comprido.

— Falo sério.— disse ele glacialmente.

— Eu também! Agora vai embora, mentiroso. Procura alguma outra garota bonita e tola para mentir.

— Nunca menti para você.

— Esta mentindo agora mesmo! Ooooh, tem o descaramento de me dizer isso, seu *asno*. Você...

— Ahhh Betsy? Há algum problema?

Ambos nos voltamos. Sinclair deixou escapar um pequeno grunhido, exasperado pela interrupção. Como se não tivesse suficientes qualidades odiosas, ele era incrivelmente arrogante e acreditava firmemente que os peões deviam manter distância.

Meu chefe, o Sr. Mason, estava de pé perto da caixa registradora. Carregava uma de suas pastas. Tinha ao menos cinco, cada um com uma pluma de diferente cor anexa e presente por um broche de pressão com um cordão que combinava com a cor - e mostrava uma calma geada, como sempre. Não pensei que o homem pudesse suar.

— Não há problema, Sr. Mason. Este... — *Idiota. Degenerado. Diabo. Praga em minha vida. Marido legal* — ... amigo, já estava de saída.

Mason tossiu em seu punho. — Precisa de um descanso na sala de reuniões?

O nome “sala de reuniões” deveria ser um código para - “ Quer que chame o segurança para que chute seu traseiro daqui?” Isto demonstrou que o Sr. Mason era um homem de uma grande inteligência. Os humanos se assustavam quando os vampiros os rondavam. Algo a respeito de nós fazia soar seu radar. Sinclair não era igual a outros vampiros. As mulheres o desejavam, e os homens se assustavam com ele. No mais profundo de sua matéria cinza, sabiam exatamente o que era. Mas as mulheres - e um número perturbador de homens - ignoravam a parte de seu cérebro que lhes dizia que corressem e se mantiveram afastados. Mason fazia isso.

— Não, não, — respondi precipitadamente. Deus sabia o que Sinclair faria aos seguranças. --Verdade , tudo está bem. Meu... amigo... uh já vai.

— Este é seu supervisor? — perguntou Sinclair, olhando Mason.

— Se meta com seus próprios assuntos. Adeus!

Sinclair cravou seus olhos no Sr. Mason. — Mande-a embora.

Os olhos do Mason se voltaram brancos e brilhantes, e cambaleou diante de Sinclair. Era como um pássaro sendo hipnotizado por uma cobra!

Chutei-o no tornozelo, machucando como o inferno meu pé. — Não te atreva!

— Betsy ... sinto ... tanto — Mason articulou mau, — ... Os records... o orçamento ... boa trabalhadora ... realmente muito, muito conhecedora ... mas ... mas ... lamento que ... o lamento — Estava com pena de ver ele fazer algo contra seus instintos naturais, que esperei que dissesse " Não Computa!" E começasse a sair fumaça .

— Volte para seu escritório e esqueça que alguma vez viu isto! — Respondi bruscamente. Tirei-os óculos - Macy's é divino, mas as luzes são ferozes - e deixei que atuasse a força completa de minha magia não morta, a qual é considerável. — Vá agora!

Mason saiu correndo. Fez isso rigidamente, seus braços nunca se moveram de seus flancos. Observei ele sair correndo, horrorizado, e me virei para Sinclair.

— Se alguma vez - *alguma vez!* — Fizer isso novamente, chutarei seu traseiro real.

— Falemos a sério.

— Falo sério! Não entre em meu lugar de trabalho e me faça dizer 'bastardo', nem hipnotizar o meu chefe. *Agora vai!* — Podia sentir meu rosto ficando intensamente vermelho. Quando meu sangue fluía, no melhor dos casos lentamente, fazia que tivesse dor de cabeça.

— Precisaré da minha ajuda de novo.

Fiz ruídos em resposta.

— OH, acredito que sim, — disse serenamente, mas seus olhos brilhavam intensamente de um certo modo que eu não gostei. E onde estavam *seus* óculos escuros? — Sua mesma natureza o assegura, como sempre, estou a seu serviço. Mas... — apoiou um dedo sobre meu nariz. Retrocedi tropeçando. — Haverá uma multa que terá que ser paga.

— Sim? Terei que te escutar choramingando a respeito das profecias e o serviço de habitações noturno? Porque se essa é a pena, prefiro comer vidro a te pedir ajuda.

— De acordo. — Agarrou meus braços e me levantou até que estivemos ao mesmo nível. Isto me deixou alarmada, para não dizer mais. Meu coração provavelmente martelava a dez pulsações por minuto! Ouvi um *ruído seco*, como se meus sapatos tivessem caído . — Antes de que vá...

Encostou-se contra mim. Joguei-me para trás. Não foi fácil, já que meus pés estavam a uns bons vinte centímetros do chão. — Se puser sua cara na minha, vou arrancar a dentadat uma parte de seus lábios.

Ele deu de ombros. — Voltarão a crescer.

— Droga! Me solte.

Ele suspirou e me colocou no chão. — Então, até que precise . Deu a volta e saiu andando do departamento de sapatos.

Gritei atrás dele, — Não contenha o fôlego, perdedor! — Embora certamente poderia. Durante horas.

Palavras valentes. Mas precisei de uma hora para deixar de tremer. Não tinha sido fácil evitar que me beijasse.

Além disso, embora pareça mentira, odiava as confrontações.

Me voltei para ajudar a minha cliente , mas ela já havia ido fazia muito. De fato, o departamento de sapatos estava vazio exceto por mim. Genial.

Maldito seja, Sinclair.

Capítulo 6

— É oficial, — anunciou Marc. — temos Cupins.

— Ok, Posso tirar os sapatos? — Lancei as chaves à mesa do vestíbulo e tirei os sapatos a ponta pés. Bom dia para você também!

— Sinto muito. Me deram o relatório esta tarde enquanto dormia, mas tive que ir ao hospital antes de poder falar com você sobre isso

Segui-o até a cozinha. Levava junto a roupa do hospital, e provavelmente teria chegado em casa fazia meia hora. Notei que se estava deixando crescer o cabelo. Já não estava tão brutalmente curto. E tinha ganho peso, menos mal.

Quando encontrei pela primeira vez o Dr. Marc Spanglente, estava em uma cornija a ponto de salpicar com ele mesmo e toda a Sétima Avenida. Angustiei-o com palavras e o intimidei para que se mudasse para minha casa. Decidiu que viver com um vampiro era algo melhor que o fato de que algum policial o recolhesse com uma pá em um cubo.

Tinha o chá preparado para mim. Nunca tinha compartilhado o piso antes, e realmente eu gostava disto. Era muito conveniente viver com alguém que podia responder o telefone durante o dia, enquanto eu dormia o perverso sonho dos não mortos. E também funcionou para o Marc. Neguei-me a lhe cobrar aluguel, assim pagava os recibos e fazia meus recados quando não estava de volta. Sempre acreditei que os doutores ganhavam mais dinheiro que as secretárias. Estava equivocada.

— Cupins, né? — Tratou de me mostrar um odioso papel amarelo, mas o descartei e me sentei à mesa. -- Não acreditei que a gente ainda tivesse cupins. Pensei que era algo dos anos cinqüenta.

— De fato, causam mais dano que todos outros desastres naturais juntos.

— Alguém esteve, outra vez, passando muito tempo na Web.

— Não estava com humor para baixar mais pornô. — Sorriu abertamente, o que fez brilhar seus olhos verdes. Isso, junto com a barba de cabrito, fez que se parecesse com um amistoso demônio.

Provavelmente é a razão do que eu gostasse desde o começo. Só conhecia duas pessoas que tivessem os olhos verdes, verdadeiros olhos verdes, não cor avelã como meus. Uma delas era minha mãe.

— Podemos nos desfazer dos insetos, mas esta casa destróçada. Vai custar um montão de dólares repará-la.

— Bom, merda.

— Exato.

— Deve haver algo que possamos fazer.

– Como Scarlett O'Hara. Falei ,” foi um prazer... o tipo estava *muito bom*. Mas OH destino, resultou imune a meus encantos. Não trocou a fatura, nem as más notícias. Mas consegui uma entrevista para sábado.

– Estamos seguros de que são Cupins? Acreditava que esses pequenos insetos que voam ao nosso redor eram formigas.

– Não. *Inseta Termitidae*. Em outras palavras, estamos perdidos .

Sorvi o chá e tamborilei com os dedos na mesa. Talvez fosse hora de uma mudança, e Deus tinha feito que, *não importa que Inseto*, me visitasse para fazer eu entender isso.

– Talvez Jessica –

– Shhhh! – Vaiei.

– Talvez Jessica o que? – disse, entrando na cozinha.

– Esquece-o, – Respondi. – O que acontece?, Perdi o memorando? Temos uma reunião?

– Na verdade, sim. – Bocejou, agarrou o pão e logo deixou cair duas fatiadas no torrador. Levava seu uniforme habitual de um dia de trabalho, jeans, uma camisa canção, e sandálias. Seu grosso cabelo negro estava preso tão fortemente atrás da cabeça, que suas sobrancelhas lhe davam uma aparência de surpresa perpétua. – Além disso, bastante inoportuna. Odeio ter que por meu alarme às duas da manhã.

– Choro como se fosse um rio. Não sabe que sinto falta de sentir o sol em meu rosto de vez em quando?

– OH, queixa, queixa, queixa, – respondeu zombadora.

– Recebemos o relatório, e é como seu sócio pensava, – disse Marc .

– Espera um momento. Seu sócio?

– Jess pagou a visita do exterminador, – explicou Marc .

Deixei cair a cabeça sobre minhas mãos. – Marc, não podemos depender da Jessica para que nos tire de apuros cada vez que temos problemas de dinheiro.

– Não podemos?

– Marc!

– Sim, mas ... – Encolheu os ombros. – ... não importa. Tem mais dinheiro de que poderia gastar em trinta anos . Porque deveríamos nos importar se ela quer nos dar uma mão? Não é como se pedíssemos .

– Uh, meninos? Estou aqui. Na casa .

– Bem, não é quem tem que pagar as contas da casa, – declarei, limpando o chá de meu queixo, – E não se fale mais.

– Pois bem, O que quer fazer? Não podemos vender a casa até que os cupins estejam mortos. Suponho que poderíamos conseguir um apartamento...

— Ou uma suíte no Minneapolis Marquette, — resmunguei. O doce aroma do pão torrado estava me deixando louca. A pior coisa de número duzentos e sessenta e sete a respeito de ser vampiro: A comida ainda cheirava fenomenalmente, mas uma dentada e vomitaria. Agora era estritamente uma garota de dieta líquida.

— Por quê? — perguntou Jess, tirando sua torrada do torrador, pondo-a em cima da mesa, e sentando-se.

— Adivinha quem veio a meu trabalho esta noite para me ordenar renunciar e me mudar ao Marquette com ele?

— Eric Sinclair? — Disseram com tom idêntico e sonhador. Minha melhor amiga e meu companheiro de quarto sentiam um forte amor. Depois Jessica riu bobamente. — Eric foi ao Macy? Irrompeu em chamas quando passou a primeira caixa registradora?

— Deus. Tratou de hipnotizar meu chefe para que me despedisse.

— Você o matou? — perguntou Marc .

— Deus. Mas tive que fazer hora extra, e logo tive que... bem, não importa...

— Sugar o sangue de um assaltante?

— Um idiota estuprador, mas não *importa*, — respondi . — Juro, que os tipos maus desta cidade são idiotas. Quando me vêem atirar seu amigo a três metros de distância, por que pensam que não posso lhes fazer o mesmo ?De todos os modos, depois cheguei em casa e me encontrei com o relatório dos cupins.

— Provavelmente não é tão mau, — disse Jessica mordendo a torrada. Deixei de olhar as migalhas quando continuou, — Não é como se estivesse apaixonada por esta casa. Talvez seja hora de uma mudança.

Não disse nada, mas pensei. Tinha vivido nesta casa muitos anos... desde que entrei na universidade. Meu pai me deu de presente um cheque de vinte mil dólares, e o usei para dar uma entrada em pequeno chalé de três habitações. Fazia muito tempo que eu havia aumentado o espaço que dispunha, mas tinha me dado preguiça vender e ter que procurar outra casa.

— Pensei em algo, — continuou ela, tomando um gole de meu chá. — Tem uma casa sem dívidas, Verdade?

— Sabe que sim, — respondi exasperada. — Foi paga com a hipoteca quando morri.

— Bom, saia de minha mente.

— Ok.

— Pois bem, voto para fazermos a detetização, depois colocamos a casa a venda e nos mudamos deste subúrbio, com este nível econômico .

— OH, aqui vai seu enfático discurso anti Apple Valley.

– Sinto muito, só acredito que os povos sem personalidade são pouco convincentes, – disse com o esnobismo completo de um bilionário de vinte e nove anos. – Nem sequer tem um autêntico centro de cidade. Existe graças a Minneapolis. É uma zona comercial.

– Esnobe. – *Eu gosto de Apple Valley*. Se quero ir ao mercado, ao cinema, fazer um corte de cabelo, tomar o café da manhã com panquecas ou conseguir o último do J. D. Robb, poderia fazer em uma zona de oitocentos metros e a maior parte disso no mesmo centro comercial. – Esnobe de cidade grande.

Ele inclinou seus dedos para mim – levava as unhas pintadas de verde limão, notei como me dava um estremecimento – em uma saudação zombadora. – De qualquer maneira, acredito que poderíamos conseguir um one-fifty disto, fácil. Ainda com os danos dos cupins. E o usamos como um pagamento à vista um pouco mais digno de nosso nível.

– Nosso nível?

– Desfaço-me de meu apartamento. Marc e eu falamos disso, e estamos de acordo que você deveria vir com a gente.

– Perdi outra entrevista?

– Não, simplesmente uma reunião. Tivemos uma durante o dia.

– Desejaria que deixassem de fazer isso, – queixei-me. Pensei protestar, mas Jess estava por aqui tanto tempo de todos os modos, que virtualmente se mudou. Também sabia por que. Minha morte realmente a tinha estremecido. Já não queria me perder de vista.

E o que importava? Quantos mais, melhor. Desde que me inteirei de que os monstros existiam, não estava muito entusiasmada de retornar para uma casa vazia.

– Então estamos de acordo? Detetizaremos e colocaremos a casa à venda, e encontraremos algo um pouco maior. Não se preocupe com nada, Betsy. Marc e eu iremos à caça de uma casa durante o dia.

Tomei o chá.

– Betsy?

– O que, quer minha aprovação? Sou simplesmente o testa-de-ferro.

– Bem, isso é certo.

– Mas é muito linda, – brincou Marc. – Embora seu crachá com o nome do Macy esteja de cabeça para baixo.

Algumas noites mais tarde, despertei em um mundo azul céu. Tive um momento de confusão total – Dormi fora? Então me dei conta de que Marc tinha

escrito uma nota em um Post-It e tinha pregado isso na frente enquanto eu dormia. Bastardo.

Supervamp: Aceitamos a oferta de uma casa, e Jessica nos encontrará ali, no 607 da avenida Summit, às dez da noite, para revisar a nova cova.

OH, Senhor, O que tinha feito? Espremi a nota em meu punho. A Avenida Summit ? Eu não gostava como soava isso.

Olhei ao redor de minha casa. Havia seis caixas vazias empilhadas no corredor. Uma indicação, não sutil, de que começasse a fazer as malas.

Tomei uma ducha, troquei de roupa, e escovei os dentes. Não tinha nem idéia de se outros vampiros escovavam os dentes, e não me importava. Só pensava no fôlego matutino de alguém que tinha bebido sangue para jantar! Também usei fio dental. E enxágüe bucal, embora o forte aroma de hortelã medicinal foi suficiente para me dar náusea.

Já estava quase saindo (depois de tropeçar nas caixas da sala de estar), quando ouvi uma ligeira batida na porta... abri, para encontrar a Tina ali parada.

— Muito obrigado por incitar Sinclair contra mim, — disse a maneira de saudação. — Ele foi no meu trabalho!

— Foi? — Perguntou inocentemente. Estava vestida como para um delito, com uma minissaia vincada vermelha, um suéter branco de manga curta, uma malha negra, e sapatos negros com fivelas de prata. Seu cabelo loiro claro estava preso para trás com uma fita para o cabelo, vermelha. Parecia ter dezesseis anos — Agora que penso nisso — Franziu seus lábios vermelhos pensativamente. — mencionou que poderia ir ao Mall a vê-la.

— Bom intento, mas não acredito. Não vai ao banheiro sem avisá-lo primeiro.

— Realmente, passaram-se vários milênios desde que qualquer um de nós tivesse que ...

— A propósito, esta muito bonita. — É maliciosa, mas tem muito bom gosto quanto à roupa.

Sorrii, então deu de ombros. — Tenho que sair mais tarde.

— Não me diga. — Tina tem um trio de doadores de sangue devotos, mas ocasionalmente gostava de algo diferente no menu. — Não quero ouvir absolutamente nada.

— Não falarei. Aqui está seu memorando. — me entregou um grosso relatório de papel sulfite.

— Parecem ser um montão de páginas, — disse perspicazmente, pesando o pacote em minha mão.

— Resumi o melhor que pude. Também há fotos.

— Bem, vou ler quando tiver ... Tina?

— Yaagghh! — Deixei cair o memorando . Ela golpeou o chão com um som seco. Uma segunda cabeça apareceu na porta – outra garota loira – mas eu não tinha ouvido nada. Era bastante difícil aproximar-se às escondidas.

Ninguém vivo podia fazê-lo, mas os velhos vampiros podiam.

— Sinto tanto, — disse a garota. Seus olhos eram grandes. — Me perdoe, sua Majestade. Não foi minha intenção assustá-la .

— Não me chame assim. E não me assustou . Quantos anos tem?

Isto não seria muito agradável em circunstâncias normais, mas os vampiros adoravam dizer a idade que tinham.

Esta não era diferente. Endireitou-se com altivez, e uma boa postura fez coisas maravilhosas nela. Era alta – quase tão alta como eu, e uma boa cabeça mais alta que Tina – Seu cabelo, até os ombros, era tão loiro que parecia branco, e os olhos tão azuis como o céu em um domingo de Ressurreição. Estava pálida, é obvio, mas ficava bem. Sua bela coloração exigia uma pele pálida. Usava uma calça curta cáqui, uma camisa rosa escura abotoada até a garganta, e sandálias de couro. Sorriu indecisa.

— Tenho setenta e oito, Majestade.

— Ok. Bem, não parece ter mais de vinte e dois anos. E não me chame assim. Quem é?

— É Monique Silver, — disse Tina rapidamente. — Oferecia respeito a Nostro, e se encontrou com um novo regime, chegou outra vampiresa à cidade, mas — Tina olhou por cima seu ombro —ela não quis ficar com nós. Voltou caminhando ao hotel.

— É tímida, — disse Monique servicialmente.

Tina bufou, mas não se explicou. — De qualquer maneira, Monique vai ficar conosco no Marquette.

Sorri, mas eu não gostei disso. Tina ficando com o Sinclair não era grande coisa. Eram quase irmão e irmã, e de todas maneiras Tina não se balançava dessa maneira. Mas não me agradou a idéia de que esta garota de página central do Penthouse compartilhasse um quarto de banho com Eric Sinclair.

— Prazer em conhecê-la. Espero que não tivesse afeto a Nostro. — Disse com um pouco de ansiedade - O que aconteceria se fosse partidária dele.

Seu sorriso acolhedor me tranqüilizou. — Certamente, não. De fato, estou agradecida. Todos nós o estamos... Betsy? — Suas sobrancelhas — tão loiras e magras que eram quase invisíveis a faziam parecer com excitante ovo — se arquearam.

— Betsy, — falei firmemente. — Nada de Majestade. Graças a Deus você se acostuma mais rápido que a Tina.

Ambas se sobressaltaram com "Deus" e Monique realmente deu um passo atrás. Bem, melhor que se acostumasse a isso.

– Convidaria vocês para entrar, mas tenho que ...

– Ir a alguma parte? – Tina inclinou a cabeça. – Não precisa alimentar-se?

– Mais tarde.

– Ainda não se alimentou? E não planeja fazê-lo? – Os olhos do Monique se aumentaram surpreendidos.

– Trato de adiá-lo enquanto posso.

– OH, a estas alturas não será ainda reticente a ...

– Querem vir? Perguntei bruscamente, me antecipando ao sermão. Tina e Sinclair pensavam que era exquisitamente estúpida por que não tinha abraçado a meu vampiro interior. – vou ver a nova casa que Jess escolheu para nós.

– Está de mudança? – Perguntou Monique enquanto fechava a casa e caminhava para o carro.

– Tenho que fazê-lo. Cupins. E apreciaria que esse pedaço pequeno de informação não chegasse aos ouvidos do Sinclair, – disse a Tina. – não é assunto dele.

– É óbvio, Majestade.

– Chega.

– É óbvio, Majestade.

– Te odeio. – Suspirei, abrindo a porta para Monique.

– Não, não odeia. – respondeu Tina com uma risada reprimida. – Majestade.

Capítulo 7

– Caramba! – Disse Monique.

– Uau!!! – disse Tina respeitosamente.

Caí com tanta força contra o volante, que minha cabeça golpeou a buzina e produziu uma breve buzina.

Deveria saber. Deveria ter imaginado! Summit Avenue era uma das ruas mais velhas do St. Paul. Estava absolutamente cheia de mansões. E de nº 607 Summit Avenue era extraordinária. Branca, exceto por umas venezianas negras. Três andares. Um assombroso alpendre frontal, que parecia ter saído do “E vento levou”. E uma garagem anexa, tão grande como minha atual casa.

– Maldição, maldição. – Saí do carro, Monique e Tina me seguiram.

— Exatamente quanto de dinheiro a Jessica tem? — perguntou Tina sobressaltada, tomando o comprido caminho de entrada até a porta.

— Muito. — Estava pisando forte, na verdade, pude sentir como meus saltos deixavam marcas no cimento. Tranqüilizei-me. A maldita calçada teria provavelmente quinhentos anos. — Muito mais .

— Acredito que é perfeito. Satisfaz sua hierarquia muito melhor que...

— Pare. — Bati na porta principal, logo a abri e entrei devagar, instantaneamente intimidada.

Resultou pior do que temi. A primeira coisa que vi foi a magnífica escada, mais de dois metros de largura, de um brilhante acetinado, que girava para fora de meu campo de visão. O vestíbulo era tão grande como minha sala de estar. O lugar cheirava a cera de madeiras, produtos de limpeza e a tapete velho.

— Jessica! — Gritei. *Ick-uh, ick-uh, ick-uh* ecoaram os passos no segundo andar.

— Vai viver aqui? — perguntou Monique, me olhando com olhos assombrados.

— Demônios, não. Jessica! — *Ick-uh! Ick-uh! Ick-uh!*

Marc e ela apareceram na parte superior das escadas, e correram para nós. — Por fim! Chegou tarde. O que achou? — disse ela. — Não é grandioso?

— Espere para ver a mesa de jantar, — adicionou Marc. — tem dezessete lugares!

— Jessica, é muito grande. Somos três, lembra? Quantos dormitórios tem este lugar?

— Onze,- admitiu. — Mas desta maneira não teremos que nos preocupar onde alojar os convidados.

— E todos teremos nosso próprio banheiro, — acrescentou Marc.

— E provavelmente sua própria cozinha! — disse Tina, seus olhos se voltaram enormes enquanto admirava o castelo que Jessica tinha comprado com o dinheiro que tinha encontrado no assento de seu carrinho, quando era pequena.

Adivinhando meu estado de ânimo (não sendo muito difícil), Jessica disse com seriedade, — OH, vamos. Abra sua mente. É grande, mas é simplesmente uma casa.

— A mansão do governador está em frente! — Gritei.

— Se limite a olhar ao redor, — rogou Marc. — Você gostará.

— Meninos... — Ouvi Jessica, pedindo que falássemos mais baixo, por isso me obriguei a baixar a voz. Provavelmente tinham trabalhado muito, e o lugar deveria ter custado muito dinheiro. Os gastos de fechamento provavelmente tinham sido de seis de cifras. Me senti incomoda como se

estivesse no inferno, mas não quis ser uma imbecil ingrata. — Não é questão de gostar, Ok? Venha, posso ver que é assombroso, muito belo e essas coisas.

— Graças a Deus, — disse Marc.

— É maravilhosa, Ok? Não há nada de mau com isso. Mas é questão de acessibilidade financeira e praticamente. Vamos, Por quanto saiu?

— Bem, momento só a alugamos, até que encontrem um dono.

— Jessica.

— Três mil a semana. — admitiu ela.

Quase me deprimi. — O dinheiro de minha casa não cobrirá o aluguel de um ano!

— *Pode fazer cálculo mental*, — Brincou Marc. — estou admirado.

— Perdeu o juízo?

— Para qual de nós você está falando?

— Olhe, em todo caso, isto está muito mais de acordo com sua posição, — disse Jessica, esforçando-se por parecer lógica.

— Que posição? — Olhei-a furiosa como advertência. Não falavamos da Coisa da Rainha. Ela sabia que eu não gostava e que estava tratando de encontrar uma saída para isso.

— Sabe que posição, — disse Jess duramente. *Traidora!* — Com o rei vindo visitar ...

— Não o chame assim, — disse através entre dentes.

— Uau, — disse Marc, me olhando fixamente. — Os olhos estão ficando vermelhos outra vez. E... — olhou além de mim. Tinha ouvido a Monique e a Tina atrás de mim, mas estava muito preocupada para me importar.

— Bem Sinclair? Com o Sinclair e Tina e... e outras pessoas — inclinei a cabeça em direção a Monique — bem, na verdade, precisa de uma casa decente. Algo que demonstre para as pessoas...

— Que minha companheira de quarto paga todos os meus gastos de manutenção. Vamos, este lugar não é para mim.

— É privado... é a última casa para venda, e a única cujo pátio traseiro é o Rio Mississippi. É grande, privada, e há um fabuloso sistema de segurança no jardim. E precisa de privacidade, Betsy, embora não admita o por que. E é o suficientemente grande para ter convidados.

— Não podemos conseguir simplesmente um apartamento no centro do Minneapolis ou algo assim? — Gemi.

— A Rainha dos vampiros não vive em um apartamento. — disse Monique, mas Tina e Jessica afirmaram energicamente com a cabeça.

— Olhe, temos que viver em alguma parte, — interrompeu Marc. — Concorda? Quer dizer, sua casa vai cair se esses insetos seguirem mastigando. Assim então, de a este lugar uma oportunidade durante algumas semanas. Isso é tudo o que lhe pedimos.

Com certeza que sim. Já empacotei tudo e me mudei duas vezes na mesma temporada. Jessica era muito mandona, como eu, e poderíamos discutir, mas Marc era a voz da razão, contra a qual não tinha defesa.

— Tem que admitir, — acrescentou Tina servicialmente, — que é uma casa fascinante.

— Então? Se for a rainha, por que não consigo que se cumpra nada do que digo?

Jessica sorriu abertamente. — Não se preocupe. Lhe manteremos informada.

— Dá a impressão de que Jessica é o Bruce Wayne para você, Batman, — adicionou Marc. — pode sair a se divertir e lutar contra o crime, e ela pode pagar as contas.

— Bruce Wayne e Batman eram a mesma pessoa, idiota.

Jessica e Tina riram de uma vez, o que o deixou ele irritado. Ao menos Monique guardou um respeitoso silêncio.

— Olá Tina, não pude te saudar antes, — disse Marc. Estendeu sua grande mão e sacudiu a pequena e delicada mão de Tina, parecia quase cômico. Quer dizer, Marc era alto, magro, estava em boa forma, e era muito mais alto que Tina. Mas Tina e Monique poderiam romper todos os ossos de sua mão com um só apertão. Ele sabia, Jessica também. Mas não importava para nenhum dos dois importava.

Se ajustaram a estas coisas de vampiros muito mais rapidamente que eu.

— Me leve para um tour na casa. — respondi me rendendo. Marc tinha razão. Tínhamos que viver em alguma parte. E se Jessica podia comprar cada casa que estivesse a venda sem deixar sua conta bancária a zero. Havia muitas razões para queixar-se, mas sua situação financeira não era uma delas. — Vejamos o que encontraram.

Tina e Monique partiram quando o agente imobiliário chegou, menos mal. Para esta excursão era suficiente somente uma só, sanguessuga faminta.

O corretor resultou ser uma mulher muito agradável, maior, com um terninho de tweed realmente horrível (em julho!). Mas acumulou pontos porque, embora todos nós sabíamos que se “jogava” uma forte comissão, não nos enganou. E sabia bastante da casa. Marc murmurou em meu ouvido que provavelmente já estava por aqui quando construíram em 1823.

Eu batia em minha mão enquanto falava com Mai Townsend (“simplesmente me chame Mai- Mai, querido”. – A corretora pediu.) Ela falava a respeito do artesanato que mostrava a deliciosa madeira, o delicado artesanato, o fato de que os cupins não tinham devorado o lugar, o puro privilégio que era para os personagens de baixos recursos como nós, caminhar sobre esses consagrados chãos. Pensei em me alimentar com o sangue da corretora, mas sinceramente, o tweed cheirava. Devia ter um armário de cedro em casa.

– Como lhe disse por telefone, – disse Mai-Mai enquanto caminhávamos tranquilamente do terceiro piso para o segundo, – a maior parte do mobiliário vem com a casa. Os donos estão em Praga e, com franqueza, estão interessados em vender.

– Alugamos. – respondi firmemente, antes que a Jessica pudesse dizer qualquer outra coisa.

– Muito bem, queridos. Este é o dormitório principal, – acrescentou, abrindo a porta e mostrando um teto muito alto, uma cama do tamanho da minha cozinha, e grandes janelas. – foi completamente restaurada e o banheiro anexo tem uma Jacuzzi, um lavabo com pedestal, e ...

– É MEU!!!! – Gritou Marc.

– E um inferno, – respondeu Jessica bruscamente. – acredito que a pessoa que tenha mais possibilidades de divertir-se na casa, é a que deveria ficar com o quarto.

– Então, isso deixa fora você e a Betsy, – falou Marc. – Quando foi a última vez que tiveram relações sexuais?

– Não é de seu maldito interesse, menino branco.

– Empapelado à mão, único para este tempo, e olhem as folhas de ouro nos cantos.

– Vocês estão brigando por este lugar, – interrompi, enquanto Mai-Mai falava a respeito da autêntica madeira, das pranchas do autêntico piso de madeira, – para ver quem fica com o dormitório principal. Não é como se vocês, meninos, não tivessem outra dúzia para escolher.

– Dez. – corrigiu Mai-Mai.

– Que seja.

– Não é justo! – choramingo Marc.

– É isso, ou voltamos para o Termite Central. – Por fim, utilizava minha posição. E ouça, Marky-Marc, por que não vai com a Mai-Mai e você Jessica vá a revisar o banheiro com pedestal.

– Por que? Se não vou usa-lo? – Dei-lhe um suave empurrão rumo ao banheiro, a fazendo cambalear, e a corretora de imóveis, me entendeu, e

respeitosamente o seguiu. Não me importava que Marc me escutasse, mas meu estado não morto não era assunto de Mai-Mai.

— Ah, Jess, quem vai cuidar desta montanha? — Perguntei, sussurrando. — Marc e eu trabalhamos de noite, e te conheço, não nasceu exatamente com uma vassoura de prata na mão.

— Trarei duas empregadas, — reconfortou-me Jessica. — e conseguiremos que alguém se encarregue da grama e do jardim.

— Posso me encarregar da grama! — gritou Marc do banheiro.

— OH, você vai cortar dois acres de grama, pelo menos uma vez, na semana? — gritou Jessica. — E chega de escutar atrás das portas! Estou querendo manter uma conversação privada!

— Talvez o faça! Quero dizer, cortar a grama.

— Temos que manter o menor número de ajudantes. — falei ansiosamente.

— Não se preocupe, Betsy. Ninguém vai averiguar a menos que você diga.

— Averiguar o que? — pergunto Marc, retornando ao quarto.

— Que ela é tão estúpida como se vê, — disse Jessica alegremente, evitando elegantemente minha “patada”.

— Preparados para inspecionar o primeiro andar? — Perguntou Mai - Mai alegremente. — Eu não, me arrastei atrás deles.

Jessica cumpriu com sua palavra. Eu não tinha conseguido desempacotar tudo quando comecei a ver pessoas entrando e saindo da casa, ou Vamp Central, como Marc gostava de chamá-la. Havia ao menos três empregadas e dois jardineiros; Jessica os contratou do Foot, uma organização sem fins lucrativos, que procurava trabalho para os desamparados, assim este assunto ficou bom para todo mundo.

A geladeira estava todo o tempo cheio de refrigerantes, chás gelados, natas, vegetais e ingredientes necessários para o jantar. O congelador se encheu com sorvetes e margueritas congeladas. Mas os ajudantes eram tão discretos, que quase nunca os via. E se pensavam que era estranho que eu dormisse todo o dia e estivesse fora toda a noite, nunca disseram nada em minha cara.

Me deprimi, ao desempacotar minhas coisas. Tínhamos tido tanta pressa para sair de Termiteville, que atirei minhas coisas nas caixas sem realmente pensar nelas. Mas enquanto encontrava lugares para as guardar, vi-me obrigada a olhar os trastes velhos que tinha acumulado durante toda minha vida.

A roupa, os sapatos e a maquiagem não eram problema, embora estivesse bastante pálida estes dias, quase nunca usava nada, exceto o rímel. Os livros eram outra coisa.

Meu quarto tinha, entre outras coisas, estantes enormes, construídas nas paredes, e enquanto estava desempacotando as caixas e retirando os livros, dava-me conta de que a brecha entre minha antiga vida e a nova se tornou enorme sem que me desse conta. Tinha sido um verão tão maluco, que não me tinha dado conta de que não havia relido meus velhos livros favoritos. E agora nunca o faria.

Todos os meus livros favoritos: “A série da casa da pradaria”, todos os trabalhos do Pat Conroy, os livros eróticos da Emma Holly, e a minha coleção de livros de cozinha, agora eram inúteis para mim. Pior que inúteis... me fizeram sentir mau.

Eu adorava *Beach Music* e *O príncipe das marés* porque não só Pat Conroy escrevia como um filho de puta, além disso tinha a alma de um chef. O homem podia fazer que um sanduíche de tomates, soasse como um orgasmo que poderia comer. E meus dias de comer sanduíches de tomate terminaram.

Quantas vezes tinha escapado para meu quarto com um livro, para evitar a minha madrastra? Quantas vezes tinha comprado um livro de cozinha porque suas fotos de gloriosas cores literalmente me faziam babar? Mas agora tudo isso terminou. Tom, Luke, Savannah, Mark, Will, e o Grande Santini estavam perdidos para mim. Sem mencionar *O Ail-American Cookie Book*, *Barefoot Contessa Parties*, e tudo o referente a Susan Branch.

Guardei esses livros em um canto, assim não poderia olhar os títulos. Normalmente estava muito ocupada para me sentir mal a respeito de estar morta, mas hoje não era um desses dias.

Vi a menina pela primeira vez quando limpava com um aspirador de pó o interior de meu armário. Era a terceira vez em cinco minutos, de maneira nenhuma ia colocar meus sapatos em um armário de duzentos anos com aroma de madeira velha e traças mortas. Graças a Deus não tinha que respirar!

Com o aspirador de pó na mão, fui saindo do armário de joelhos e quase dei de encontro, bruscamente com ela. Estava “encrespada” como um inseto na cadeira ao lado da chaminé. Uma das quatorze chaminés. Não tinha nem idéia de quantas cadeiras havia. De qualquer maneira, ela me observava e me assustei tanto que quase soltei o aspirador.

— Droga! — Falei. — Não te ouvi entrar.

— Minha mamãe diz que devo ser silenciosa. — respondeu amavelmente.

— Não tem nem idéia. É bastante difícil se aproximar as escondidas. Embora, — incluí em um murmúrio, — a gente parece fazê-lo cada vez mais freqüentemente. — Falei mais alto para a menina, para que não se assustasse pela estranha loira que falava consigo mesma. — Então, seus pais trabalham aqui?

— Minha mãe.

— O que ela faz?

— Eu gosto de seu cabelo.

— Obrigada. — Acariciei meus reflexos loiros e tratei de não me arrumar. Estava morta, mas ainda tinha os reflexos loiros. — Também gosto do teu.

Era simplesmente a coisa mais bonita que eu já tinha visto. Tinha o rosto de um cervo, toda cautelosa e linda, com grandes olhos azuis e um nariz orvalhado de sardas. Seu cabelo loiro e encaracolado, mantinha-se fora de seu rosto graças a um laço azul da mesma cor que seus olhos, e estava vestida com um macaquinho enrolado até os tornozelos, com rosas desenhadas.... e sapatos de selim.

Aproximei-me para observar melhor seu calçado. — Não se aborrece como uma ostra? — Perguntei. — Em uma casa tão grande como esta? Onde está sua mamãe?

— Eu gosto agora, — respondeu, depois de pensar um pouco em minha pergunta. — Eu gosto quando tem gente aqui.

— Bem, agora você vai gostar muito mais. Minha amiga Jessica contratou um grupo, oh, um exército, mas me fale, brilho de sol, onde conseguiu estes sapatos?

— Minha mamãe comprou.

— Onde?

— Na sapataria.

Tolice. — Eu gosto de sapatos! — Falei sinceramente. — Meu nome é Betsy.

— Sou Enjoe. Obrigada por falar comigo.

— Ouça, vivo sozinha aqui, não sou uma imbecil esnobe e rica, como provavelmente estas acostumada a lidar. Você sabe como chegar à cozinha daqui?

Enjoe sorriu abertamente, mostrando uma abertura entre seus dentes frontais. — Claro, conheço todos os atalhos. Há uma passagem secreta entre a cozinha e a segunda sala jantar.

— A segunda sala de jantar? Não importa. Vamos, Enjoe. Você deveria me dar a mão, antes que alguém reclame.

Antes que eu pudesse pegar sua mão, ouvi um ruído estrondoso de passos, e logo Jessica irrompeu no quarto agitando o telefone. — Você tem que ir, Tina está com problemas, — respirava com dificuldade, depois se jogou em minha cama até ficar parcialmente deitada em minha cama desarrumada. — Droga! Acredito que neste lugar há mil escadas.

— Você, entre todo mundo, é a única que não deve queixar-se se este lugar é “tão” grande. O que você está falando? A Tina esta com problemas?

— Sinclair, no telefone, me falou isso.

Agarrei-o. — Será melhor que não seja um truque. — Grunhi ao pegar o aparelho.

— Venha agora.

Corri.

Foi boa sorte, não gritei, tampouco vomitei quando vi o que tinha acontecido com a Tina. Felizmente, eu tinha muita prática em conservar o jantar no estomago.

— Outra de suas fastidiosas táticas para chamar a atenção, — Falei

Tina tentou um sorriso, e esperei que deixasse de sorrir. Seu rosto estava transfigurado. De fato, a metade de sua perversa pessoa estava transfigurada. Flutuava languidamente na banheira, que estava cheia de uma água rosada.

Não me pergunte por que, mas quando um vampiro esta doente, ele é colocado submerso na água com bicarbonato de sódio, melhora mais rápido. É assombroso! A coisa pode fazer que os bolos se levantem e os refrigeradores deixem de prestar. Tinha pouco sentido para mim, mas era bastante nova neste jogo, para questionar a física não morta.

— Droga. — grasnei a palavra, logo pigarreie. — Quem te fez isto? Claro que você não está bem, mas está com dor?

— Sim.

— O que aconteceu?

— Simplesmente foram esses fastidiosos humanos, com essa mania de matar vampiros. — Respondeu ela.

— Que merda, Tina, não pensei que fossem perseguir um dos bons! Enquanto estava agitando os braços ao redor e deixando sair minha usual corrente de histeria, Sinclair apareceu com sua usual velocidade horripilante e agarrou meus pulsos.

Tive tempo para dizer... — O que? — Antes que ele me fizesse um corte no pulso com uma faca que, tardiamente, notei que cortou. — Ai! — Falei, tirando bruscamente meu pulso, mas estava totalmente a favor da atuação. Foi rápido, e a faca estava tão afiada, que quase não senti nada. Bem, ao menos não tinha me mordido. — Poderia me perguntar, antes de começar a me cortar em rodela?

Tina girou a cabeça e mergulhou na água. — E você para isso fica quieta! — Falei-te, me inclinando sobre a banheira e dando cuidadosos tapinhas em sua cabeça. Limpei a mão molhada em minhas calças jeans.

— Sei o que você supõe que eu faça, maldição, mas seria mais agradável você ter me perguntado, isso é tudo, — acrescentei, olhando furiosamente para Sinclair.

— Deixe de perder tempo, — disse, com sua usual cara de pedra, mas seus olhos estavam atentos. Eu sabia que ele adorava a Tina, tinha a criado, e tinham

um vínculo que eu respeitava, embora não o compreendesse e pensasse que era extremamente estranho. — Deixe-a alimentar-se. Agora.

— Não. — Tina gorgojeteou do fundo da banheira.

— Falei que faria. — Respondi bruscamente. — Sente ela e assim poderemos terminar com isto?

Apareceu uma borbulha, mas Tina não se moveu.

— É sua culpa, — disse Sinclair friamente. — Agora arrume.

— Culpa minha? Não sou eu que decidi dar a Tina um corte de cabelo... em todas as partes! Não fique zangado comigo. Vim logo que me pediu. E você nem me pediu isso exatamente.

Sua mão segurou meu ombro, que instantaneamente se retesou. — Tina é bem consciente de sua infantil aversão a beber sangue. Ela está te fazendo de mártir, e não vou permitir.

— Ouça, estou com você! Tire ela daí e deixe-a me morder. Estou de seu lado.

Se tivesse estado vivo, seu rosto teria ficado da cor de um tijolo velho. Cada palavra foi expulsa à força através de seus dentes. — Nisso, ela não me obedecerá.

— AH, assim é que os outros vampiros te escutam? Grande coisa, a propósito, eles vão rir de você - Ai! Já vejo, acredito que perdi a sensibilidade em meu braço esquerdo.

— Arrume o que você fez. — Disse implacavelmente.

Chutei a banheira. — Tina, saia daí.

Escutei um resmungo áspero.

— É a rainha que fala! — Me contive para não rir. Talvez a rainha dos sapatos! — Agora você senta?

— Não pergunte, — Reclamou Sinclair em minha orelha. — Ordene.

— Não me “fode”, tudo bem? Tiiiii-naaaa!

Ela se sentou. — Não quero, — mentiu. — Você pensa que é dos bárbaros.

— Deixa de te falar como um bebê. — Falei, embora tivesse cem por cento de certeza. — Qual é a alternativa? Viverá na banheira como um projeto não morto de anatomia e irá se curar lentamente nos próximos seis meses? As garçonetes terão um ataque.

Suas fossas nasais se dilataram e me dei conta que o meu sangue tinha ficado pingando entre meus dedos todo o tempo que discuti. Me virei, e coloquei minhas mãos, no duro peito, de Sinclair, lhe pressionei, chutei, até que finalmente pude fechar a porta do banheiro em seu rosto.

— Na verdade, não posso aguentar esse tipo de gente. — Suspirei, enrolando minha manga.

— Mentirosa, — disse, e sorriu abertamente.

– Poderia não fazer isso até que seu rosto esteja bem outra vez? Não se ofenda.

– AH, Majestade, – suspirou enquanto me ajoelhava perto da banheira. – Estou tão penalizada em ter que lhe pedir isto.

– Não seja idiota. Como dizem, “*me alegro de que esteja viva.*”

Ela agarrou meu braço e bebeu e lambeu o sangue de meus dedos, então bebeu o sangue de meu pulso, até que não pude ver tendões ou feridas abertas, até que foi bela de novo. Não demorou nada. Sempre me assombrava como era rápido para que os vampiros se curassem. Raramente demoravam mais de uns minutos. E, estranhamente, meu sangue acelerava grandemente o processo. Se Tina tivesse se alimentado de um humano, poderia ter demorado a maior parte da noite para se recuperar. Mais tolices que não entendia... e francamente, tinha medo de fazer muitas perguntas. Tina poderia responder.

– Então. – Falei alegremente. – Tem algum plano para a tarde?

– Depois de uma experiência entre a vida e a morte, eu gostaria de relaxar limpando uma banheira.

– Até te ajudaria, mas esqueci, tenho dezenove dessas para me preocupar.

Capítulo 9

Saímos do banheiro a tempo de nos encontrar cara a cara, com a bonita do outro dia, que entrava precipitadamente na suíte.

– Tina, menos mal! – Choramingou, com o brilhante cabelo loiro em selvagem desordem. Ela parecia que tinha se jogado dentro de contêiner de lixo de um McDonald’s. Estava com um pacote de mostarda preso em sua bochecha esquerda. – Pensei que tinham te matado!

Correu para Tina e por pouco não caiu sobre ela, abraçando-a e beijando-a. Eca. Foi bom que Tina não estivesse ainda vestida, pois se estivesse, nunca iria poder limpar essas manchas. Entendi, por isso estava balbuciando, que os maus tinham saltado em volta das duas, mas Tina os tinha afastado de Monique.

– Estúpida. – Disse-lhe.

– Estou completamente de acordo, – disse Sinclair, franzindo o cenho. Procurou e encontrou um de seus penhoares para Tina, sustentando-o aberto para ela. Quando Tina o amarrou, pareceu desaparecer entre o negro e fofo algodão. – Deveriam ter resistido juntas, ou terem fugido as duas.

— Sei, sei, — interrompeu Monique antes que Tina pudesse abrir a boca. — Quis brigar mas a Tina ...

— E não deveria ter abandonado sua amiga e tentado se salvar. — Continuou Sinclair com uma voz que fez que o gelo parecesse quente e confortável.

Todas engolimos a saliva. Então lhe dei tapinhas no braço. — Tudo está bem Eric. Todo mundo está bem. Isso é o mais importante. Concorda? Eric?

Seus olhos voltaram para a normalidade e quase sorriu quando me olhou. — Por que só me chama por meu nome nos momentos de crise?

— Porque são os únicos momentos, que não sinto vontades de te estrangular, — disse com sinceridade. — Agora não jogue a culpa na Monique. Tina é uma mulher maior — Uma mulher muito maior, poderia acrescentar, tem ao menos cem anos, e se quis ser um chamariz é problema dela.

Monique não disse nada, mas me lançou um olhar de pura gratidão.

— O importante, — Falei enfaticamente. — é chegar ao fundo disto. Tina é das boas. Não merece que nenhum caçador de vampiros vá atrás dela. Assim o melhor que podemos fazer, é averiguar porque aconteceu isto. — De verdade disse que tínhamos que chegar ao fundo disto? Senti-me estúpida, dando ordens a pessoas que tinham pelo menos cinqüenta anos a mais que eu.

Agora, se pudesse lembrar onde tinha posto o relatório que Tina tinha me dado.

— Venha, por favor. — Disse Sinclair, e me agarrou pelo cotovelo. OK? Arrastou-me pelo quarto e depois de atravessar a porta, fechou rapidamente.

— O que acontece? — Choraminguei.

— Decidiste encurralar os assassinos?

— Os assassinos, no plural?

— Precisa da minha ajuda?

— Sim. — Falei, eu não estava gostando onde isso estava indo. — Vamos ficar na escuridão e fazer perguntas óbvias? Porque isto é estranho, quase arrepiante.

Sorriu para mim e me estendeu algo. Olhei-o. Era um dos copos do hotel.

— Para que ... Ah. - *O que o havia dito no Macy's? "prefiro comer vidro a aceitar sua ajuda". Bem, caralho.*

— Muito bem.— Falei, agarrando o copo. Só Deus sabia quando tinha escondido esta coisa em sua mão, o vil bastardo. — Lá vou. — Olhei-o, não tinha nem idéia de quanto doeria morder isso. Mas estava a ponto de averiguá-lo. No mínimo, comer partes de vidro me faria vomitar. Digo, por Deus, até o risoto me fazia vomitar.

Não importava. Deixei de dar voltas no assunto. Levei-o para a boca, fechei os olhos, abri a boca e mordi... o ar.

Sinclair segurava o copo de novo. Era estranho como ele podia se mover tão rápido. Como se fosse um mago. Um malvado mago de cueca.

– Você iria comer realmente isso?

– *Falei* que faria, não falei?

– É a mulher mais assombrosa que conheci -

Caramba. Sorri modestamente.

– Ou a mais estúpida.

– Te odeio.

– Continua dizendo isso, – disse, me atraindo. Para meu assombro, o permiti. Tinha sido uma longa noite. Além disso, seu aroma era genial. E seu tato era estupendo. Aí. Deixou cair um beijo na parte superior de minha orelha e com eficácia lutei contra um tremor. – Mas continua voltando.

– A curiosidade matou o gato.

– Ainda não. Venha, vamos nos reunir com outros.

– Sim. – Falei, muito decepcionada que ele não tivesse sido mais ambicioso, e zangada comigo mesma por estar desiludida. – Vamos.

– Quatro. – disse Tina. – Quatro mortos até agora. E repito de novo.

– Eu, uh, perdi o relatório.

Fez um som que pareceu um bufo. – Estupendo, recapitularei para você. Um grupo de humanos esteve atacando vampiros solitários e cortando suas cabeças, ou estacando-os, ou ambas as coisas.

Ick. Ambas?

– Ao menos aprendemos algo, não é uma pessoa, é uma equipe. – Disse Monique.

– Nunca pensei que fosse uma pessoa. – Disse Sinclair.

– E, eu tampouco pensei. Vamos. Um tipo normal ou uma garota vingando-se fariam todo este estardalhaço? Não pode ser. – Estiquei as pernas. As pontas de meus sapatos estavam riscadas! Teria que dar de presente este par. – Como sabemos que não é um grupo de *vampiros*?

– As amostras de sangue encontradas na cena eram de uma pessoa viva.

– AH, puf!- Gritei. – Quer dizer, que se alguém tomasse meu sangue agora -

– Estaria morta. Ao menos, sob um microscópio. Trate de permanecer escondida, Elizabeth.

– Estou. Sabemos por que? Além do óbvio.

– O óbvio? - Perguntou Monique, parecendo preciosamente confundida.

– Os vampiros são estúpidos. – Como todos me olhavam, expliquei. – Olhem, sinto muito, mas é certo. Vocês agarram os pobres caipiras ingênuos da rua

e os mordem escandalosamente. Estou assombrada de que isto não tenha acontecido antes.

— Isto ocorreu, — disse Sinclair tranquilamente. — em todas as épocas. — Colocou rapidamente uma calça negra, mas estava ainda perturbadoramente descamisado. — E ninguém neste quarto se comporta dessa maneira.

— Tem que admiti-lo, isso nos faz bastante estranhos.

— Não, acredito que não, — disse Monique séria. — A maioria dos vampiros superam com a idade a necessidade de caçar. É muito mais fácil conservar ovelhas.

— O que?

Vi Tina fazer um movimento de fatia a garganta, e Sinclair negar com a cabeça, Monique estava distraída. — Ovelhas! — disse alegremente. — Já sabe. Duas ou três pessoas que são devotas e lhe deixam beber quando precisa.

— Saímos do tema. — disse Sinclair rapidamente.

— O inferno que o fazemos!

— Mais tarde, Majestade. — Disse Tina, olhando furiosamente para Monique, que parecia assombrada. — Pode nos dizer como horríveis somos, *mais tarde*.

— Como poderemos pegar esse grupo? — Perguntou Tina.

— Bem, com uma isca de peixe, é obvio, — Respondeu Monique.

Sinclair inclinou a cabeça com aprovação. — Por alguma razão, parecem atacar as quartas-feiras, cada duas semanas.

— Talvez trabalhem. — Falei. — E só estejam livres as quartas-feiras.

— É mais provável, — disse Sinclair amavelmente, — que esses dias signifiquem algo para eles. Por exemplo, poderiam ter um calendário oculto.

— Então... — Continuou Tina. — dentro de duas semanas, veremos se podemos pega-los.

Logo que contive um sorriso zombador, falei:

— De qualquer jeito, né?

— Bem, — disse Tina razoavelmente, - Temos alguma oportunidade, não são um grupo de adultos. Em princípio, os ataques são muitos ferozes e rápidos. É provável que sejam alguns jovens... apostaria mil dólares que não têm a idade legal para beber álcool.

— Viu algum? — perguntou Monique.

— Estava muito ocupada em brigar, e escapar. Mas te asseguro que estavam bem equipados. Certamente não me demorei.

— Isso esteve bem, — Falei impressionada. — Quer dizer, mesmo que não tenha demorado, machucaram-lhe bastante. Realmente fico feliz que esteja bem.

— Por que, Majestade?. — Brincou Tina. — Não sabia que se importava.

— Deixa disso, prostituta. — Tina não tinha ocultado o fato que se meteria em minha cama quando eu quisesse. Isso me pôs nervosa, porque A) Sou mais direita que um raio laser, e B) até os raios laser eram curiosos. Uma vez na universidade, um grupo de irmãs da fraternidade e eu, nos embebedamos e... bem, de qualquer maneira, às vezes sou curiosa. Melhor mantê-la boa distancia. Tinha muitos problemas mantendo Sinclair fora de minha cama. — Seu comportamento sedutor não sortirá efeito em mim.

— Armas? — perguntou Sinclair com um rastro de impaciência.

— Pistolas, estacas, molas de suspensão, facas e máscaras. Mas como falei, estou segura de que eram jovens. Sentiam-se jovens. Moviam-se como jovens, e cheiravam como jovens.

— Cheiravam? — Perguntei.

— Um monte de Stridex. — Explicou.

Evitei começar a rir. Adolescentes assassinos com acne! Soava como um filme de fim de semana.

— Então, temos uma vantagem.

— Qual?

— Somos maiores, mais preparados, e mais trapaceiros, — disse Sinclair, para meu gosto, muito presumido.

Tina e Monique inclinaram a cabeça. — Bem, então, esses pobres tipos não têm nenhuma possibilidade, Verdade?

— Exatamente, — respondeu, sem dar-se conta de que era um comentário sarcástico.

Capítulo 10

— Enjoe! — Gritei. — Está aqui?

Duvidei. Eram quase onze da noite. Mas seus pais deviam ter um estranho horário, porque normalmente ...

– Olá.

– AH, bem. – Saí de improviso do armário. – Viu meu Arpels púrpuras?

– São os que parecem sapatos de fadas, ou os que parecem sapatilhas de balé?

– Sapatilhas.

– Separados. O pé esquerdo está debaixo da pia do banheiro, e o pé direito debaixo da cama.

– Maldição!

– Bom, estava tão cansada ontem à noite, – Enjoe tratou de me acalmar. A menina amava os laços e as fitas para o cabelo, estava todo o tempo vestida da mesma forma. Devia ser uma pequena muito teimosa em casa. Simplesmente tirava toda roupa e caía na cama.

– Deixa de me espiar, mucosa

Riu nervosa. – Não me chame assim!

– Sim, sim. – Procurei ao redor Aqui estão! Meus sapatos estavam exatamente onde ela havia dito. – Onde está todo mundo?

– Um o Dr. Marc está trabalhando, e Jessica está dormindo.

– AH. – Resmunguei.

- Há coisas novas na cozinha. – Disse serviçalmente. – Jessica disse ao encarregado da despensa que conseguisse um pouco de white lha, e comprou nata fresca no fanner's market.

– De verdade? Sabe que estranho e caro é o white lha? Estive morrendo de vontade de prová-lo. Oooh, e nata fresca! Desça comigo, vou te preparar uma taça.

Ela negou com a cabeça, o que não me assombrou. Enjoe era uma menina dolorosamente tímida. Por alguma estranha razão, exceto comigo.

Rapidamente me vesti com calças curtas caquis, um suéter vermelho, de pescoço alto sem mangas e me meti em uns sapatos negros sem salto. Penteei o cabelo. Permanecia exatamente até os ombros, e meus reflexos se conservavam exatamente tão brilhantes como estavam o dia que morri. Uma coisa menos que preocupar-se. Além disso, era muito covarde para tentar um novo corte de cabelo. O que acontecia, ficava para sempre trancada com ele? Bom, talvez cortasse as pontas.

– Subirei com uma taça para você. - Prometi enquanto caminhava para porta.

– Não tenho sede. – Disse enquanto eu saía.

Levei dez minutos para encontrar a cozinha. Fazia muitos dias que vivia ali, e ainda me perdia. Graças a Deus que tinha meu nariz de vampiro, ou provavelmente nunca a teria encontrado.

Havia uma nota da Jessica sobre a mesa.

“Bets, o dono chamou de novo. Esta MUITO ansioso por nos vender a casa . Continua baixando o preço. Estou considerando seriamente. O que acha? J.”

— Penso que é muito caro, isso é o que penso, — disse em voz alta. Também poderia ter a discussão comigo mesma. Era a única maneira que ganhasse. — Quando fazemos ruído, parecemos ervilhas dentro de uma lata vazia. Além disso, já estou enjoada do aroma de madeira velha.

— Bruxa, bruxa, bruxa, — bocejou Jessica, com os ombros cansados e sentando-se na cozinha com seu pijama de seda verde jade. Fazia que sua pele, cor de ébano, ficasse estupenda. — Bruxa.

— Bem, é verdade. — Não mencionei que o lugar estava começando cativar, e por sua vez, era agradável ter todo o espaço que precisava no armário. — Não consegue dormir?

— Não, coloquei o alarme para poder falar com você.

— AH. Obrigada. Mas você precisa dormir.

Ela encolheu os ombros. — Tirarei uma soneca esta tarde. Não tem que trabalhar esta noite, Verdade?

— Não, tenho os próximos dois dias de descanso. Embora, como Macy's funciona sem mim, é um mistério. Na verdade está pensando em comprar esta casa?

— Se o dono seguir baixando o preço, sim, porque é um roubo. E você tem que admitir, que a casa é linda.

— Concordo. Me serve um copo de leite com chocolate, pois preparar um chá... demora muito tempo. — Bela e grande. Deveria comprar mais sapatos só para encher meu armário.

— Deus nos ajude. Há alguma novidade? Além do fato que é a única vampiro no mundo com um bigode de leite?

— Bem, temos um pequeno grupo de sujos assassinos de vampiros, e não me importei muito até que tentaram matar a Tina .

— Ela está bem?

— Agora está bem. — Omiti o detalhe vulgar de que tinha tido que tomar meu sangue. — Meu chefe vai sair de férias e deixar o cargo do departamento.

— Que Deus nos ajude.

— AH, pare de dizer isso. E vamos estender uma armadilha para os assassinos depois de amanhã. Também, penso em chamar um serviço de Baby siter para Enjoe.

Jessica bocejou e se levantou para fazer café. — Quem?

— Essa pequena lindeza que está todo o tempo dando voltas por aqui. Não me importuna, não incomoda em nada, mas droga, a menina *sempre* está aqui. Não importa a hora que seja. Estou segura de que seu papai tem boas intenções levando-a a seus trabalhos, mas isto é irracional.

— Bem, não perca os estribos e envolva uma baby siter. Poderia chamar o Detetive Nick, ou talvez possuí-lo, não, não me olhe zangada. Tem razão, é uma má idéia.

— Fico bastante nervosa em saber que vivemos em sua jurisdição. Vivo esperando que apareça em nossa soleira gritando: “ *Está morta e eu tinha esquecido tudo!*” — Tremi.

— Ele não tem nenhuma oportunidade contra a apagada cor de Sinclair. Mas voltando para a menina... poderia falar com seu pai, — sugeriu. — Quem é?

Fiquei perplexa. — Sabe, jamais o vi. Irei perguntar para ela. Provavelmente está ainda em minha casa. Estou segura de que a pequena usa meus sapatos quando não estou.

Voltei rapidamente para meu quarto, mas Enjoe não estava, e não apareceu quando a chamei.

Capítulo 11

— Mas, por que tenho que ser a isca? — Choraminguei.

— Bom, você se ajusta bem ao perfil.

— Por que sou uma vampira?

— Sim, — disse Monique.

— Sou a *única* vampira que pode fazer?

— Sim. — disse Tina.

— Eu também não gosto desta idéia. — Disse Sinclair. Bravo!

— Se for a isca, parecerá terrivelmente suspeito, — disse Tina. — O mesmo acontece com a Monique. Escapamos por pouco, e agora passeamos tranqüilamente? Improvável. E Eric, você é muito formidável para ser uma boa isca.

— Obrigado. — disse.

- Droga! - Falei. — Não há outro vampiro que possam escolher?

— Bem, tem a Sarah... mas permaneceu bastante isolada. Durante os últimos cinqüenta anos.

— Quem é Sa...

— E... você é a rainha, — interrompeu Monique com ar de desculpa. — faz parte de sua responsabilidade.

— Tira o de “sua parte” — respondi para Tina, — E substitui para “totalmente”.

— O que aconteceu com o 'terão que passar sobre meu cadáver, Majestade'? Fazem somente três meses.

— Isso era diferente. — Disse Tina com uma calma lhe exasperante. — Nesse momento ignorava quais eram suas responsabilidades.

— AH, que decepção. Concordo, ok, farei. Posso ficar tranqüila que terei apoio?

— É obvio! — disse Monique carinhosamente. Sorri. Por fim, alguém parecia se importar se me cortavam em pedacinhos. — Estaremos observando e esperando. E se quatro de nós não podem com um grupo de jovens... bom, deveríamos nos estacar nós mesmos neste momento.

— Tudo bem. — Falei, embora, inquietamente, Tina e Sinclair inclinaram a cabeça. — Ok. O que faço?

Seis horas mais tarde, tinha tido o bastante. — Isto não funciona! — Gritei. — E o sol daqui a pouco vai nascer! Uma tarde totalmente desperdiçada, perdedores!

Sinclair se materializou das sombras, me assustando como merda. Enquanto eu ficava sem fôlego e me colocava a mão sobre o peito, disse, — Parece que tem razão. Teremos que tentar mais tarde.

— Maldição!! — disse Tina em minhas costas. Chie e girei enquanto ela continuava. — Quero apanhar estes pequenos vândalos *agora*.

— Logo. — Apaziguou-a Sinclair. Colocou o braço amistosamente sobre seu ombro. Teve que se inclinar para fazê-lo. Ela era realmente pequena. — Vamos voltar para hotel e descansar um pouco. Onde está Monique?

— Aqui, — disse do outro lado da rua. Cruzou em uma velocidade sem igual. Todos os vampiros eram uns renegados - e se uniu a nosso pequeno grupo. — É uma pena. Tinha esperado pegar eles hoje.

— A próxima vez. — Disse Sinclair .

— AH, tolices! Arruinaremos outra tarde fazendo isto de novo? — grunhi. — Droga, não posso esperar. A propósito, me lembrem de estar bem longe essa noite. Sinclair resmungou algo em resposta, mas não escutei. Afortunado ele era.

— São uns sapatos geniais. — disse Monique, assinalando.

— Sim. — Falei contente. Estava vestida de negro - era um estereótipo, mas pareceu apropriado para os divertidos e secretos eventos dessa noite - exceto pelos sapatos. Eram wedges Lucite transparentes, com uma mariposa em cada salto. Normalmente procurava evitar os sapatos plásticos, mas desta vez tinha feito uma exceção. — Não são geniais? Sessenta e nove dólares e noventa e cinco centavos, com meu desconto.

— São insetos de verdade? — Perguntou Tina.

— Não! — Falei ofendida.

— AH, esta certo, é do P.E.T.A.

— Não sou mais, ficaram um pouco extremistas. Vamos, sou contra molharem colônia de barbear nos olhos de um coelho, como eles fazem. Mas estão tentando impedir a investigação do SIDA, acredito que é uma estupidez.

— Nossa, — Disse Sinclair sedosamente, — Sua política é tão alterado como seu guarda-roupa.

— ... Obrigada, Uh? — *Foi um elogio?* — Mas passo muito bem sem um autêntico inseto em meus sapatos.

— São cômodos? — perguntou Monique. — São tão altos.

— A comodidade é irrelevante! Um pequeno preço a pagar.

— Isto é apaixonante. — Disse Sinclair. — Mas o sol irá nascer logo, e não quero me queimar vivo enquanto vocês, senhoras, discutem sobre calçado.

— Melindroso, melindroso. Vejo vocês mais tarde crianças.

— Te acompanharei até o carro. — Disse ele, rapidamente.

Ri. — Por quê? O que poderia acontecer? Os maus não saíram esta noite... ou se saíram, não estão por perto.

Vacilou durante um momento - Você estava esperado ficar na escuridão do estacionamento comigo? - Rapidamente disse. — Muito Bem. Boa noite.

— Boa noite. Boa noite Tina. Adeus, Monique.

Cinco minutos mais tarde, estava na rampa do estacionamento do Banco US. Meu carro era o único no nível três. Era bom que já estivesse morta, ou estaria

realmente assustada. Minneapolis tinha um alto nível de crime, comparado com a maioria das cidades, mas não era questão de tentar o destino.

Destravei o alarme do meu carro com o controle e estava a ponto de abrir a porta quando notei — Argh! Estavam riscadas as pontas de meus sapatos? Dois pares em uma semana! Meu estilo de vida vampírica arruinava meu calçado, e eu não aguentaria.

Agachei-me para olhá-los mais de perto, e ouvi um baque! Me endireitei apressadamente e vi uma grossa flecha de madeira oscilando no metal entre minha janela e o teto do carro.

Me virei. Havia um moço - de dezoito ou dezenove anos - estava do lado de um dos pilares, segurando uma mola de suspensão. Ouvi o estalo quando soltou outra flecha, que fez estalar a janela do lado do condutor.

— Largue isso! — Gritei. — O que está fazendo?

- *Se mova.*

Agachei-me rapidamente outra vez, e o moço saltou de susto para trás do pilar quando mais duas flechas foram lançadas, passaram por onde eu tinha estado. Genial. Também havia um atrás de mim.

— Que aconteceu. São muito bons para cair em nossa armadilha? — Gritei. — desperdicei toda a tarde e aparecem *agora*? A próxima vez — pude ver como a flecha do moço vinha para mim como em câmera lenta, e pude me afastar do caminho de novo. Supus que minha adrenalina não morta estava reagindo com rapidez — Peçam uma entrevista.

— Se renda, puta vampira, — gritou alguém nas minhas costas.

— AH, que simpático. — Respondi bruscamente. — Não me conhecem!

Escutei um ruído amortecido de passos. Eram bons, não tinha advertido nada até que caí na emboscada.

Mas agora notava tudo. Calculei que ao menos havia três pessoas neste nível comigo, talvez quatro.

Tive o forte desejo de me mover de novo - "*obrigada, voz interior*" - e esta vez três balas costuraram a porta de meu carro. Logo outra me acertou no ombro.

— Aiiiiiiii! — Queixei-me. Senti como se alguém tivesse me batido com um taco de beisebol. Doeu durante uns segundos, logo meu ombro se intumescceu. — Têm sorte de que em casa tenho um milhão destas camisetas. Alguma vez lhes fiz algo?

Os que estavam atrás de mim, cochichavam entre eles, e o menino do pilar — um loiro de olhos azuis, diretamente saído de um filme de surfistas — pareceu assombrado. Olhava-me fixamente, como se estivesse esperando que ocontecesse algo. O que? Que estalasse? Eram balas especiais?

– Que fiasco. – Disse uma mulher de algum lugar.

– Fica quieta, sanguessuga de merda. – Finalmente o loiro falou.

– Está drogado? Tenho um gigantesco idiota escrito em minha testa?

– Não. – Admitiu meu assassino.

– Deixou de destroçar o carro? Tem que durar ao menos outro ano. – Felizmente, os Fords foram construídos para ser resistentes. – De todo modo, quem são vocês Imbecis?

– Somos os Blade Warriors – Gritou uma mulher atrás de mim. Estava muito bem escondida, Não tinha nem idéia da sua situação. Coloquei os olhos no menino do pilar e ele se deteve em meio da recarga para cravar os olhos em mim de novo. - Matamos aos vampiros.

Bufei. Adolescentes! Bem, ao menos tinham deixado de atirar em mim.

– Blade Warriors? Sério? Vocês pensaram isso e disseram, *‘este nome não está mau, vamos usa-lo’*? É nome de matar vampiros. – Continuei com ar satisfeito. – São bastante maus. Quantas munições desperdiçaram em mim?

– Você saberá perdedora. – Disse o loiro com desprezo.

– Ouça, não sou eu que está correndo na metade da noite no Kevlar e com molas de suspensão, como um inepto perdedor. E quatro contra um? Não me convence.

– Mas é uma vampira! – Protestou a mulher. Estava a uns três metros mais perto do que antes. OH, oh. “Ela mantém a atrativa garota morta falando enquanto os outros três se aproximam às escondidas. – Matas às pessoas!

– Não, não faço. Só matei uma pessoa na vida, e ele já estava morto. Já disse que vocês não sabem nada de mim. Porque sou um vampiro automaticamente mereço que me disparem flechas?

– Bem,... sim.

– Pura estória. São adolescentes e não estou querendo matar vocês. Embora continuem disparando em meu carro. – Resmunguei. – Posso fazer.

Tendo terminado meu discurso, acreditei que era hora de ir antes que minha sorte acabasse. Graças a Deus, tinha estacionado do lado direito da rampa. Velozmente cruzei os dois metros que havia até o corrimão, esquivando de outra bala e duas flechas no caminho, e sem outra palavra para os Loser Warriors, saltei sobre o muro e caí em pé, três metros até a rua.

Capítulo 12

Corri rua abaixo, agarrei o primeiro tipo sem lar que vi, me desfiz em desculpas, e o arrastei para trás de um contêiner de lixo para um bocado

rejuvenescedor. Como sempre, beber sangue me fazia sentir maravilhosa fisicamente, mas emotivamente me sentia enojada de mim mesma.

Depois de alguns segundos (nunca demorou muito), parti sorridente, deixando o meu doador de sangue adormecido em uma pilha de papelão. Era uma noite quente, ele ficaria bem. A menos que soubessem que estava ali, não poderiam ver.

Meu ombro curou como por arte de magia antes que deixasse o beco, e me maravilhei em sentir a bala sair de meu corpo e cair na minha mão.

Peguei e a olhei, mas não saberia diferenciar uma bala de um vibrador, assim a guardei e decidi mostrar ao Sinclair mais tarde. Ou talvez ao Nick Barry... um policial conheceria tudo sobre balas. Se me atrevesse a envolvê-lo nisto.

Cheguei em casa pouco antes do amanhecer - Graças a Deus pelos táxis noturnos! -E me dei conta, quando fui pagar, que tinha deixado a bolsa em meu carro, por isso, hipnotizei o motorista com minha velha magia vampírica, ignorando a punhalada de culpa, o homem partiu excitado até os dedos dos pés.

Houve, claro, o esperado alvoroço quando entrei em casa. Marc e Jessica começaram a gritar imediatamente, e enquanto Jessica apertava os botões de seu telefone celular, Marc me chateou para que eu tirasse a jaqueta e assim pudesse olhar minha ferida.

— Huh, — disse, escavando meu ombro como se eu fosse uma peça de carne.
— Não vejo nada.

Tossi, mas não lhe expliquei como me tinha curado. — A quem está chamando? — perguntei para Jessica.

— Já sabe quem. — disse, logo falou no telefone, — Betsy foi atacada. Acaba de chegar.

— Ah, não, Sinclair não! Isto é só o que me faltava. — Olhei o relógio. — De todos os modos, não acredito que tenha bastante tempo para vir.

— Sim, é o único jeito que fica indefeso. — disse Marc, fazendo uma bola com minha jaqueta. — Deveria atira-la, garota, está arruinada. O que sentiu ao ser alvejada?

— Que classe de pergunta tola é essa, e além disso, vem de uma pessoa que foi à Escola de Medicina? Doeui!

— Quero dizer... é diferente para um vampiro? Vi muitas feridas de bala no hospital, mas nenhuma que se curasse em uma hora.

— Eu é que sei? Nunca tinha levado um tiro. O que quero dizer é que podia ver as balas, vindo em minha direção.

— Maravilhoso! Como em Matrix?

— Não. Era como as bolas de beisebol lançadas com força. Podia se esquivar, mas tinha que estar realmente alerta.

— Graças a Deus que estas bem. — Ruborizei com prazer, e logo ela o destroçou adicionando, — É uma idiota. O que estava *pensando*?

— Ouça, não grite! *Pensava* em subir no carro e dirigir até em casa. — Falei. — Sou a vítima. E qual é, exatamente, meu crime?

— Vou estrangular o Sinclair. - Resmungou ela. Quando Jess se enfurecia, fazia com que ficasse com as bochechas vermelhas, marcando as maçãs do rosto. Parecia como uma zangada rainha egípcia, necessitando de uma bebida. — Te arrastando nesta... te colocando em perigo...

— Não aconteceu enquanto eu era a isca. Foi depois. — Pude apenas falar isso sem cair na risada. — Os Blade Warriors estavam me esperando na rampa do estacionamento.

As sobranceiras do Marc se elevaram rapidamente, e ele e Jessica intercambiaram um olhar.

— Sei como soa. — Falei.

— Mau, — respondeu Jessica.

— *Realmente* mal, — Completou Marc.

— Falava de seu nome, mas têm razão, não é divertido. Uma emboscada. Huh. Olhe, vou tomar uma ducha rápida, sinto-me asquerosa. Continuaremos falando em alguns minutos, Ok?

Fastidiosamente, esperaram para fora de meu banheiro enquanto eu me refrescava. Ao menos Enjoe não estava - teria sido muito horrível ter que explicar a uma menina pequena o que tinha acontecido aquela noite.

Saí do banheiro com uma calça curta de algodão e uma jaqueta nova, e me dirigi para as escadas. Jessica e Marc não esperaram, me encheram de perguntas durante o comprido caminho até o salão principal.

— Como escapou? Conte-nos tudo. — Ordenou Jessica finalmente, quando se deu conta de que eu não fazia caso de tudo o que ela e Marc diziam. — Começa com, 'Sai por essa porta faz seis horas como uma grande vampiresa idiota e loira,' e termina com 'e então retornei toda ensangüentada e cansada'.

— Não podem esperar? — Queixei-me. — Vou ter que soltar a língua outra vez com o Sinclair. Uf, que noite. Me alegrarei quando for amanhã. Quero dizer, esta noite.

Nesse momento, a porta se abriu de repente, o suficientemente forte para nos fazer saltar, e ali estava o príncipe da escuridão.

— Estão todos bem? — Exigiu Sinclair, cruzando o quarto com pernas velozes e olhando fixamente meu rosto.

— Por favor, entre. — Eu disse sarcasticamente. — Não esqueça de limpar os pés. E estou bem. Não havia necessidade de vir apressadamente. Onde estão seus sapatos?

Jessica tossiu. — Prometi que o manteria informado.

Esqueci o fato de que Sinclair estava vestindo, calças e um casaco, e tinha os pés descalços. — Fez o que?

— Isso não importa agora. — disse Sinclair impaciente. Percorreu com suas mãos minha face, meu pescoço, meus ombros e meus braços.

Joguei suas mãos longe quando, ele começou a levantar minha camiseta para olhar meu estômago.

— *Não, falemos disso agora mesmo.* - Antes que ele pudesse pensar em um bom discurso, me dei conta que estava repentinamente muito cansada. Extremamente cansada. Agitei a cabeça para tratar de espantar o cansaço, e me dei conta que me sentia mais ligeira. — Uh-OH, — Pude dizer, antes de que Sinclair e a sala de estar se inclinassem, e o tapete subisse rapidamente para meu rosto.

— Odeio isso! — Falei, exatamente quinze horas mais tarde. Abri os olhos e me alarmei ao ver Sinclair sem jaqueta, sentado na cadeira ao lado de minha cama, lendo. — Jesus!

Ele se sobressaltou.

— Por favor não me chame assim. Boa tarde.

— Isto não é justo! Por que não tem que dormir todo o dia?

— Sou muito mais velho que você. - Fechou o livro que estava lendo. - Vi que era um livro da coleção da Jessica, livros escolares antigos. Seu passatempo mais estúpido, exceto talvez o golfe. — Me diga tudo o que aconteceu ontem à noite.

Ignorei a ordem.

— Dormiu um pouco? — Perguntei desconfiada, já o conhecia bem.

Sorriu sarcasticamente. — Descansei a seu lado umas horas.

— Perverso!

— Não, mas se fosse, me aproveitar de você teria sido muito simples.

— Mencionei o que você me desagradou muito?

- Ah! — Disse, parecendo contente. — Progredimos. De ódio à desagrado.

— Forte, forte desagrado. Onde estão meus amigos? Não quero ter que contar esta história mil vezes.

— Estamos aqui. — disseram em coro, entrando em meu quarto.

— E eu também. — Adicionou Tina, caminhando atrás deles. — Esta bem majestade?

Tinha perdido as esperanças de obrigá-la a me chamar por meu nome de batismo. Ignorei a risada de satisfação do Marc e respondi. — Estou bem. Só me feriram uma vez.

Um músculo saltou na bochecha de Sinclair. Estranho. Nunca tinha visto isso antes.

— Te feriram? — Perguntou com uma horripilante calma.

— Acredite, meu carro ficou pior que eu. O que me lembra que temos que ir até ele esta noite. E minha bolsa. — Falei com toda a excitação .

— Desde o começo, por favor.

Contei. Não deixei nada fora. E ninguém me interrompeu, nem sequer uma vez, o que resultou toda uma experiência.

— Sabiam que é uma vampira. — Disse Tina quando terminei. Vi que estava muito, muito preocupada.

— Uh, sim. Bom ponto. *Como* souberam? Quero dizer, a maioria dos vampiros ainda não acreditam.

— E como souberam dos outros vampiros? — perguntou Marc.

— Bem, deve ser... talvez um vampiro insite estes tipos a nos atacar? — Especulei.

— Com certeza é vampiro. — Disse Jessica imediatamente. — Quem mais saberia quem está morto e quem não está?

Sinclair inclinou a cabeça.

— E estavam te esperando. — Sua aparência era tranquila, mas suas mãos se abriam e fechavam apertando os punhos. — Sabiam que iria.

— Aparentemente sim. — Na verdade, eu não tinha tido tempo de pensar como isso era estranho. — Deixa de fazer isso, me deixa nervosa. AH! Quase esqueci!

Saltei fora da cama e rapidamente corri para minha penteadeira, onde tinha colocado a bala depois de jogar minhas roupas no cesto. Tenho uma pista! — Disse com altivez, sustentando-a no alto.

— É grandioso, Nancy Drew, — disse Marc com falso entusiasmo.

— Calado. Olhem isto, crianças. — Passei para Sinclair, que o examinou brevemente e o passou a Tina.

— É uma bala oca. — Disse, muito surpreendida.

— Deus!!! — Disse Jessica. — Uma arma para caçadores de vampiros.

— Parece que vou estar ocupada. — Disse brandamente. — Irei dar uma olhada mais tarde.

— Pensei que o poderíamos levar para Nick. — Falei.

— O Detetive Nick Berry? Não acredito que seja inteligente. — Disse Sinclair.
— O melhor é deixá-lo fora de nossos assuntos.

— Pode ser que já esteja neles. Parou-me outro dia e me fez todo tipo de perguntas. Não se preocupem. — Falei, porque Tina e Sinclair pareceram alarmados, — Sua magia segue funcionando. Não lembra que eu estou morta e todo o resto.

— De todo modo, te procurou. — Disse Tina, parecendo preocupada.

— Simplesmente foi uma coincidência. — Falei intranquila. — Reconheceu meu carro e me fez parar.

Houve um curto silêncio, quebrado por:

— Deveria descansar. — Pediu Sinclair, levantando-se de sua cadeira. — Passe a noite na cama.

— Passei o *dia* na cama, e isso é suficiente.

Ignorou-me, como sempre. — Tina e eu juntaremos nossas cabeças e ...

— Estou *bem*. Quantas vezes tenho que dizer isso, “ deixe de cacarejar”. E além disso tenho que trabalhar esta noite, não posso ficar na cama.

— Não vai trabalhar.

— Inferno! — Olhei para ele encolerizada. — Pare de me dar ordens continuamente. Quando vai aprender?

Jessica elevou a voz.

— Uh, Betsy.

Ignorei-a. — Nunca escuta .

— Aprendi isso.

— E me faz ficar zangada muito mais.

— Bets.

— Francamente, poderia fazer coisas piores que me escutar. — Respondi bruscamente Sinclair. — Esta independência fica cada vez mais fastidiosa.

— *Faux*? — Gritei. — Isso significa fingida, Correto? Com certeza. Estúpido Francês ! — me escute imbecil.

— Betsy! — Jessica me segurou o braço tão forte, que teria doído como o inferno se tivesse estado viva. — Conversa entre mulheres, — disse a todos, logo me arrastou para o banheiro.

Me soltei, com dificuldade, de sua mão.

— O que aconteceu? Estou em meio de uma discussão. O que é o que tem que me dizer exatamente neste segundo?

Ela sussurrou:

- Fomos bem conscientes de que os vampiros nos escutavam. — Quis te deter antes de que dissesse algo pior.

— Amiga, nem comecei.

— Ok, sei que dele você não gosta, ou você pensa que não gosta, não sei, mas Bets! Foi muito romântico. Te segurou antes de que descesse rolando para o tapete. O que quero dizer é que você começou a cair no chão e ele impediu que você se batesse. Então te ergueu nos braços e a levou escada acima, para sua cama, embora como soube qual era seu quarto é um mistério, e em nenhum momento se afastou de seu lado.

— Droga.

— Não, o contrário de droga. Subi para ver vocês, perto da hora do almoço e estavam... uh...mortos para o mundo, ele estava com o braço em volta de seus ombros e você o abraçava.

— Não estava! — Falei. Fui tão desavergonhada em meu sonho não morto?

— Bets, você fez. E depois, quando voltei algumas horas mais tarde...

— Deus! Não podia ficar afastada, verdade? Não sente saudades.

— Hey, era interessante. De qualquer maneira, Eric estava acordado, perguntou-me se eu podia lhe emprestar um de meus velhos livros e, muito amavelmente, me pediu uma xícara de café.

— Não é uma garçonete.

— Não, mas sou uma boa anfitriã. De todo modo, foi...agradável. Foi realmente simpático. E ele é amável com você.

— Não, não é!

— Acredito que você deveria, tratar ele melhor. — Disse firmemente.

Traidora! Respirei fundo, o que fez que me enjoasse. — E *eu* acredito...

Mas uma batida na porta do banheiro, nos fez retornar no quarto. Para minha surpresa, Sinclair e Tina tinham ido embora.

— O tipo se foi de repente. — respondeu Marc a minha muda pergunta. — e ela disse adeus, muito educadamente, e o seguiu. — Marc negou com a cabeça. — É verdade que vai trabalhar esta noite?

— Quer apostar?

— É simplesmente... — Marc pareceu preocupado, o que era bastante estranho nele. — ... que esses guerreiros sabem quem foi. Poderiam te procurar.

Era um surpreendente e desagradável!, pensei.

— Acredito que não. — disse depois de pensar por um minuto. — Como saberiam onde trabalho?

— Sabiam onde estacionou. — Indicou.

— Tenho que ir. De outra maneira, Sinclair pensará que não fui porque me ordenou isso.

— Deus nos liberte. — Disse Jessica. — Deus proíba que faça caso do conselho de um homem mais velho, experiente e extremamente inteligente.

— Faria algo que me pedisse. — Disse Marc admirativamente. — Que macho! Oooh, todo apaixonado e duro, mas sabe, uma vez que o coloca entre os lençóis ...

— Alto! — dissemos simultaneamente Jessica e eu.

— É verdade. — Agitou as sobrancelhas. — De fato, Betsy, você não descobriu por si mesma não faz muito tempo?

— Não quero falar disso. — Falei firmemente. — Ele me enganou. Sabia que se tivéssemos relações sexuais, eu seria a rainha.

A não, eu não gostava de falar nisso. Mas era certo, que eu pensava bastante sobre isso. Não só resultou ser a experiência sexual mais prazerosa de minha vida, como tinha sido muito intensa. Porque, durante um momento, enquanto ele estava dentro de mim, eu estava dentro *dele*. Pude ler sua mente. E seus pensamentos... seus pensamentos tinham sido muito bonitos. Enquanto tínhamos relações sexuais, ao menos, senti que ele gostava de mim.

Possivelmente tinha me amado.

— Vamos, — disse Marc com sua adúladora voz de Dr. — Fazem três meses. E houve compensações, não é? O que digo, é que Sinclair e Tina são estupendos, e é óbvio que gostam de você de verdade. O que tem que mau nisso? Quando você vai perdoá-los?

— Dentro de uns mil anos! — Falei, tentando não demonstrar como eu estava alterada. Marc, que sentia um forte amor por Sinclair, não se deu conta. E Jessica pensava que deveria ser amável com ele. Agradável! — Esse é todo o tempo que tenho que estar nesta canoa. Graças a *ele*.

— Bem, sei, e sinto. Não se queixe tanto. — Disse, bastante carinhoso. — Mas há coisas piores, que agradáveis vampiros pensando que sabem de tudo, não é?

— Já não quero falar mais disso.

— Concordo. — disse Jessica imediatamente. Ela olhou furiosamente para Marc. — Não o faça, se não quer. Olhe, por que não se veste para ir ao trabalho? Te farei um chá, e depois iremos pegar seu carro.

Inalei pelo nariz.

— Ok. Irei com você. Preciso do chá agora mesmo...estou morrendo de sede. Não me olhem assim.

— Sinto muito. — disseram em inquieta harmonia.

— AH, por favor. Como se alguma vez eu fosse morder um dos dois, estúpidos. — Resmunguei. — Vou trocar de roupa, e logo descerei.

Saíram, e acreditei ouvir a porta principal se abrir, mas estava muito cansada para me importar. Mais visita - Genial! Bom, que venham.

Estava me virando para me dirigir a penteadeira , quando quase caí sobre Enjoe.

— Raios, não faça isso! Em pensamento gritei. Ok, realmente gritei. — Doçura, não se incomodaria de me deixar sozinha? Tive uma tarde péssima. Vá ver seu pai, ou outra coisa.

— Ok. — disse, me olhando com uns olhos grandes e solenes. — Mas acredito que não deveria abrir a porta.

Que seja. Ela não estava mais no quarto quando saí do banheiro, coloquei uma blusa limpa, calça curta cáqui, e um par de sandálias negras. Passei a escova no cabelo e me dirigi para as escadas.

Abri a porta de minha casa, tive a maior surpresa de minha vida.

Capítulo 13

Dos papéis privados do Pai Markus, Cura Pároco, da Igreja St. Pious, rua 7 129 E. , Minneapolis, Minnesota.

Matar aos Maléficos não é tão satisfatório como tinha assumido que seria. E logo que posso acreditar que esteja pensando tal coisa, muito menos pondo-o por escrito. Quando estiver morto, estes papéis pertencerão à Santa Igreja. O que pensarão de mim, e de que forma prestarei contas a meu Pai Celestial?

A princípio, pensei que Deus estava atuando através de nosso benfeitor. Começo a me perguntar se por acaso, foi o diabo, falando com a voz de meu orgulho. Porque muitas coisas nas que por muito tempo acreditei, não podem ser certas. E serem assim. O que será de mim? O que será das crianças? Dizem que tudo acontece pela vontade de Deus... possivelmente até os não mortos.

O dinheiro, a equipe, as habilidades dos Blade Warriors... cada vampiro que as crianças encontraram tinham sido despachados. Assumi que estávamos fazendo um grande bem. Nos ordenou não matar, mas estas coisas já não estão mortas? Pensei que Deus estava atuando através de mim e através das crianças, mas agora...

Começou a sair mal quando as duas fêmeas escaparam. Ambas eram belas, jovens, e tinham a força de dez tigres. Embora lhe infligíssemos grandes

machucados a menor, a mais perigosa, ao final nos evita. Era a primeira vez que tínhamos sido incapazes de cumprir com nosso dever, e pesou com excesso nas crianças. Ani é a mais otimista, mas mesmo assim, não pode silenciar seu desassossego.

Então apareceu aquele vampiro no estacionamento.

Mas era mesmo um vampiro?

Nosso benfeitor nunca se equivocou. Mas essa mulher, não gritou e nem grunhiu quando a encurralamos, nem tentou morder. Pareceu desconcertada, e embora se movesse com a graça de um gato selvagem, não tentou nenhum dos truques dos não mortos – hipnose, domínio mental, sedução. Em lugar disso, gritou com o Jon e se esquivou do resto de nós. Fez-nos sentir como tolos e muito maus, tememos *ser estúpidos*. E depois de nos reprimir rigorosamente, e em vez de contra-atacar, fugiu. E aprendemos algo mais, a altura é amiga dos vampiros.

Ani encontrou a bolsa no carro da mulher, *vampiro*. E essa foi outra novidade. Este vampiro tinha carro, um trabalho, e uma vida. Levava uma identificação completa, até seu cartão da biblioteca.

Vampiros, indo à biblioteca.

O nome era correto – Elizabeth Taylor – mas nada mais se ajustava com o que sabíamos dos não mortos.

Pudemos sentir que as dúvidas começavam a surgir pouco a pouco. Em nossa ocupação, era fatal.

Jon propôs um plano simples mas atrevido. Por isso na tarde seguinte a encontramos no Summit Avenue, diante de um grande edifício.

Para nossa grande surpresa, a porta principal estava sem a tranca. Havia vários carros no caminho de acesso, e quando entramos pudemos ver uma cozinheira apressando-se através da entrada com bolsas de comida. Jogou-nos um olhar desinteressado e desapareceu através de um corredor. Ouvimos um carro arrancar e Wild Bill foi inspecionar. Quando retornou, nos informou que o jardineiro acabava de partir.

– Estranho – Comentou Ani. É uma estudante avançada de filosofia na Universidade, e temos um profundo respeito a sua mente. – O vampiro conduz um Ford e vive neste lugar? E o que está fazendo toda esta gente aqui? Saberão? E se sabem, Estão com ela? Ou são prisioneiros? Não têm nenhuma marca, e não parecem estar mordidos...

Antes que pudéssemos responder, e nos preocupar com essas perguntas, uma preciosa jovem afroamericana desceu apressadamente as escadas, e atrás dela, que surpresa, um médico! Era um jovem muito magro, de cabelo escuro, com roupa de hospital verde clara e pareceu estar completamente surpreso de nos ver.

— AH, genial. — Disse a mulher. Era magra ao extremo, mas de todas formas, linda. Sua pele de ébano tinha matizes avermelhadas, e suas maçãs do rosto faziam parecer quase régia. Seus olhos emitiram fogo escuro enquanto corria para nós. E, o mais estranho de tudo, pareceu-me familiar. — Não me digam isso, me deixem adivinhar. Os Blade Warriors. Tenho muito que brigar com vocês.

— Era a nossa amiga, que vocês atacaram. — Falou o doutor. Estava justo atrás dela enquanto corriam a nosso encontro.

Isto era um pouco exasperante. Estávamos completamente indefesos entre humanos, não podíamos matá-los! Mas nunca antes tínhamos encontrado um vampiro com amigos humanos.

E onde tinha visto esta mulher?

— Talvez sejam mascotes. — Resmungou Ani atrás de mim.

— Talvez tenham entrado á força. — Respondeu a mulher friamente. — Idiotas estão em propriedade privada. *A minha*. Assim vão para o inferno, a menos que estejam aqui para pedir perdão a minha amiga. Se não, ainda podem ir ao inferno, porque não queremos ouvi-lo.

— A porta estava sem chave, — assinalou Jon.

— Assim não é invasão de casa. — disse o doutor, sorrindo abertamente. — simplesmente empurraram.

Sua pequena brincadeira fez que a maior parte de nós relaxassem um pouco, mas a jovem permaneceu impassível.

— Saiam daqui! — Disse com uma evidente advertência em sua voz. — Vou contar até três. Depois carrego a escopeta. As pistolas estão cheias com água benta. Solto os cães de caça. E então....

— Jessica Watkins? — Perguntei, completamente assombrado.

Ela piscou, assombrada. — Sim. Quem...?

— Sou o Padre Markus. Doou meio milhão de dólares a minha igreja. — Em fim tinha lembrado! Não a tinha reconhecido vestida como estava, com calças jeans descoloridas e uma camiseta Gap, porque normalmente a via na missa, vestida com roupas formais. — Isto é uma surpresa. Encantado em vê-la.

Tomada de surpresa, ela me deixou apertar sua mão. — Uh, sim. Bem, encantada de lhe ver, também. Um. O que faz você com estes idiotas?

— Estes são minhas crianças. — Corrigi firmemente.

Ela me deu um olhar de soslaio.

— AH, não será você um desses sacerdotes, não é?

Embora a reputação da vinda do Senhor tinha sofrido penosamente os últimos anos, não entreguei o anzol.

— Cuido deles. — Expliquei com paciência. — E eles cuidam de mim, em minha velhice. Fazemos a obra de Deus.

— Hoje não, Padre! Betsy nunca lhes fnada. Deixem-na em paz!

— Estamos aqui para resolver um mistério. — Falei. — Não estamos realmente seguros de que seu...seu amiga seja...seja quem pensamos que é.

— Por isso vêm a minha casa de noite, carregando armas? Estou surpreendida de que não tenham aparecido ao meio dia como verdadeiros covardes. — Disse ela, com sua imperiosa voz gotejando com desprezo. Era, verdadeiramente, filha de seu pai. Tinha-me informado de que o homem tinha feito chorar a outros CEOS pouco antes de assumir o controle de suas companhias.

— Não o faríamos nunca. — Falei ofendido. — Até os não mortos merecem ser tratados honrrosamente.

— Superados em número, cinco contra um, abandonados e estacados até morrer? Padre Markus, nunca sonhei que fosse tão idiota.

Me ofendi! Sou um bom homem, um bom sacerdote. Ajudava a caçar aos não mortos. Salvava visdas. Não era um idiota.

Como era seu costume, Ani interveio quando sentiu que alguém era desrespeitoso. — Não fale assim com o Padre Markus. — Ela advertiu. É uma mulher alta, quase da minha altura, com o cabelo negro cortado abaixo das orelhas, e encantadores olhos amendoados, inclinados na ponta. Sua mãe tinha sido japonesa. Nunca tinha conhecido seu pai, mas por sua constituição e coloração, especulamos que era do norte da Europa. Suas extremidades são largas e magras, e é uma das corredoras mais rápidas que já tinha visto. Tinha estado considerando participar dos Jogos Olímpicos quando a encontramos. — Não a menos que queira comer os dentes.

— Ani! — Murmurei.

— Agora vão estacar às pessoas normais, tola? — Respondeu Jessica bruscamente. — Entra em minha casa caçando minha amiga, nem sequer chama, vem com todo tipo de armas, E agora me ameaça? Amiga, hoje deveria ter deixado seu traseiro na cama.

Os meninos trocavam de posição ansiosamente, e eu não podia os culpar. Caçar ao não morto era uma coisa. Despertar a ira da pessoa mais rica da cidade, do estado! Era distinto. Até sem seu dinheiro, Jessica Watkins teria sido formidável. Como falei, ela era filha de seu pai.

— Olhe, nos deixe fazer um trato. — Disse o doutor, abrindo elegantemente uma brecha no embaraçoso silêncio. — Padre, por que não vai lá em cima no quarto de Bestsy?

— De Betsy? — Repeti.

– E lhe joga um pouco de água sagrada. Isso deveria ser seu trabalho, não é?
– Marc. – começou Jessica, mas ele negou com a cabeça.
– Bem. – Tossi. – Provavelmente a queimará gravemente. Até poderia matar. Ou cegar. A sua amiga.

– É um risco que estamos dispostos a correr. – Disse o doutor alegremente.
– Vamos com ele. – disse Jon.
– Muito bem, mas os brinquedos ficam aqui embaixo. Só água sagrada. Deveria ser suficiente para a grande cagada de assassinos de vampiros que são, tudo bem?

Suas palavras foram grosseiras, mas ainda nos sorria abertamente, amigavelmente. Tratei de encontrar a armadilha, mas não a pude ver.

– Concordo.

– Bem, então. Vão. Esperaremos. – Pareceu perturbadoramente alegre, mas, como falei, não pude ver o motivo.

As crianças obedientemente desencaparam suas armas e desembanharam as facas. Havia realmente muitas armas na preciosa mesa cor cereja quando terminaram de descarregar. Da minha parte, minha cruz e a água sagrada, eram as únicas armas que precisava. Os não mortos sempre foram atrás de algum dos meninos, tendiam a me evitar.

– Bem, então. – Respirei fundo. – Vamos. Mas primeiro... – As crianças inclinaram suas cabeças obedientemente, e fechei meus olhos. – O Pai Divino, por favor guia minha mão e conserva a salvo a nossa família. Em Seu nome, Amém.

– Amém. – Repetiram. Interessantemente, o doutor e Jessica também disseram Amém.

– O terceiro andar. – Disse ele serviçalmente. – A quinta porta à esquerda. Cuidado com o sétimo degrau, ele estrala.

Não pude menos que contemplá-lo, e soube que meu atordoamento se via em meu rosto, claramente. Resultava estranho e peculiar. Mas era nosso dever, e até estávamos autorizados para realizá-lo.

Tirei a tampa da garrafa de água sagrada e os conduzi ao piso de acima.

Capítulo 14

Abri a porta e, para meu total assombro, recebi uma chuva de água na cara. Por um momento simplesmente cuspi a água. Logo comecei a espirrar.

AH, genial. Água benta! Era pior que pimenta. Espirrei, tossi e ofeguei até minha vista clareou.

Haviam várias pessoas apertadas no corredor, mas prestei atenção ao velho alto, vestido de negro, que cravava seus olhos em mim e segurava uma cruz.

— MUITÍSSIMO obrigada! — Respondi bruscamente. — O que te fiz, imbecil? Estou aqui, em minha casa, e você vem e me atira água benta na minha cara! Olhe meu cabelo! E minha *camisa*! Maldição, acabei de vestir! — Sacudi a água de meus pés, tinham sorte que fossem sandálias da temporada passada, e lhe empurrei com o ombro a ele e aos outros insetos estranhos, seguindo meu caminho. — Isto é o que lhe ensinaram na Escola dos Imbecis? Vou a *sua* casa e te jogo água?

— Nós... uh

— Bem, vamos. — Baixei furiosa os braços e os ouvi caminhar atrás de mim. Ninguém falou. O que esteve bem, porque não tinha terminado de gritar.

— E outra coisa! Não escuram sobre bater na porta? De toda forma, quanto tempo estiveram esperando no corredor? Não é algo interessante.

Marc e Jessica estavam me esperando ao pé das escadas. Marc sorria bobamente, e Jessica o olhava encolerizada. Ao menos tudo estava bem com esses dois.

— Problemas?

— Não vai acreditar nisso! — Destrambelhei. — Abri a porta, e este grande idiota de negro me atirou água benta!

— Não me surpreende. Marc lhe disse para fazer isso. — Disse Jessica.

— *O que?*

— Não estávamos seguros. — Disse o grande idiota de negro, parecendo confuso, assustado e com ar de desculpa, tudo ao mesmo tempo. — Não estávamos seguros... pensávamos que fosse um vampiro.

Era uma cidadã desumana dos não mortos, e estava impassível. E para quem importava se ele parecia muitíssimo com o avô de alguém? Certo, o meu avô.

— *Sou* um vampiro, tolo! Tenho que arrancar todos os teus dentes e jogar dados com eles?

— Mas... mas é impossível! — Falou pelos cotovelos um dos estúpidos adolescentes. Olhei-o furiosamente... e o reconheci.

Todos eles deram um grande passo para trás enquanto os repreendia.

— Eu os conheço, são os Broody Warthogs!

— Blade Warriors. — Corrigiu em um murmúrio o surfista da noite anterior.

— Disparam meu carro e agora vêm *aqui*? — Me virei para Marc e Jessica. — Não lhes feriram crianças?

— Nunca! — Disse o idiota grande de negro, soando entre nervoso e ofendido. — Só matamos os mortos.

Finalmente me precavi de que o traje negro era, de fato, o traje de um sacerdote, e então resisti ao desejo de lhe arrancar a cabeça dos ombros e usá-la como bola de futebol. Iria ao inferno por chamar um sacerdote de idiota? Embora o fosse? Era um problema que eu me preocuparia mais tarde.

— Vocês ... — Respire fundo, ignorei o enjôo que me causou, e me esforcei por me acalmar. — Estivemos procurando.

— Apostaria... — Disse a mulher. Era super bonita, e alta, de minha altura, mas era perversa, como uma alta e malvada Lucy Liu, com um mau corte de cabelo. — Com certeza apostaria.

— Hey, pensaram que não notaríamos que andavam de um lado para o outro matando vampiros? — Menti, porque, claro eu, não tinha notado. — Dificilmente! Estão com grandes problemas.

Oooh, espere que Sinclair saiba que eu peguei os Word Barriers! Eu sozinha!

— Não acredito — começou o sacerdote, tentando de novo, mas ainda estava muito brava para deixar ele terminar uma frase.

— O que você pensa? Que eu lhes fiz algo?

— Bom, — disse o grande idiota de negro. — Ah. Ou seja... nada.

— Ela não é um vampiro, — Insistiu o surfista.

— Se o for, — o tipo baixinho, que levava o cabelo de cor negra e as pontas com tinta branca, insistiu.

— Não é!

— É!

— Não é!

— É!

A cópia do Lucy Liu caminhou para a grande mesa da entrada, agarrou uma faca tão larga como meu antebraço, de um monte de armas, e o deu a Marc pela bainha, surpreendendo-o.

— Poderia... - perguntou agradavelmente. — ... colocar isto em minha orelha até que não possa escutar mais nada?

Não pude evitar. Ri. E, como sempre, foi impossível manter a fúria quando ria tanto. Ridículo, mas assim era.

— Continuo dizendo que não é um vampiro. — Wild Bill, o menino do cabelo de tatu, insistia meia hora mais tarde. Tinha nata no lábio, mas eu não ia dizer.

— Terá que acreditar em minha palavra. — Falei. Estávamos na sala de chá, uma das salas de chá, e Jessica interpretava o papel de anfitriã para as pessoas que tinha tentado me matar. Bom, acredito que era ligeiramente mais civilizado que mordê-los ou lhes arrancar os braços.

— A verdade é que sou, uma vampira. E é melhor que entendam isso para que possamos nos entender.

— Não pode nos culpar por estarmos surpresos. — Disse Ani. Seu nome era Ani Goodman. Não era um nome grande, para uma caçadora de vampiros? Dê à garota um corte de cabelo decente, e seria uma pessoa que terei que matar.

— Mas é que é terrivelmente... uh.

— Vaidosa. — disse Marc .

— Gritalhona, — adicionou o Padre Markus .

— Irritante. — Apoiou Jessica.

— Alguém já disse vaidosa? — Disse Jon, o líder que se parecia com um surfista,.

— São divertidíssimos. — Cruzei os braços e pernas para completar a pose. — Se já riram bastante de mim...

— *Eu não.* — disse Marc.

— Isto é embaraçoso. — disse o Padre Markus.

— Não brinco!

— Porque até agora, acreditamos que fazíamos a obra de Deus.

— AH. Pensava que ainda falávamos de mim.

— Estou segura de que o faremos, logo, — Apaziguo Ani, e Jessica caiu na risada. Olharam uma para outra, e o estado de ânimo do quarto se desviou um pouco para o lado de 'não podemos nos entender?'.

— Os vampiros que matamos eram abominações. — disse Padre Markus, que não quis deixar o tema que estavam falando de lado. — Mas agora, mostro os recentes acontecimentos...

Retorci-me. Sabia como os vampiros poderiam ser maus. Mas eu era a rainha , por mais ridícula que fosse a idéia, e tinha uma responsabilidade. O mau era que não tinha nenhuma pista de qual era.

— Então acordaram um dia e decidiram começar a estacar aos vampiros? — Perguntou Marc. Se recostou e colocou meio pedaço de bolacha na boca. Quase babei... as bolachas eram muiitoooo boas. O recheio saiu por um lado e caiu em seu prato. Olhei para cima e vi que Jon me observava. Deixei de olhar e me contentei com outro gole de chá. — O que ocorre, estava em seu horóscopo ou algo assim?

— Não. — Disse Jon. — O Padre Markus conhece muitas pessoas em sua paróquia, pessoas que o resto de nós nunca conhecemos. Pessoas de todas as partes do mundo.

— Bem, isso é verdade. — Tossiu o Padre Markus modestamente.

— E há alguns meses começou a receber e-mails, logo o dinheiro começou a chegar em nossa conta, para armas e essas coisas, depois nos mandaram uma lista de nomes e direções. Esconderijos, e outros lugares... e fomos fazer o trabalho.

— Como verificou sua existência? Como aprenderam a lutar?

— São filhos da terra que evitaram o sistema. — Disse tranqüilamente o Padre Markus.

— E? — Perguntei intrigada.

— Crescemos nas ruas, — disse Ani com a boca cheia. Engoliu a bolacha de açúcar e continuou. — É um bom lugar para aprender como brigar.

— Peguei o Jon e o Bill atrás da igreja tentando roubar . — Disse Markus carinhosamente. — . E eles me levaram até os outros.

— Ahh, isso está muito bom. Não é que nos importe uma merda dessas. — Ri dissimuladamente. Até aí cheguei quanto a ser uma boa anfitriã.

— Quem está financiando vocês? — Perguntou Jessica.

Os Warriors Weird se olharam.

— Bem, a coisa é, — disse o Padre Markus delicadamente. —... que não sabemos. Nosso ...

— Titiritero. — disse Jessica.

— Benfeitor deseja conservar seu anonimato.

Jessica olhou Marc nos olhos, que encolheu de ombros. Eu mesma pensei que era um pouco estranho, mas não disse nada. Com a Jessica no quarto, não tive necessidade de falar.

— Uh-huh. Desta maneira conseguem tudo o que precisam para matar os vampiros, alguém coloca nas suas mãos o que precisam e vocês sem fazer perguntas, simplesmente começam a exterminá-los?

— Questionamos no princípio. — Disse Ani. — Mas nos convencemos facilmente quando o primeiro vampiro quase matou o Drake.

— Quem é Drake?

- Drake não vai voltar a andar com a gente. Está tentando aprender a caminhar de novo.

— AH. — dissemos Marc e eu.

— De qualquer maneira... — Disse ela energicamente. —... depois disso, foi fácil. Na verdade, não questionamos a moralidade do que fazíamos. A maioria das

vezes, quando pegávamos um vampiro, ele estava a ponto de comer alguém. Ou para simplesmente diversão.

Retorci-me, mas não disse nada.

— Isso foi até que nos topamos com você.

No fim de contas, podia dizer algo em defesa dos vampiros.

— Para falar a verdade, até que encontraram com Tina e Monique. Elas também escaparam. E para sua informação, são boas! É algo que não se incomodaram em comprovar.

— Olhe, sentimos. — Disse Jon, esmigalhando um pãozinho de baunilha em sua agitação - Mas quem comprova a boa fé dos não mortos? São vampiros, *ergo* são maus, *ergo* devem ser assassinados.

— Tenho seus *ergos* aqui mesmo. — Resmunguei. Infelizmente, tinha um ponto de razão. Mas não ia dizer. De fato, o que eu poderia dizer? Deveria estar falando com eles? Supunha-se que devia matá-los agora mesmo? Nunca tinha matado a alguém que estivesse vivo.

E como poderia matá-los quando bebiam chá de laranja e comiam bolachas conosco? Deveria esperar até que terminassem, ou saltar em cima quando fossem se servir de novo? Ser um cidadão sem alma dos não mortos, era *realmente* duro algumas vezes.

Enquanto me servia de mais chá, pensava no assassinato em massa, ouvi como se abrissem uma porta na parte de baixo, mas não disse nada. Tínhamos muitos problemas sem mais convidados não convidados.

Houve um *tap - tap* na janela atrás de mim, me virei. E quase derramei o chá. Tina olhava através da janela, o que era perturbador, porque estamos no segundo andar.

Estamos aqui, articulou. *Fica tranquila.*

— Pelo amor de Deus. — Falei, me levantando, cruzando a sala e abrindo a janela. Todos outros saltaram do susto, e Jessica deixou escapar um pequeno grito quando viu o que estava na janela. Me dei conta de que eu fui a única que tinha ouvido o golpe de Tina.

— Entre e tome um pouco de chá como uma pessoa civilizada. E, esta aí pendurada diante da janela como se fosse uma traça loira! Venha, entre.

Ela me fulminou com o olhar mas entrou na sala. Então olhou furiosamente para os Warriors.

— Viemos..., — disse com grande dignidade. — ...para te resgatar de uma morte segura.

— Um pãozinho? — Perguntou Ani docemente.

A porta do salão se abriu com um ruidoso golpe e, para grande surpresa geral, ali estava Sinclair. Sem ser convidado, como de costume. Não permaneceu imóvel durante muito tempo, quando me dei conta vi que ele tinha pego o Jon e o sacudia como um máquina de moer pimenta.

Um caos total. Chá derramado. Os pãezinhos no chão, onde rapidamente foram pisados e moídos sobre o tapete de duzentos anos.

Saltei diante de Sinclair, com os braços abertos, bem a tempo de conseguir outra cara cheia de água benta. Sacudi a cabeça para limpar os olhos, então peguei Jon e o atirei com força para longe das garras de Sinclair. Muito forte, ele passou sobre duas cadeiras e bateu em um canto com um ruído surdo que sacudiu as xícaras de chá.

— Chega, chega! - Gritei. — Isto não ajuda, só piora! — Então me virei e espirrei no rosto de Sinclair.

Os dois mais pequenos — Wild Bill e Devo — se encolhiam atrás do Padre Markus, que sustentava sua cruz, mas Ani parecia a ponto de gritar enquanto estudava Sinclair e agarrava firmemente uma faca.

— Parece que sua Majestade não precisa ser salva. — disse Tina, olhando atentamente para Ani.

— Certo. Obrigado por verificar, por que não sentam, e relaxam? Tomem um pouco de chá e uma bolacha, se não estiverem todas esmagadas.

— Por que... — exigiu Sinclair, tirando um lenço negro e limpando meu rosto. — ... está tomando chá com os assassinos de vampiros?

— Porque são muito jovens para beber álcool? — respondi.

Tina levantou uma mão para ocultar seu sorriso.

— Ouça, te conheço! — disse Ani de repente, cravando os olhos em Tina.

— Não, não a conhece. — Falei rapidamente. — Nunca a vi antes. Confunde-a com outra sanguessuga.

— É obvio que me conhece, — respondeu Tina — A última vez que a vi, estava do outro lado de uma mola de suspensão e eu corria para salvar minha vida.

Interessantemente, Ani ruborizou. Sinclair, que tinha ficado segurando meu ombro enquanto limpava toda a água benta do meu rosto, repentinamente apertou sua mão e resmunguei.

— Não comece, não comece de novo! - Gritei, agitando os braços freneticamente — Vamos nos sentar e falar disto como pessoas civilizadas!

— Por que? — Perguntou friamente.

— Uh... Porque perguntei amavelmente?

Contemplou seu lenço, que, agora que não me tocava, começava a arder lentamente. Então, uma vez que a água benta era retirada, podia ferir um vampiro? Que Estranho! Lançou no cesto de papéis, o lenço e olhou carrancudo para os Blond Warriors.

— Como você ordenar minha rainha! — conseguiu cuspir através de seus dentes apertados, para minha surpresa e o alívio de todos os outros.

Capítulo 15

— Vocês deram conta de que são simplesmente uma arma carregada, que outra pessoa aponta. Uma ferramenta, uma grande e estúpida ferramenta? — Jessica meteu outra bolacha salgada na boca, mastigou-a e logo adicionou. — Vocês tem consciência disso?

— Isso não está certo. — queixou-se Wild Bill.

— Asseguro que é. Nem sequer foram uma equipe antes de que o titiritero aparecesse. Agora correm de um lado para outro estacando às pessoas morta. E nem sequer sabem por que.

Sinclair inclinou a cabeça com aprovação e bebeu um gole de seu Earl Grey. Os vampiros estavam comodamente sentados em um dos lados da mesa, e todos outros apertados no outro lado. O Padre Markus pendurou o crucifixo ao redor do pescoço, mantendo-o à vista, o que inquietou os outros vampiros. Tratavam de olhá-lo, mas rapidamente tinham que desviar a vista.

Do outro lado da mesa, todos saltavam do susto cada vez que Tina ou Sinclair se serviam de mais chá. Era um pouco constrangedor.

— Então, quem é o que comanda? — perguntou Tina. — Têm alguma idéia?

— Não. — respondeu Ani.

— AH, vamos.

— Juro! Tudo foi anônimo. Acreditam que é alguma vítima rica dos vampiros. Já sabe, alguém que perdeu um ser querido por... por culpa de um de vocês.

— Ennnnnhhhhh! Obrigado tentar explicar... O que temos para ela, Johnny?

— Deixe de imitar um apresentador de concurso, Marc, — ordenei — Confunde os vampiros. Não são grandes televidentes.

— Ao menos não da televisão diurna. — disse Sinclair puxando o ar pelo nariz.

Marc sorriu sardonicamente.

— Na minha opinião, duvido. Lembram, crianças, que falamos que tinha que ser um vampiro, porque sabia quem estava morto e quem não? Como saberia isso uma pessoa normal? Não é como se Eric tivesse isto na lista..., John Smith ressuscitou dos mortos, é melhor que o aponte.

— Não. — disse Sinclair, e realmente sorria. Graças a Deus. — Não tenho uma lista.

— Na verdade.... eu disse... — falou Jessica. — ... é tem razão. O mandante tem que ser um de vocês. — disse, apontando para a metade vampírica da mesa de chá. De fato, me mostrava diretamente, e empurrei sua mão para longe. — Falta saber quem, e por que? E, ai, não tão forte, Bets.

— Sinto muito. Fico nervosa quando falamos sobre assassinos e logo me acusam. Então, por que? Porque um vampiro iria matar outros vampiros?

— Se soubessemos o porque, saberíamos quem. — disse Tina, parecendo um Dr. Seuss não morto.

— Ao menos sabem de onde chega o financiamento. — disse Sinclair. Não era uma pergunta.

— Todos os recursos que precisamos para nossas atividades estão relacionadas com uma conta bancária na Suíça, — explicou Padre Markus.

— Ah, da Suíça. — resmungou Tina. — Financistas a serviço dos nazistas, ditadores do terceiro mundo, e assassinos de vampiros.

Ninguém disse nada com relação a isso

O Padre Markus falou roucamente.

— Todas nossas instruções e Intel, chegam via e-mail.

— Intel? — Sorri jacosamente. Alguém tinha assistido muitos capítulos de *Aliás*.

— Devo é nosso perito em informática, mas foi incapaz de rastrear os e-mails.

— AH, mas se incomodaram em tentar? — perguntou Sinclair cortesmente. Inclusive sentado, diminuía todos os que estávamos na mesa. — Pensei que simplesmente tinham recebido as 'ordens de mobilização' e as tinha obedecido como pequenos e bons bonecos humanos.

— Sinclair! — Ofeguei. Bonecos humanos? De onde teria tirado *isso*?

— Então quem é suspeito? — perguntou Jessica rapidamente. Levantou-se para perambular de um lado para outro, coisa que sempre me incomodou, mas já fazia isso a quinze anos e provavelmente não mudaria agora. — Quero dizer, assumindo que estejam interessados em descobrir.

— É obvio que o estamos. — disse o Padre Markus, ofendido.

— Por que? — perguntou Tina. — Ainda somos vampiros. Você ainda é nossa comida.

— Não sou, juvenzinha. — disse o Padre Markus severamente, o que era bonito de ver, porque Tina tinha aproximadamente noventa anos a mais que ele. — E uma coisa é assumir que está fazendo o trabalho do Senhor, e outra é descobrir que é utilizado e não sabe porque, ou por quem.

Tina, de fato, viu-se recriminada. Sinclair pareceu se divertir.

— E só descobriu, isso agora? — disse Marc, negando com a cabeça. — Sempre soube. Não lhe importou até que um cidadão honrado o mostrasse.

O Padre Markus encolheu os ombros, mas ruborizou, como se estivesse envergonhado, mas não quis dizer nada mais.

— Então, concordamos que é um vampiro. — disse Jessica, fazendo ranger as migalhas no tapete quando começou a caminhar de um lado a outro. *Maldição!* — Bom, há um suspeito bastante bom aqui mesmo nesta sala.

— Quem? - Perguntei, surpreendida.

— Eu. — disse Sinclair.

— Se ele estivesse nos enviando o dinheiro. — disse Ani docemente. — Eu agradeceria.

— AH, vamos. Sinclair o Titiritero? Bem, ok, *isso* tem sentido, mas não sairia matando vampiros. Não é?

— Por que não? — Perguntou Marc. — Sem intenção de ofender, Sinclair, mas não é exatamente um tipo que desfruta tendo competência.

— É um grande observador, Dr. Spanglente.

Marc ficou vermelho com o comentário mordaz. Eu gostaria de saber como Sinclair descobriu o sobrenome do Marc... nunca o havia dito.

— E agora que Nostro está morto, — continuou Marc, como uma versão homossexual, masculina, e mais jovem, de uma senhora mais velha — Asseguro que ele pode se permitir o luxo de financiar os Blade Warriors.

— Isso é ridículo! — Falei apaixonadamente. — Ele é desprezível, odioso e um monstro arrogante e autoritário, mas não mataria a sua própria espécie.

— Obrigado, Elizabeth, — disse ele cortesmente.

— Bem, poderia, — disse Tina com sua marca registrada de brutal honradez, — mas ele mesmo o faria. Não contrataria para o trabalho, a um monte de... juvenzinhos coletores de grãos, ou outras pessoas.

— Além disso, — adicionou Sinclair, brandamente — nunca machucaria arainha.

Sorri abertamente. Gostei do que ele disse, realmente gostei!

— Então, é você Bets, — disse Jessica, e meu grande sorriso desapareceu de meu rosto. — É bastante conhecido que você odeia ser rainha, e que não pode aguentar à maioria dos vampiros. Além disso, não é exatamente do tipo que suja

as mãos. Contratar uma equipe para que fizesse o trabalho seria exatamente o que faria.

Quis dizer algo como, 'Valeu pela a merda!' ou 'Morra!' 'Mas nada do que havia dito era mentira. Assim simplesmente bebi o chá e a fulminei com o olhar.

— Mas ela não tem interesse, ou vontade de participar, na política dos vampiros. E não saberia quem é vampiro e quem não é. Sem mencionar, que não tem o dinheiro para financiar esta operação. O que nos traz para, — adicionou Sinclair pezarosamente. — você, Jessica.

— OH, vamos! — Gritei.

Mas Jess não estava desconcertada.

— A verdade é que sou uma boa suspeita. — Começou a enumerar as razões com seus largos dedos. — Tenho o dinheiro. Sinto simpatia pelo problema da minha amiga, particularmente, sobre o fato de que não quer ser a rainha dos vampiros. Não me importa nem uma merda se os vampiros terminarem mortos ou não, sinto muito, meninos. Sou suficientemente rica para poder esconder meus rastros. Mas há um problema.

— Não é ela, — disse o Padre Markus.

— Não? — Sorriu Jessica.

— Não, — disse ele com firmeza. — conheci a sua família desde que era pequena, Senhorita Watkins. Não esta em você.

— Conheceu meu pai, não foi? Disse ela, mostrando um grande sorriso.

— Se o conheci. Não esta em você. — repetiu tercamente.

— Olá? — Disse uma voz, e Monique introduziu a cabeça pela abertura da porta que estava entreaberta. Tina e Sinclair não se moveram, mas o resto de nós saltamos do susto.

— Perdi alguma coisa?

— Quem é *essa*? — babou Jon.

— Não importa. O que está fazendo aqui, Monique?

— Não havia ninguém no hotel, então fiz uma conjetura acertada. O que aconteceu? AH, que sala bonita. - Ela sentou entre Tina e eu, mostrando-se adorável, vestida com uma calças cápri bege e um suéter sem mangas vermelho.

— Estamos tentando resolver quem é o titiritero, — expliquei. — Uhm, Monique, você não é rica?

Ela se servia uma taça de chá, e não derramou uma só gota.

— AH, para nada, não, — disse brandamente. — Não, comparada com alguns. — Levantou as sobrancelhas e inclinou a cabeça para Sinclair e Jessica.

— E o que acontece com o bom do Detetive Berry? — Perguntou Sinclair.

— Quem, Nick? — Estava completamente surpreendida. Não me teria ocorrido, nem em um milhão de anos.

— Não é certo que reapareceu em sua vida depois de uma ausência de três meses? E como membro da força policial, tem acesso a informação que o resto de nós só poderia sonhar.

— Sim, mas... é tão agradável.

— Não parecia tão terrivelmente agradável quando estive babando, encolhendo-se de medo e engatinhando por seu tapete na primavera passada. — disse Tina razoavelmente.

— Mas não lembra de nada disso!

— Não lembra?

Fiquei quieta, eu não tinha nem idéia do que Nick lembrava.

— Depois de sua experiência com nós, tem uma boa razão para odiar todos os vampiros. — acrescentou Sinclair.

— O problema é, — disse Tina, — que temos muitos suspeitos. Poderia ser qualquer dos seguidores do Nostro. Betsy não é exatamente... ah... reconhecida por todos nós como a legítima rainha.

— Bastardos, — disse Monique lentamente.

— Alguns vampiros poderiam fazer isto, pensando que teriam uma oportunidade para obter o poder. — continuou Tina.

— Isso reduz o número de suspeitos a aproximadamente trezentos, — falei sombria.

— Mas bem duzentos mil. — corrigiu-me Sinclair.

— Essa é a quantidade de vampiros que andam pelo planeta? — perguntou Ani, parecendo horrorizada.

— Cem à mais ou cem à menos.

Seguimos com o tema durante mais um pouco, mas logo deram quatro da manhã e decidimos deixar o assunto para depois. Além disso, já tinha acabado o chá e o resto das bolachas estavam esmagadas.

Tina e Sinclair saíram primeiro, mostrando aos Blade Warriors as costas, o qual lhe deu uma grande oportunidade, e eu gostei ainda mais por isso. Quis perguntar como tinham descoberto que tinham que retornar nas primeiras horas dessa noite. Comecei a segui-los para fora quando Ani me agarrou pelo braço.

— Uh...Betsy... Betsy, não é?

— Esse é meu nome. — Falei, intrigada, quando Marc e Jessica passaram do nosso lado, discutindo, como sempre.

— Isto...uh... eu estava me perguntando sobre a Tina.

— Tina?

– De baixa estatura, lindas pernas, cabelo loiro, grandes e bonitos olhos, Tina.

– AH!! – Falei entendendo> – Tina. O que aconteceu ?

– O que sabe dela?, De sua situação? – Ani literalmente saltava de um pé para o outro, perguntei se tinha tomado muito chá.

– Está com esse tipo, Sinclair?

– Uh, não. Esta sozinha.

– Então qual é a história dela?

– É uma vampira centenária, que poderia te comer para o café da manhã antes de romper sua coluna vertebral. – Falei, decidindo cortar a raiz desta dúvida momento. – É leal a Sinclair, feroz como a merda, teimosa como o inferno, e uma assassina da dieta líquida. Essa é sua história.

– Ok, mas ela é vista com freqüentemente com alguém?

– Ani , ela não é uma assassina de vampiros!

– Bem, aconteceu que durante toda noite vocês nos explicaram que alguns de vocês são bons. – respondeu-me bruscamente. – Você é a coisa mais longínqua de um vampiro que alguma vez vi. É como uma dessas animadoras como fui na escola secundária. Acredito que se interessa pelos relacionamentos pessoais entre os vivos e os não mortos .

– AH, Droga!.Fale de uma vez. Não, não a vemos com ninguém. Mas sei que a última vez que a encontraram, tratou de cortar a cabeça da pessoa, prevejo problemas nesta florescente relação. - *Aagghh!*

Tina tinha metido a cabeça no oco que deixava a porta entreaberta. Maldição! Amarraria sinos nela *e em* Sinclair.

– Ani, amor, deixou as suas luzes dianteiras, acesas. – disse – Pensei que você gostaria de saber..

– Obrigada! – Disse, passando do meu lado de um salto e quase me empurrando contra a mesa. – Me encarregarei disso agora mesmo. E... queria falar com você. Para... uhm... me desculpar por tentar te matar e todo o resto.

– Está bem, querida. Não me conhecia.

– É verdade! Tem razão! Pensei que todos os chupadores de sangue eram assassinos desumanos, mas agora vejo que estava equivocada. - A porta se fechou ruidosamente atrás delas, mas ainda pude ouvir Ani. – Talvez possamos falar sobre isso com uma xícara de café ou algo... em alguma ocasião.

– Droga! – Falei de novo, mas quem prestava atenção? Ninguém.

Abri os olhos para ver Enjoe quase sobre mim.

– Tem que parar de fazer isso. – Falei, arrumando para trás, meu edredom com um gemido.

– Estou aborrecida.

– Esta bem, doçura, Mas que diabos você acha que devo fazer? Vai procurar seu pai.

– E nunca escuta quando falo com você.

– Não se preocupe com isso. – Bocejei. Outra noite nas minas de sal. – Olha, tenho que me vestir para ir para o trabalho.

Fui para a ducha, lavei-me, e me vesti para ir ao trabalho. Enjoe efetivamente se foi, e para variar tinha o dormitório para mim mesma.

Jessica bateu na porta enquanto eu passava o rímel, e gritei para que entrasse.

– Boa tarde, garota morta. Uhm. Por que todos os livros estão virados?

Dei de ombros.

– Muito bem, senhora misteriosa. Chamamos Sinclair, ele vai vir aqui esta noite.

– Tudo bem. Mas não vou estar aqui.

– Oooh, o insulto de hoje.

– Não é um insulto, tenho que ir trabalhar. Além disso, serve-lhe de lição para que aprenda a perguntar se ele poderia me visitar.

– Se é assim, ele aprenderá. Ouça, vai ficar de olho nos Blade Warriors, ou o que?

– Eu? – Falei, horrorizada. E no que estava pensando quando comprei rímel azul marinho? Outra vez negro, tolices. Minhas pestanas estavam roxas. – Por que diabos teria que fazê-lo?

– Bom, você irá querer se certificar que não vão ficar espreitando mais nenhum vampiro, não é?

– Por que o faria? Ontem à noite lhes explicamos tudo, e que estavam sendo brinquedos nas mãos de um diabólico amo, blá-blá, e que era hora de deixarem de matar às pessoas e compreenderem o que esta ocorrendo.

– Ainda assim acredito que alguém deveria vigiá-los.

– Vigie você à turma de adolescentes.

– AH. – Resmungou, mas riu.

– Nenhum deles pode entrar em um bar e legalmente pedir um copo. Eu não gostei de perder o tempo com adolescentes quando *fui uma*.

– Falou a antiga senhorita Burnsville .

– Não posso concertar. – disse com grande dignidade. – se a meus companheiros de quarto não gostam, eu gosto .

– Talvez possa canalizar a energia dos Warriors para uma nova direção. – sugeriu.

Quase furei o olho com o lápis do rímel.

— Talvez possa fazê-lo *você*, se estiver tão preocupada com isso. Sou responsável pelas pessoas mortas, não as vivas.

— Tudo bem, acredito que andam procurando direção. — e adicionou astutamente. — Jon telefonou cinco vezes.

— Quando? Durante o dia? Que idiota.

— Acredito que está esmagado.

— Assim é que. Genial. Justo o que eu precisava.

— Ouça, poderia ter problemas piores.

— Nomeie um.

— Agora, neste momento, não posso. Mas estou segura de que me ocorrerá algo. — acrescentou alegremente.

Levava um humor bastante asqueroso quando saí da casa. Infelizmente, não fui o suficientemente rápida. Encontrei com Sinclair, Tina, Monique, e uma vampira que não conhecia, quando estava indo para o carro.

— Que agradável de sua parte vir ao nosso encontro. — disse Sinclair. — Você está bem?

— Estou indo para o trabalho. — Dei uma olhada no meu relógio. — De fato, tenho uns vinte minutos para chegar. Adeus.

— Esta é Sarah. — continuou ele, como se eu não tivesse falado. — Sarah, esta é primeira Elizabeth, nossa soberana.

Primeira? Era uma primeira?

Sarah inclinou a cabeça friamente. Era pequena, aproximadamente da altura de Tina, com o cabelo preto, muito curto e olhos cor de café com bolinhas verdes. Estava vestida com uma calça frouxa negra, um suéter negro de gola alta sem mangas, e sapatos de salto desço de crocodilo. A calça estava presa com um cinto, também de crocodilo. Com classe!

— Sarah na cidade para oferecer seus respeitos! — disse Tina, rompendo o silêncio.

— Sem vontade. — Sarah inalou pelo nariz. Tina deu uma cotovelada nela, mas a expressão do Sarah não mudou.

— Prazer em conhecê-la. — Falei, tratando de aliviar a tensão. Outra coisa a respeito dos não mortos, quando tinham sido vampiros durante décadas aprendiam o que era o estilo. — Bonitos sapatos.

— Matou ao Nostro. — Não era uma pergunta.

— Sim.

— *Você o matou.*

— Sarah. — Ihe advertiu Sinclair.

— Ouça, foi em defesa própria! Quase. Na realidade não. Bom, foi em defesa própria tendo em conta que em um futuro teria tentado me matar de novo, e já tinha tentado duas vezes, ou foram três? E o enganei nas outras tentativas, mas não é como se eu tivesse começado, ELE começou ! E não fiz eu mesma, sabe. Vamos, fui responsável e tudo isso, porque lancei os Demônios contra ele, mas realmente não fui eu que lhe arrancou a cabeça com uma dentada.

Sarah me observava fixamente. Tina olhava o chão e mordiscava o lábio inferior, e Sinclair tinha fechado os olhos.

— O que aconteceu? — Queixei-me. — Só estou contando o que aconteceu. E agora, de verdade, tenho que ir. Entrem se vocês quiserem, a casa é da Jessica, mas a próxima vez, avisem primeiro, assim poderei lhes atender quando vierem de visita. — Há! Nem em sonhos. Mas era o que tinha que dizer por educação.

— Não vou entrar nessa casa. — disse Sarah.

— O que tem contra minha casa? Você é a vampira que a Tina e a Monique tentaram trazer outra noite, mas estava deprimida não foi?

— Não estava deprimida.

— Ok, que seja. — Meu Deus, que inseto mais estranho! — Não importa, não me interessa. Escutem, vou chegar tarde.

— É o que você está dizendo. — brincou Tina. — Mas vejo que não vai a nenhuma parte.

— Temos nas mãos um assunto urgente. — Me recordou Sinclair, o desmancha prazeres.

— Me deixe em paz. Não precisam de mim para averiguar quem é o titiritero. Foram falar um pouco mais com os Warriors.

— Ficamos aqui. — Tirou um cartão. Desde quando?, Não tinha nem idéia, não estava com nenhuma jaqueta e sua camisa não tinha bolsos. — Planejamos ontem à noite, e Jon me deu isto.

— Têm cartões de visita? — O fitei espantada. — Jesus, por que não estou assombrada? — Todos se sobressaltaram. — E quando quando vão deixar de pular, como se fossem uns gansos cada vez que digo o nome do Senhor em vão?

— Há coisas que não pode nos ordenar. — Disse Sarah, ainda fria como o gelo.

— Tudo bem. Adeus.

Passei diante deles e senti os olhos deles sobre mim, até que entrei em meu carro. O que foi tão desagradável como um pesadelo.

— Você não quer um desses, — Sussurrei. — Dizem que são costurados à mão, não é verdade.

– Ah-ho, – disse o comprador. – Trapaceiros, trapaceiros.

– Poderia provar um dos Pradas. – sugeri. – Sei que estão em toda parte, mas merecem. Olhe o desenho! É como um quimono para seu pé.

– São bonitos, mas...

– Deus santo, é verdade. Trabalha no Macy's!

Me virei. Jon, o excêntrico líder dos Blind Warriors e que parecia ter escapado de uma praia surfista, estava de pé, perto da caixa registradora, me olhando, com a boca tão aberta, que pude ver sua garganta.

– O que aconteceu? – Respondi bruscamente. Então, consciente da presença de meu cliente, forcei um sorriso. -- Estarei com você em um minuto.

– Não há pressa. Tenho muitos sapatos para escolher! – replicou ele, sorrindo.

Me virei para meu cliente, que, resolutamente, tratava de ficar um Escada tamanho sete em seu pé, tamanho nove. – Pare. – Falei. -- Danificará os cordões. Me deixe lhe trazer um, de seu número.

– Este... é....o ... meu....número. – Ofegou.

Magnífico, desfruta das ampolas do tamanho de ameixas.

– Estarei por aqui se precisar. – Falei docemente, logo agarrei Jon pelo cotovelo e lhe empurrei, por cima das botas. Ele gritou quando seus pés deixaram o chão. O abaixei ... e falei baixo em sua orelha.

– O que esta fazendo aqui?

– Quis ver se o que você disse era verdade. – responde ele sussurrando, seu fôlego fazendo cócegas em minha orelha. – Está segura de que é um vampiro?

– Não acreditaria a quantidade de gente que me pergunta isso.

– Apostaria. – Disse, cravando os olhos na etiqueta de meu nome.

– O que quer?

– Vai comer sua cliente?

– Não!

– Não grite, somente perguntava. Não podemos tentar nos dar bem?

– Diz o assassino de vampiros. – Trocei.

– Me reformei. – disse, parecendo doído.

– Hmmm.

– Por que está usando óculos escuros aqui dentro, sendo que já está de noite?

– Porque sou uma grande fanática do Corey Hart? – Conjetei.

Seu olhar, mostrando incompreensão, recordou-me como sou mais velha. Obviamente o moço não tinha crescido escutando o pop dos 80.

– Não importa. Sinclair te mandou? AH, Meu Deus, não esta por aqui, ou sim? - Olhei ao redor alterada, mas só vi clientes.

— É seu noivo?
 — Está na faculdade de direito? Por isso me fez tantas perguntas? E não, não é.

— Porque ele haje, como se fosse.
 — É uma das muitas, muitas razões, pela qual o desprezo. Agora irá de uma vez? Deveria estar reunido com o Sinclair e a Tina, para averiguar quem ordenou nos matar, e não me chateando.

Trocou o apoio de seu corpo de um pé ao outro.

— Bem... está Ani, ela é a matéria cinza, não eu.

— Ani, a matéria cinza?

— Assim pensei vir e te ver. Mas se quiser vou.

— Em fim, compreendeu! Sim, a verdade é que quero que vá. Uma tonelada de obrigada por passar por aqui! — Falei, lhe dando um pequeno empurrão para a saída. — Adeus!

Ele deu a volta e começou a andar para trás, com as mãos metidas nos bolsos de sua descolorida calça jeans, que era, podia adicionar, quase três números menor. Seu cabelo loiro brilhou sob as luzes fluorescentes, e até a oito pés de distância, pude ver como eram azuis seus olhos, e preenchia muito bem o branco de sua camiseta. Virtualmente irradiava vibrações de bom menino. — Sinto ter tentado te matar. — Disse, ainda caminhando para trás.

Fiz mímicas fechando meus lábios e atirando a chave sobre meu ombro. Ele sorriu abertamente, com uma dentadura produto de um excelente plano dental, deu a volta, e saiu em direção ao Orange Julius.

Um menino agradável. Se Jessica estava certa, ele estava louco por mim, teria que desincentivá-lo delicadamente. Em primeiro lugar, era dez anos mais jovem. Em segundo, estava vivo. Em terceiro, eu era um vampiro e ele um assassino de vampiros.

Além disso, entre o trabalho, ser a rainha das coisas mortas, e resistir Sinclair, simplesmente não tinha tempo de colocar um noivo dentro de minha agenda.

Que pena.

Capítulo 17

Meu celular tocou enquanto eu ia pela 494 Oeste. Continuava me esquecendo de trocar os tons, assim escutei "Funkytown" quando tocou.

— Diga?

— Hey, por onde anda? — disse Jessica. — Levo toda a noite entretendo o Sinclair e a Tina.

— Não me importa! É sua culpa por não me avisar antes. Vou inspecionar os Demônios.

— Ooooh, estupendo. Quando vai me levar para que eu os conheça?

— Nunca.

— OH, vamos! — choramingou.

— Esqueça. São muito perigosos.

— Diz isso de todas as coisas divertidas. — Queixou-se.

— AH, se, é verdadeiramente divertido. Sanguessugas enlouquecidas que são mais animais que humanos. Ouça, confie em mim nisto, se não fossem minha responsabilidade, não me aproximaria deles.

— Bem, maravilhoso. Nos vemos mais tarde.

— Dê à Sinclair uma bofetada de minha parte. — Desliguei e lancei o telefone para o assento do lado. Era uma pena não poder lhe conceder o que me pedia, mas não estava disposta a correr riscos com sua vida. Embora tivesse arrumado as janelas do carro enquanto eu dormia.

Parei na entrada da casa do Nostro. Ele tinha criado os Demônios como um experimento maligno, e ainda os alojávamos em sua casa. Por que não? Não iria mais precisar dela.

Os Demônios eram o resultado de não deixarem um vampiro recém criado se alimentar. Enlouqueciam de fome e perdiam a maior parte de seu QI. Para não mencionar sua habilidade de caminhar sobre duas pernas e tomar banho regularmente. Era asqueroso e triste ao mesmo tempo.

Entrei no celeiro pela parte de trás, provavelmente o único celeiro da Minnetonka, e observei como os Demônios pulavam para todos lados à luz da lua, como grandes cachorrinhos não mortos. Aproximaram-se correndo quando me cheiraram e aplaudi alguns deles, me sentindo estúpida. Uma vez haviam sido humanos, e me sentia ridícula tratando-os como mascotes. É obvio, atuavam como mascotes, mascotes odiosamente perigosos, instáveis e sedentos de sangue, mas não importava.

— Majestade!

Alice me fez gestos e se aproximou atravessando o largo pátio. Tinha uns quatorze anos quando Nostro a converteu, o grande imbecil. Perpetuamente com as angústias da adolescência! Falávamos de um destino pior que a morte.

— Olá, Alice. — Ela estava especialmente linda, com um vestido sem mangas azul e uma blusa branca. Seu cabelo vermelho encaracolado estava preso com uma

fita azul. Seus pés estavam descalços. Estava com as unhas dos pés pintadas de azul céu. — Como vai?

— Muito bem, Majestade.

— Pela milionésima vez: Betsy.

— Parecem felizes de lhe ver. — Disse, evitando totalmente o assunto do nome.

— Sim. Parecem . Está fazendo um grande trabalho.

Alice ficou vermelha, ou porque recentemente se alimentou, suas bochechas estavam efetivamente rosadas. Por isso, eu respeitava os Demônios, bebiam sangue de porco, e a conta semanal do açougue era indubitavelmente alta. Era bastante estranho, cada vampiro que eu tinha encontrado, incluindo eu mesma, precisava de sangue "vivo".

Talvez porque os Demônios eram apenas humanos, como se diz, e não precisavam alimentar-se diretamente da fonte.

— Acredito que melhoram,. — disse Alice. — Deixei alguns livros para eles e desta vez não defecaram neles. Em vez disso, mordiscaram.

— Não preciso ouvir isso. Mas obrigada de todo jeito. Como você está?

— Ah, já sabe. — Disse timidamente. Mostrou a vazia e gigantesca casa. — De vez em quando me sinto um pouco sozinha, mas Tina me faz companhia.

— Santo céu, Alice! Você não é uma prisioneira. Pode sair cada vez que quiser. Realmente não tem por que viver aqui.

— Este é meu trabalho. — Disse com seriedade. — É o mais importante.

— Isso é ter espírito. — Supus. — Uh... obrigada de novo.

— Estou aqui para servi-la, Majestade.

— Pare com isso. Tem tudo o que precisa?

— Sim, é obvio. — disse contente.

Não me parecia isso, mas suponho que depois de viver sob o regime do Nostro, interpretar o papel de guardã do zoológico para um monte de vampiros selvagens, era como um passeio pelo parque. Eu, já teria estado morta de aborrecimento. Mas Alice nunca se queixava, e quando comentávamos algo sobre conseguir que outro vampiro se responsabilizasse pelos Demônios, para deixá-la em paz, ela chorava.

— Bem, voltarei na semana que vem. Tem meu número. Me chame se precisar de algo.

— É obvio que o farei, Majestade.

Suspirei. E se trabalhasse no Betsy ?

Simplesmente sorrio.

— Deveriam estacá-los.

— Jesus! — Quase pulei nos braços de Alice. Ela aproximou uma mão para me estabilizar e logo, como se assustasse em tocar minha sublime pessoa, retrocedeu. — Sinclair, juro por Deus que se não deixar de fazer isso... — À luz da Lua parecia um mal-humorado diabo.

— Majestade. — Disse Alice, inclinando a cabeça deferentemente.

— Alice. — Disse sua Majestade.

— Que diabos está fazendo aqui? — Perguntei, não deferentemente.

Ele deu de ombros.

— Bem, isso foi muito informativo. Precisamente estava a ponto de sair. Não estaque aos Demônios depois que eu vá.

— Irei com você.

Genial! Por que esse pensamento era de uma vez excitante e perturbador?

— Nos vemos, Alice.

— Majestades.

— Boa noite, Alice.

Os Demônios choramingaram quando saí, mas então ouvi um barulho de coisas caindo e logo como mastigavam ruidosamente, *puagggg!* Era a hora da comida no zoológico. Esperava que Alice não tivesse terminado com seu vestido todo ensanguentado.

Sinclair segurou minha mão e a sustentou enquanto nos dirigíamos para os carros. Awwww, justo como um casal estável não morto!

— Houve outro assassinato. — disse.

Quase tropecei com o buraco de um esquilo.

- O que? Quando? Por que não disse antes?

— Tina e eu pensamos que era melhor ocultar dos outros vampiros até que encontremos o culpado.

— AH. — Muito mau, não me ocultaram isso. — Alguém que conhecemos?

— Não. Uma mulher chamada Jennifer. Muito jovem para ser um vampiro, de fato, Tina encontrou sua certidão de óbito e tinha menos de vinte anos.

— Quase uma criança! É estranho. Jon não me disse uma só palavra esta noite a respeito de que fossem matar alguém mais. Estrangularei esse pequeno réptil!

O aperto de Sinclair em minha mão, se ateu, muito ligeiramente.

— Viu o Jon esta noite?

— Sim, veio me chatear no trabalho.

— Falarei como ele sobre isso.

— Não vai não. — Falei irritada. — Você acha que é o único que pode me chatear no trabalho? E solte minha mão.

— Sim. E não.

— Saímos do tema.

— Um risco que se corre em qualquer conversação que se tem com você. Mas tem toda a razão. Jon e Ani juram que não tiveram nada à ver com isto.

— Não acredito, vocês perguntaram para eles?

— Sim. Tina também acredita. Além disso, estive com Ani a maior parte da tarde.

— Para sua informação, isso nunca vai funcionar. — Falei. — Ani não será o mascote de Tina, e não pode dizer que a Tina está procurando uma noiva.

— Não posso?

— Além disso, hey, não têm nada em comum. Sem mencionar a diferença de idade. A diferença *de cem anos*.

— Não sei porque a diferença de idade é tão relevante. — Disse cuidadosamente, logo adicionou. — De toda maneira não é nosso assunto.

— AH, fique quieta. E me solte a mão!

— Me nego. Deixe de se retorcer. De todo o jeito, esta Jennifer está morta. Alguém continua matando.

Dei um chute num pedaço de mato, que foi voando como uma parte de grama em um campo de golfe. — Bem, ao menos os meninos não nos enganaram. E agora o que?

— Agora devemos examinar o corpo. Talvez encontremos algo que não tenhamos visto antes.

Me detive um momento. Sinclair continuou, e quase me arrancou de meus pés.

— Isto... - uh, me exclua! *Isso* não estava em minha agenda esta noite!

— É sua responsabilidade, — disse implacável.

— Esquece! Sério, Eric, os cadáveres me dão calafrios. Inclusive não posso ver *A Noite dos Mortos Vivos* sozinha.

Esfregou a testa como se uma enxaqueca assassina tivesse “brotado.”

— Elizabeth.

— Na verdade, não vai arruinar a minha tarde desta maneira, concorda? — Implorei. — Não posso pensar em outra coisa pior.

Riu.

— Algumas vezes... frequentemente... é muito adorável.

— Agora quem está saindo do tema? Como não me dei conta de que você me trouxe para seu carro e me colocou dentro? Cuidado com meu cabelo! — Adverti-lhe quando colocou sua mão em minha cabeça e me colocou do lado do passageiro de seu Lexus. — Maldição, Sinclair, isto não terminou!

— Pode terminar... — disse, sentando-se no assento do motorista. — ... no caminho do necrotério.

Para ficar um pouco mais horripilante, o necrotério estava em, escuta isso, meu porão. Sim: *Meu* porão.

— Simplesmente me mate agora. — resmunguei à medida que descemos pelas escadas.

— Bem, onde a não ser aqui, deveríamos colocar o corpo? — Perguntou Marc, sensatamente. Ele tinha sido crucial na apropriação ilícita do corpo nessa tarde, a gente quase nunca questiona os movimentos de um doutor. — No Hotel Marquette?

— Em qualquer parte, mas não em nossa maldita casa!

— AH, sempre se queixando.

— Desde abril. — disse enigmaticamente. — Tive muitíssimo do que me queixar.

Marc considerou cuidadosamente esse fato, e finalmente disse,

— É verdade.

Havia um grupo considerável no porão, embora tenha demorado um momento em encontrá-los, o porão tinha a longitude da casa. Havia um comodo no extremo mais afastado, em que nunca tinha estado antes, e ali estava Tina, Monique, Sarah, Ani, Jon e Jessica estavam nos esperando. AH, e o cadáver. Não posso me esquecer dele.

— Me oponho de novo. — disse Sarah como uma maneira de saudação.

— Fique calada. — Ordenou Sinclair.

— Qual é seu problema com nossa casa? — Perguntei, intrigada. — Vamos, me dou conta de que não te “caio” bem, se tinha afeto ao Nostro; a propósito, isso fala bastante mal de seus gostos. Mas o que tem contra minha cova?

— Estava acostumada a trabalhar aqui. — disse distantemente. — Eu não gostava, e certamente eu não gosto de estar aqui agora.

— Bom, sinto muito! Ninguém está te obrigando a ficar.

— Quieta. — disse Sinclair, imobilizando Sarah com seu escuro olhar. Imediatamente ela deixou de se queixar e cravou os olhos no chão.

Me Perguntei qual era o problema. Então cheguei a conclusão: Sarah não ia com minha cara, não estava feliz que eu tivesse matado o Nostro, e tinha chegado recentemente à cidade. Se tinha dinheiro, então era uma boa suspeita. Não era estranho que Sinclair queria mantê-la perto.

Sarah levantou o olhar e disse:

— Nostro me fez.

— AH! — Bem, isso explicava. Tinha sido uma absoluta merda, mas seus vampiros eram extranhamente leais, especialmente os que *ele* tinha feito. Para mim não tinha sentido, mas que eu sabia a respeito da política dos vampiros? Nada.

— Não senti um autentico amor por ele. — disse. — Mas mereceu minha lealdade. Me deu a imortalidade. Me fez uma deusa entre os homens.

— E um inseto estranho entre o resto de nós. — Sua pequena revelação acabava de coloca-la em primeiro lugar de nossa lista de suspeitos. Perguntei-me se ela saberia. — Bom, então suponho estamos de acordo em que estamos em desacordo.

— Desconfio disto.

— Obrigada a todos por virem. — disse Tina, cortando Sarah quando ela abriu de novo a boca. — Especialmente para um pouco tão sombrio.

— Te disse que precisávamos de uma casa grande. — Sussurrou Jessica em minha orelha.

— Sim, mas... para isto?

Aproximei-me. A vampira morta, Jennifer, estava deitada em posição horizontal sobre a danificada mesa de madeira situada no centro do porão. Em dois pedaços.

Inspirei profundamente, com dificuldade, e virei a cabeça. Notei como Sinclair esfregava minhas costas e, extranhamente, me senti mais forte, depois de um minuto pude olhar. Não era a única afetada. Jessica estava tão pálida que era mais cinza que negra, e os grandes olhos de Tina eram piscinas de tristeza.

— Antes que pergunte... — disse Jon, parecendo fastidiosamente impassível, — Nós não lhe cortamos a cabeça.

— Se tivesse pensado que o fizeram, — disse Sinclair brandamente. — haveria outro corpo aqui, cortado em dois pedaços.

— Não comecem, crianças. - Faleie automaticamente quando Jon empalideceu e se moveu nervoso para sua faca. -. Não têm *alguma* idéia? Tem?

- Este é o primeiro assassinato que não ocorreu em uma quarta-feira. — Disse Tina.

— Sempre nos reuníamos as quartas-feiras. — Disse Ani. Andava ao redor da mesa, inspecionando a pobre Jennifer descabeçada. — Esse era o único dia que o trabalho de todos nos permitia isso.

— Estraguem! — Falei. — Viram, essa foi minha teoria todo o tempo. Lembram-se, da noite que a Tina e a Monique foram atacadas?

— Sim, sim. — disse Sinclair distraído. Estava rondando atrás de Ani, também olhando o corpo.

— Não me diga. — Disse Jon. — Radio Shack.

– Como soube?

– Simplesmente fiz uma idéia aproximada, Geek Boy, e que infernos é um Devo?

– É nosso perito em ordenadores. Ele ...

– Recebeu disparos. – disse Sinclair.

– *E foi decapitada?* Falando de exageros, – resmungou Jessica. Estremeci.

– Com os vampiros, é melhor assegurar-se. – Disse Ani, quase desculpando-se.

– O que me lembra. – respondeu Tina. – Uma das balas que dispararam em sua Majestade a Rainha, era oca e carregada com água benta.

– Não me surpreende que ardesse muito. – Comentei.

– *E sobreviveu?* – Monique ficou sem fôlego. – Não posso acreditar nisso!

– AH, bem, já sabe, – falei modestamente. Monique me olhava totalmente admirada, o que resultou em uma agradável mudança. A maioria dos vampiros me olhava como se eu fosse um inseto estranho.

– Sim, nossa Elizabeth está cheia de surpresas. – Falou Sinclair, arruinando o momento com seu sarcástico comentário. – Qual de vocês, os Warriors inventou esse pequeno e encantador presente?

Depois de vacilar um momento, Ani levantou lentamente a mão. Ruborizou quando Tina a olhou com recriminação.

– Hmmm.

– Vamos, vamos com calma. – Disse Marc. – Temos que admitir, que é brilhante.

– Sim, temos que admitir isso. – corroborou Tina. – Verei se as balas estão ainda no corpo. E se forem da mesma classe, saberemos que foi o titiritero, na falta de uma melhor palavra, o que matou a Jennifer. O que seria interessante.

Levantei minha mão.

– Hum, por que? Isso seria mais áspero que interessante, se me perguntar isso. – Coisa que ninguém fez.

– Porque nós - os Blade Warriors - decidimos deixar de matar vampiros, até que saibamos quem esteve atirando com nossas armas. – Interveio Jon. – O que quero dizer é que ontem à noite estivemos falando, depois de que nos reuníssemos com vocês.

– E tomaram chá com a gente. – Falei lançando um olhar triunfante para Sinclair.

– E decidimos deixar de fazê-lo durante um tempo.

– Durante um tempo? – Perguntaram em uníssono Tina e Sinclair, com a mesma brutalidade.

Jon os ignorou.

— Ontem à noite enviamos um e-mail para nosso chefe. Mas parece que ele continua matando os vampiros. Ou encontrou alguém mais para fazê-lo. — Abriu as mãos, desconcertado. — Mas como é possível? Aponta algum vampiro em concreto? É um assassino em série não morto, ou o que? Quero dizer que teve que sair e estacar este vampiro no minuto que recebeu nosso e-mail. Por que?

— Se tiver sido ele. — Adicionou Monique.

— Bom ponto, uh...

— Monique.

Jon logo que podia afastava o olhar dela, o que não era surpreendente. Era realmente linda, e estava vestida para matar, com um traje da Ann Taylor, meias negras, e sapatos baixos de verniz negro. Seu cabelo parecia quase de prata em contraste com o traje negro.

Na verdade, tinha encontrado muito poucos vampiros feios. Um, a ser exato. E estava mais sujo que pouco atrativo.

O qual era lógico, cada vampiro que tinha encontrado tinha sido uma vítima de assassinato, realizado por outro vampiro. E os vampiros pareciam procurar pessoas bonitas para lanchar. Adivinho que podia ser porque beber sangue era muito... sexual e a maioria deles preferia companheiros arrumados para poder derrubar. Por isso a maioria dos vampiros queriam beber de belezas.

Monique era magnífica, ali não havia ninguém como ela. Tina tampouco era exatamente difícil de olhar. Podia ver que até Jennifer tinha sido linda, embora seu comprido cabelo café estivesse com gotas de sangue, e...-

— Esperem um momento. Não falem, não falem! Virei com força a cabeça e me retorci.

— Que demônios está acontecendo com você? — perguntou Marc.

— Conheço esse olhar. — Disse Jessica. — Está vindo uma idéia. Ou precisa de um Ex-Lax.

— Sou a única em notar que todas as vítimas são mulheres? — Gritei. — Me digam que não é verdade!

Tina parecia sobressaltada.

— Bom... sim, suponho que sim. Esse é outro dado que há em comum, além de que acontecesse as quartas-feiras, e ...

— Não acreditam que é um pouco estranho? — Perguntei à Tina e à Sinclair. Depois me virei para o Jon e Ani. — Não se parece com vocês?

— Isso, uh, não nos pareceu mau. — Pigarreou Ani. — Acreditamos que todos foram maus.

— Somos feministas. — Disse Jon, com gesto sincero. — Matar às mulheres vampiro não incomodava em absoluto.

— Isto poderia tirar a luz do motivo, — disse Sinclair .

— Refletiu? — Perguntei sarcasticamente.

— Todas estas mulheres parecem diferentes, concorda? — Perguntou Jessica.

— Então, não dá a impressão de que o assassino vá atrás de um determinado tipo. O que quero dizer é, que se apontou para o Betsy, Tina e Monique... não se parecem em nada. Nem sequer têm a mesma constituição.

Se queria dizer que eu era um asqueroso e gigantesco trambolho, ao lado da delicada constituição de Tina e Monique...obrigada.

— Se esta ficando tarde... — disse Monique depois de um comprido silêncio no que contemplou minha enorme massa e outros contemplaram não sei o que. — Talvez possamos continuar com isto manhã de noite?

Eu acabava de chegar, mas não ia discutir. Infelizmente, a sugestão de Monique significava três noites seguidas com estes desmancha-prazeres tratando de resolver assassinatos. Reprimi o desejo de lembrar-lhes que eu era uma ex-secretária, não uma ex-detetive de homicídios.

— Alguém tem uma faca? — Perguntou Tina. — Eu gostaria de ver se posso tirar uma das balas.

— AH, vou sair daqui. — Falei, dando meia volta e partindo. Isto era a gota que enchia o copo, a gota que transbordava o copo! Era excessivo! — Tina, é sério, você precisa de um passatempo.

— Agora mesmo. — Disse desagradavelmente. — Meu passatempo é apanhar quem quer que esteja fazendo isto. Tomarei notas dessas coisas mais tarde.

— Te farei cumprir isso. — Resmunguei.

Sinclair lhe deu uma navalha, que ela desdobrou com um forte *estalo*. A lâmina tinha quase 10,16 cm de comprimento - Sinclair era obviamente um grande crente da ordem dos Boys Scouts. Tina se inclinou sobre o corpo do Jennifer e começou a explorar seu peito.

Rapidamente subi correndo as escadas.

Capítulo 18

Jon me seguiu até o quarto.

— Sabe..., — disse, com seu braço colocado ao estilo stiff-arming, fazendo que a porta permanecesse aberta quando tentei fechá-la diante dele. — Sou o que convenceu os outros Warriors que lhe deixassem em paz.

— Isso é super. Sua medalha ao civismo está no correio. Por que não vai para casa e a espera?

— O que ocorre é que depois de conhecer vocês, não me pareceu direito.

— Ok, ok. Boa noite!

— Sim... hum... escuta... não precisa morder alguém ou algo assim? — Pareceu extranhamente esperançoso, quase odiei lhe dizer que não. E que tipo de comportamento era esse para um assassino de vampiros? — Alguém já te falou, alguma vez, que tem olhos verdes maravilhosos?

— Não são verdes, são da cor do mofo. Jon, estou tentando ir para a cama. — Falei, tentando manter a exasperação separada de minha voz. — Quando o sol nasce, se eu não estiver na cama, caio dormindo em qualquer lugar.

— De verdade? Assim não importa o que esteja fazendo, simplesmente cairá dormindo? Completamente indefesa e tudo isso?

— Não é tão excitante como sonha. — Pus a mão em seu rosto amavelmente e o separei com um empurrão. — Assim, boa noite.

— Te verei amanhã. — Começou, e logo foi afastado repentinamente para fora de meu campo de visão. Sinclair me empurrou com seu ombro e fechou a porta com uma pancada atrás dele.

— Por todos os Santos!!! — Comecei. — Quando converteu meu dormitório na maldita Grand Central?

Sinclair se apoiou contra a porta e cruzou os braços sobre seu peito.

— Insisto que desencorage imediatamente esse infante.

— Em caso de não ter prestado atenção, *estava fazendo*. Não é minha culpa que ele sinta interesse pelos vampiros.

Sinclair bufou.

— Não sente interesse pelos vampiros. Está interessado em você.

— Bem, e o que você supõe que devo fazer? — Queixei-me. — Já tenho problemas suficientes agora mesmo.

— Problemas, relacionados com os olhos verdes mais bonitos. — disse secamente.

— Bisbilhoteiro! Fora, tenho que me preparar para deitar.

— Não irá colocar esse tolo pijama com o desenho do Sushi?

— Ouça, é cômodo. Ok?

— Me lembre de comprar algum traje decente para a noite.

— Farei que os cães que utilizam para rastrear as bombas farejem algo que me compre.. Golpeei-lhe no ombro. — Vai sair daqui? Não tem que voltar para o Marquette antes que estale em chamas?

— AH, não sei. — respondeu despreocupadamente. — Aqui há muitos quartos. Pensei que poderia ficar.

Eu sabia, *sabia* que viver em uma mansão era uma má idéia. Não existia uma desculpa elegante para evitar ter um convidado noturno.

— Muito bem, como queira, mas não dormirá aqui dentro.

— Não?

— Não!

— Voltarei para o Marquette, — sugeriu, — em troca de um beijo.

— *Muito bem, estupendo*, santo céu, é tão perturbado. — Peguei um punhado de seu cabelo, baixe sua boca para a minha, beije-lhe a ponta do nariz, e lhe deixe ir. Tentou me segurar, mas já o conhecia, me esquivei de suas mãos. — Agora vai. Um trato é um trato.

— Hmph. — Mas saiu. Graças a Deus! Acredito.

Despertei na seguinte noite e fique deitada durante um minuto, me sentindo ansiosa sem saber por que. Logo lembrei: Assassinos, ajudar os detetives, Jon e Sinclair. E essas eram algumas das coisas que abarrotavam o cérebro.

Enjoe estava sentada em uma cadeira ao lado de minha cama, me olhando com recriminação.

— O que aconteceu? — Perguntei.

— Estava acostumada a estar aqui à muito mais tempo. — Disse tristemente.

— Sinto muito, brilho de sol. Estão acontecendo algumas coisas... não importa. — Não ia falar de decapitações a uma pré-escolar. Em vez disso, sentei-me e balancei as pernas na beira da cama. — Vê algo de mau neste pijama?

— Não. Eu gosto muito.

Exatamente! Estúpido Sinclair.

— Bom, esta noite tenho algumas coisas que fazer, mas talvez amanhã poderíamos, ai! - Tropecei ao descer da cama (era do tamanho de um vagão de trem) e caí sobre Enjoe.

Na realidade, caí *através de* Enjoe. Foi como me inundar em um lago em pleno inverno. Bati contra o tapete e pude ver seus pequenos pés, atravessando lado a lado meu braço.

— Jesus Cristo!! — Falei, e era bom que já não precisasse respirar, porque nesse momento fiquei sem fôlego.

— Não se zangue. — disse Enjoe ansiosamente. — Não quis dizer isso

— AH meu Deus. É... você... — Passei a mão através de sua cabeça. Merda sagrada em uma torrada! Havia um fantasma em meu quarto!

Me coloquei de pé e atravessei correndo a porta do dormitório, ignorando completamente as súplicas de Enjoe para que retornasse. Foi bom que a porta estivesse aberta, ou teria passado através dela. Quase atirei a Jessica pelas escadas e fui diretamente para a porta principal, onde bati de contra Sinclair, tão forte, que ricochetei contra ele e caí na calçada como um escaravelho atordado.

— Pensei que você fosse se desfazer desse ridículo pijama.

Saltei e literalmente escalei uma árvore.

— Eric, Eric, o pior, absolutamente o pior... ali dentro... em meu quarto. — aponte para a casa.

Ele agarrou-me pelos braços.

— O que está acontecendo com você? Está ferida? Tem algum doido aí? Foi o Jon? Lhe arrancarei a carótida se...

— Meu quarto... em meu quarto... ali acima... Enjoe... em meu quarto...

— Majestade! Tranqüilize-se. O que aconteceu? — Disse Tina, subindo rapidamente pela calçada. Devia ter acabado de chegar. Que bonito! Estas crianças não deveriam chamar ou algo parecido? Inclusive em meio ao pânico total, isso me incomodou. — Alguém tentou matá-la de novo?

— Deus! Em meu quarto, há uma garota morta em meu quarto!

— Há uma garota morta aqui fora. — Disse Sinclair, desconcertado.

— Eu não, tolo!

— Vamos. Me mostre. — Tomou minha mão e começou a andar.

Atirei, tão bruscamente, sua mão que quase cai de costas.

— Não! Não posso voltar ali, Eric, não posso! Ficarei com você no Marquette, Ok? Simplesmente vamos agora mesmo, tudo bem? Eu conduzirei. Vamos! Sim?

As escuras sobrancelhas do Eric se elevaram repentinamente tão altas, que pensei que deixariam sua testa.

— Bem, — disse lentamente, — Se estas totalmente certa disso...

— Não te *atreva*, — disse Tina. — Bastardo oportunista. Ela não sabe o que diz.

— Essas são maneiras de falar com seu rei? — perguntou, parecendo ferido.

Ela bufou.

— Quando o rei atua como um asno, sim. Vamos, Majestade. Vamos ver sua garota morta.

— Estão dementes! Não vou retornar nunca mais!

— E seus sapatos?

Bom ponto. Tinha que tirá-los! Não sabia se Enjoe os poderia enlamear com ectoplasma fantasmal, mas não ia me arriscar.

— Virão comigo? — Perguntei, tentando não soar tão patética como me sentia. — Os dois?

— Sim, claro. — Sinclair me deu tapinhas. Estava com tanto medo, que não pude ficar brava com ele por isso - tinha problemas maiores. — Não tenha medo. Não posso acreditar que esta seja a mulher que instigou os Demônios contra Nostro.

— É *completamente* diferente.

— Sinceramente, sempre pensei que foi muito frívola e caprichosa para sentir medo.

Tirei de um puxão minha mão da dele.

— Idiota.

— Ah, assim esta melhor. A verdadeira Rainha retornou.

Jessica abriu a porta, despenteada e preocupada.

— Quase me matou! — gritou. — Maldição, o que aconteceu?

Eu tremia como um cão molhado.

— Você não vai acreditar nisso.

Seguiu-nos enquanto subíamos as escadas, queixando-se sem parar, até que chegamos no meu quarto e atravessei o batente da porta, antes que eu pudesse perder a coragem. Enjoe estava ainda em sua cadeira, mas seu lábio inferior se sobressaía formando uma panela e me olhava furiosa.

— Ali! Essa é a garota morta!

— Do que está falando? — Perguntou Jessica.

Sinclair negou com a cabeça.

— Não vejo ninguém, Elizabeth.

A assinalei.

— Mas está justo ali. Na cadeira perto da cama. Vê?

Todos me olhavam. Também Enjoe, só que um pouco mais horripilante.

Fiz outro intento.

— Está ali. Com o vestido, a fita na cabeça. Os Saddle shoes! Como não podem ver esses preciosos sapatos? — Olhei para Tina e Sinclair. — Não a vêem, de verdade? Com sua super visão de vampiro, ou qualquer outra coisa?

— Não. — disse Tina desculpando-se.

— Vejam. Ela está ali!

— Sinto muito, Majestade. Não. — Logo Sinclair, ainda olhando fixamente, deu-lhe umacotovelada, e seus olhos se dilataram. — Sim.

— Estão enganados. — disse Jessica. — Forço a vista tanto que me dói a cabeça. Ali não há nada.

— Aí. — disse Sinclair. — Uma menina. Loira. De grandes olhos. E cabelo despenteado.

— Ah! Então a vê!

— Vemos, — disse Sinclair prudentemente. — Porque você quis que a víssemos .

- AH, que tolice é essa? Do que está falando?

— Você nos obrigou a vê-la. — Explicou Tina.

— Do que falam? — Jessica gritou.

Então, Enjoe se pôs-se a chorar.

— Parem! — Soluçou. — Odeio isso! Odeio que as pessoas falem de mim como se eu não estivesse aqui!

— Santo céu, doçura, não faça isso. — Falei rapidamente.

— O que? — perguntou Jessica.

— Ela disse que não gosta que falemos dela, como se não estivesse aqui.

— Diga que estamos com pena. — disse Jessica, com os olhos assombrados.

Enjoe chorou mais forte.

— Posso te ouvir.

— Jessica, pare. — respondi bruscamente. — Não está ajudando.

- Não preciso de sanguessugas com alucinações. Além disso, hoje não pude dormir e já estou farta destas reuniões de meia-noite. — Saiu violentamente, batendo a porta atrás dela.

— Enjoe. — Finalmente começava a me acalmar. A menina estava morta , mas não me tinha assustado de propósito. E era tão pequena. — Enjoe, por que não me disse que é ... uh.

— Porque sabia que você faria isto. — disse, ainda chorando.

Eu não podia agüentar. Pobre menina! Morta e presa nesta casa tão grande *comigo*. Para toda a eternidade!

Velozmente cruzei o quarto, ajoelhei-me, e a abracei. E quase a tinha deixado ali. Era como abraçar uma escultura de gelo. Mas pelo menos já a podia tocar.

— Não chore. — eu disse. — Arrumaremos.

Ela inspirou pelo nariz e me devolveu abraço. Um apertão bastante bom para uma menina pequena.

— Não, não o fará. Ninguém pode.

— Não somos como os que viveram aqui. — comentou Sinclair .

Me virei e o olhei, deslizando a Enjoe em meus braços.

- O que aconteceu, já pode ouvir?

— Sim. No princípio era muito débil, mas agora, posso ouvir e ver perfeitamente bem. — Observava-me com um olhar muito estranho. — Graças a você.

— AH, chega. Escute Enjoe, há alguma razão que faça você estar presa aqui? Precisamos encontrar seus... ossos... uh ou um pouco parecido?

— Não.

— Está bem, não nos importaria encontrá-los.

— Uma atividade perfeita para um domingo de noite. — Resmungou Sinclair. Ignorei-lhe, me entusiasmando com o tema.

— Sim, procuraremos. Então, quando encontrarmos seus... quando lhe encontrarmos, podemos lhe dar um enterro apropriado, e você pode ir para o céu!

— Estou sepultada no pátio dianteiro. — disse. — Perto do lado esquerdo, perto do grande olmo.

Tentei não vomitar. Corpos de garotinhas em meu pátio dianteiro! Jesus!

— Bom... isso uh é... — fique completamente sem palavras.

— Enjoe, — disse Tina, agachando-se até que estivesse da mesma altura. — Por que esta aqui, amozinho?

— Estou esperando a minha mamãe.

— E quando... quando deixou de ver as pessoas?

Enjoe pareceu confusa.

— Eu tinha cinco... — disse ela ao final. — ... cinco anos e depois durante muito tempo.

Tina fez outra tentativa.

— Em que ano nasceu?

— Meu aniversário é em abril, — disse com altivez. — É o mês do diamante! Em dez de abril, de mil novecentos e quarenta e cinco.

Houve uma pausa, então Tina disse com tato:

— Bem... doçura... há muitas possibilidades de que sua mãe já esteja morta. Por que não tenta encontrá-la? Tenho certeza que ela está te esperando.

— Ela não está morta. — disse Enjoe solenemente, com seus grandes olhos chorosos cravados no escuro olhar de Tina.

— Como sabe? — Perguntei curiosamente.

— Porque ainda estou *aqui*.

— E estive aqui... todo este tempo?

Ela afirmou com a cabeça.

— Merda sagrada! — Comentei. Era como esse menino estranho do Sexto Sentido! Via gente morta!

Agora o entendia. A maneira em que a casa havia trocando de donos. O desespero do último dono para vender. O contínua baixa do preço. Porque Enjoe não comia nem bebia comigo, porque estava sempre ao redor, sem importar a hora. Talvez os humanos comuns não a pudessem ver, mas alguns deles deviam ter sabido que algo estava mau, porque esta casa tinha estado no mercado fazia muito tempo.

— Nós podemos... — traguei. — Podemos te desenterrar e podemos pôr em alguma outra parte?

Enjoe encolheu de ombros.

Nota de avisa para mim: Desenterrar à menina morta rapidamente e tirá-la FORA DO PÁTIO DIANTEIRO.

— Tudo isto é muito interessante. — Comentou Sinclair. — E precisa de um exame mais cuidadoso, mas temos trabalho por fazer.

— Eric Sinclair, bastardo desumano! — Cobri a boca. — AH, merda, não deveria haver dito isso. AH, merda, não deveria dito isso!

Enjoe ria através de seus dedos.

— Está bem. — disse. — Conheço essas palavras. Uma vez, quando os trabalhadores arrumavam o porão e caiu um bloco de cimento no pé de um empregado...

— Não importa, posso adivinhar o resto.

— Não é pessoal, amor, — disse Sinclair para Enjoe amavelmente. — Mas temos assuntos mais urgentes para resolver.

— Imbecil! — tossi em meu punho.

— Ela esteve aqui durante mais do meio século. — Indicou. Então olhou diretamente para Enjoe. — Ninguém se esquecerá de você.

- Está bem. - Disse imediatamente. - Betsy pode me ver. Sempre o fez. E pode me tocar. Você voltará, não é?

— Aposte nisso. Além disso, não tenho alternativa. Vivo neste mausoléu. Mas nada de arrastar-se por aqui e me assustar, tudo bem?

— Hmph. Tudo bem.

— É legal vê-la se assustar, — disse Sinclair para Enjoe, que riu de novo.

— Por que tanta pressa? — Perguntei. — Alguém mais... uh... fez alguma outra coisa?

— Há alguns vampiros na cidade que desejam te oferecer seus respeitos. — Explicou Tina.

— Uf.

— Sinto muito. E as balas que ah... encontrei ontem à noite eram iguais às que as crianças usavam.

- AH não.
- Então temos coisas para discutir.
- Concordo. — Me virei para Enjoe. — Coisas aborrecidas de adultos, sinto muito. Mas voltarei.
- Estarei aqui. — disse, sem o mais leve rastro de ironia.

Capítulo 19

As recriminações começaram logo que saímos da casa.

— Como você não reparou que Enjoe era um fantasma? — perguntou Sinclair. — Quantas semanas morou nessa casa?

— Ouça, eu tinha um monte de coisas em minha cabeça. — disse na defensiva. — O que ia fazer? Interrogar uma menina de cinco anos? Além disso, nunca me disse isso.

— Mas não se deu conta de que sempre estava vestida com a mesma roupa?

— Nota-se que não conhece muitas crianças. Podem ser pequenas e teimosas tiranas. Quando eu estava no segundo grau colocava o mesmo par de sapatos durante dois meses.

— Tenho que admitir que nunca pensei que veria um pouco parecido. — disse Tina enquanto apertávamos dentro do carro conversível de Sinclair. Ao menos não era vermelho. Para ser um tipo morto bastante reservado, podia ser um filho de cadela ostentoso. — E vivi durante muito, muito tempo.

— Ver o que? Um fantasma? Sim, foi estranho. Homem, ainda tenho calafrios só de pensar.

— Bom, trate de recuperar a calma. — Aconselhou Sinclair, ligando o motor com um retumbante ronrono. — É inapropriado que à rainha dos mortos tenha medo dos fantasmas.

— Devo ter perdido esse memorando. — Grunhi.

— Nunca tinha visto um fantasma antes desta noite. — comentou Tina

— Nem eu. — Adicionou Sinclair. Voltou pelo caminho de acesso, sem olhar. Fanfarrão

— De verdade? Mas estão mais mortos que eu. — Hmm, não o tinha me expressado corretamente. — O que quero dizer é vocês estão por aqui a mais tempo. — Muito, muito, mais tempo.

— Poder ver e falar com os mortos, todos os mortos, é estritamente uma qualidade que a rainha possui. E, se ela decidir, também seus seguidores.

— Sério? Como sabe?

— Esta profetizado. — Disseram simultaneamente Tina e Sinclair.

Então Tina acrescentou.

— Estava no Livro dos mortos. ‘E a Rainha verá os não mortos, todos os não mortos, e nenhum se esconderá dela, nem guardarão seus segredos dela.’ diz.

Quase golpeei o teto de lona.

— Maldição. Maldita seja! — Sinclair quase saiu da estrada e Tina se encolheu de medo, mas estava muita zangada para que me importasse. — Isto me deixa *tão* doente! Me acontece algo completamente estranho, e me dizem, ‘AH, sim, isso também está no livro dos mortos, Esquecemos de mencionar?’

— Bem, nunca mais. *Agora mesmo* nós vamos sentar e vamos ler essa coisa repugnante do início ao fim. Onde está? Está no hotel? Vamos buscá-lo agora mesmo.

— Não podemos. — disse Sinclair.

— Por que não?

— Porque ler muito em uma sessão de deixará demente.

— AH, essa é sua desculpa para tudo. — Respondi bruscamente. Cruzei os braços sobre meu peito e não falei até que chegamos ao hotel.

Três horas improdutivas mais tarde, caminhava furiosamente pela calçada e atravessava a porta principal, me atirando imediatamente de barriga para baixo no sofá que havia na entrada.

— Que maldito desastre. — Disse à almofada.

— O que é que aconteceu? — Era Marc, situado em alguma parte a minha direita. — Está bem?

— Não.

— Virão mais. — disse Tina desculpando-se. — É questão de tempo.

— Há!

— O que está errado? — disse Jessica, descendo as escadas apressadamente. Era assombroso como não podia vê-los, mas de maneira igual, sabia exatamente onde estavam. Assombrava-me que quase estivesse amanhecendo e ainda estivessem me esperando. Também era surpreendente que este sofá que tinha quase oitenta anos cheirasse a pipocas de milho. — houve outro assassinato?

— Não. — disse Tina. -- Esta noite nos reunimos com outros vampiros que chegaram recentemente à cidade. Isso ah... não foi bem.

— É verdade — disse Sinclair, sentando-se a do meu lado. — E é muito interessante.

Me cirei o fulminei com o olhar. Interessante meu traseiro.

— Como?

Os vampiros, havia quase meia dúzia, e esmeraram-se em me ignorar, e a casa tinha estado tão malditamente fria por suas hostis vibrações, que me deram calafrios.

— AH, foram perfeitamente respeitosos com Sinclair, e houve todo tipo de "meu Rei" e "Sua Majestade", mas nenhum deles falou comigo.

— Simplesmente estão com ciúmes. — disse Tina, antes que Sinclair pudesse responder. Sentou-se na cadeira, diante do sofá, esta entrada era quase como um salão, e me olhou com compaixão. — Nenhum vampiro na história da humanidade pode fazer o que você faz.

— Sêrio?

— Betsy! Carrega uma cruz ao redor do pescoço como quem leva uma jóia normal! A metade do tempo apenas eu posso a olhar.

— AH, *isso* me faz sentir melhor.

— Sabe o que quero dizer. — disse delicadamente. — E em sua defesa, isto aconteceu muito rapidamente. Muitos deles estiveram sob as ordens do Nostro durante cem anos ou mais. Você esteve no poder apenas três meses.

— Também Sinclair... — Indiquei. — ... ninguém o colocou no congelador.

— Uh, — respondeu Tina, e isso foi tudo o que disse.

— São imbecis, mas já sabia, — disse Jessica. — Porque você se deprime com isso agora?

— Boa pergunta. Não se. Foi uma semana pestilenta. E esqueci que trabalhava esta noite. Já são duas vezes as que faltei ao Macy. Meu chefe não estará muito contente. E eles, os outros vampiros, foram realmente frios comigo. Essa casa de hotel se parecia com a Antártida.

— De fato, é muito alentador. — disse Sinclair. — Temos nossos motivos.

— O que? Temos?

— Interessava-me ver como reagiriam diante de você, os vampiros que não são da cidade, é o que precisávamos esta noite. E ficou claro que você despertou muito ressentimento na comunidade vampírica.

— São um grupo de chorões.

— Suspeito que há um preço por sua cabeça. De fato... — fez uma pausa. Tinha a completa atenção de todos, e provavelmente isto lhe surpreendeu. — De fato, suspeito que estes assassinatos formam parte de um complô para tirar você do caminho.

— O que? — Marc, Jessica, e eu, gritamos em uníssono.

Tina esfregou os olhos.

— AH, merda. -- disse quedamente. — Sim, isso encaixa, não é?

— Será por isso, por isso todas as vítimas foram mulheres? — Perguntou Marc cético.

— Mas por que matar os outros vampiros? — disse Jessica.

— Prática. — disse Tina. — Estão praticando até chegar a você, Majestade.

— Isso é pior coisa que já ouvi! — Sentei, horrorizada. — Não podem ter razão. De maneira nenhuma!

— Isso tem uma tonelada de sentido. — disse Jessica quedamente.

— Não. Isso não... tem que haver um engano, de pelo menos trinta graus diferentes. — Matar às pessoas para ir treinando? Para planejar como fazer comigo? Senti-me repentinamente afligida pela culpabilidade. A pobre Jennifer! Nem sequer tinha sido uma verdadeira vítima. Foi *prática*. — Nostro esteve no poder quase um trilhão de anos e ninguém tentou lhe matar. Eu estou desda primavera, e já é temporada de caça?

— Em poucas palavras, sim.

— Mas...

— Para muitos vampiros você é uma ameaça. — disse Tina. — Segue seu próprio caminho. Não depende do amparo de ninguém. Não precisa de nada... ah, de companhia de outros. Temos que nos alimentar cada dia, Majestade. *Todos os dias*. E pelo que sei, pode ficar quase uma semana sem se alimentar. — Na verdade, meu recorde, foi de dez dias, mas isso não era de incumbência de ninguém. — É imune à luz do sol.

— Se sou tão imune, por que caio como um boxeador novato cada vez que saio no sol? — Queixei-me.

— Todo mundo precisa descansar em alguma ocasião. — disse Sinclair, conseguindo parecer presumido e tranquilizador ao mesmo tempo.

— As cruzes, e a água benta. — Tina continuou com seu discurso. — Os Demônios, os quais você não fez, mas obedecem cada desejo seu. Tem um benfeitor rico. O rei... — Parou, e pareceu reajustar o que ia dizer, porque só terminou com... — o rei é carinhoso com você.

Sim, carinhoso como um lobo que gosta da carne crua.

— E? Por que interesse para eles? Não é como se eu estivesse muito envolvida na política dos vampiros.

— Ainda não. — disse Sinclair.

— AH. Isso não presta. Isto é completa e totalmente pestilento. Todos os vampiros me odeiam e todo mundo está tentando me matar!

— Não todos. — disse Sinclair, com a cara completamente inexpressiva. — Entretanto, isto traz para colação um ponto vital, precisa de amparo. Humanos durante o dia, e leais vampiros de noite. Não é provável que o titiritero pare logo.

Isto ficava cada vez melhor. Se ainda estivesse viva, neste momento teria uma terrível dor de cabeça. Me deitei no sofá e suspirei.

— Não posso acreditar nisso. — Mas era mentira. Tina tinha razão, de um modo, autenticamente mau, tudo *encaixava*.

— Mantenha Sarah perto de você. — disse Tina depois de um comprido silêncio.

— Concordo, é uma boa suspeita.

— É um inseto estranho, e o que vamos fazer? — Coloquei as mãos sobre os olhos. — AH, homem, na verdade preciso é sair daqui. — Levantei de um salto e comecei a andar de um lado a outro. — Tenho Deus como testemunha que esta foi a pior semana desde que morri!

— Quer ir ao Heaven?

Estava emocionada pela oferta, e bastante surpreendida. Jessica odiava ir às compras, e virtualmente odiava o Mall da América. Acredito que quando pode comprar tudo o que quer e mais, ir às compras deixa de ser divertido.

— Não. De toda maneira não podemos... são, quase três da manhã. O Mall fechado. Até os bares estão fechados.

— Poderíamos ir jogar boliche. — sugeriu Marc brilhantemente. Há um local aberto vinte e quatro horas, a cinco minutos daqui.

— B-boliche? — A sala começou a girar. Sentei-me antes de terminar caindo nos braços de Sinclair. — Quer dizer...com sapatos emprestados?

— O que é o que *está acontecendo* com você? — Jessica inquiriu bruscamente à Marc. — Está tentando transtorná-la ainda mais?

— Santo céu, sinto muito! Esqueci como é excêntrica com seu calçado.

— Estarei bem. — Falei fracamente enquanto Sinclair me abanava com uma almofada do sofá. — Preciso somente de um minuto.

— O Titiritero não tem que cortar sua cabeça. — disse Marc. — Somente tem que te pôr nela, uns sapatos de segunda mão. No desespero, você mesma fará o trabalho.

Sinclair riu, então, arranquei com força a almofada da mão dele e bati no rosto dele com ela.

Capítulo 20

Enjoe estava me esperando quando em fim entrei em meu quarto. Fiquei alegre em vê-la, tinha me ocorrido um par de perguntas enquanto estivemos fora.

E faria algumas, inclusive interrogar o fantasma de uma menina pequena, para tentar fazer desaparecer de minha mente os problemas com os vampiros.

– Ainda enfeitando meu quarto, huh?

– Não faço isso! Simplesmente gosto de ficar aqui.

– Tudo bem. Ouça, queria perguntar uma coisa para você, Como... acabou... assim?

Ela franziu o cenho, e uma linda linha vertical apareceu entre suas sobrancelhas.

– Droga! Nunca tinham perguntado isso antes. Claro que ninguém tinha falado comigo, antes que você chegasse.

Sim, ser a rainha de alguns mortos tinha toda aula de prestações adicionais. Forcei um sorriso enquanto ela continuava.

– Bem. Minha mamãe trabalhava aqui. Estávamos acostumadas a dormir no quarto da Jessica. Já sabe, quando a mamãe terminava de trabalhar. E um dia, veio um homem mau. Eu o ouvi chegar. Despertei, saí correndo e o vi ferindo minha mamãe, assim é que corri para o chutar, e ele me empurrou muito forte. E depois disso, ninguém pode voltar a me ver.

Imagino que ele deve ter golpeado a cabeça dela e ela morreu. E então o idiota que a lançou como se fosse uma bola, enterrou seu corpo no pátio dianteiro. Pena que ninguém o tivesse visto e chamasse os policiais.

Por que teria esse comichão em meu cérebro? Havia algo, e não podia ver o que era. Maldição! Por que era bonita em vez de uma gênio? Normalmente não me importava, mas em noites como esta...

– AH!! – disse a final, porque na verdade, o que eu podia lhe dizer? – Bem, obrigada. Simplesmente eu me perguntava isso.

– Quero que a minha mamãe venha. Preciso dela um montão.

Tinha estado esperando durante sessenta anos! Pobre menina. É bonito como isso a tinha confinado na casa onde tinha sido assassinada. Nos livros, os espíritos não podem descansar até que o assassino fosse levado diante da lei ou um pouco parecido, mas este fantasma se limitava a esperar a sua mamãe.

Em um minuto, ficaria a mugir.

– Quer ver meu novo vestido? – perguntei-lhe a final, desesperada para trocar o tema da conversa. – Comprei com sessenta por cento de desconto!

– Ok.

Enquanto fazia meu improvisado desfile de modas para Enjoe, tive uma brilhante idéia. Seria sua mamãe! Não poderia ter meus próprios filhos, já não urinava, muito menos ovulava. Mas podia cuidar de Enjoe e talvez se acostumace comigo, não sentiria tantas saudades de sua mãe.

Essa foi a idéia mais alegre que eu tinha tido em bastante tempo. O pensamento de “nunca terá um bebê, jamais” o parecer tinha conseguido ser expulso. Não sempre, nem todos os dias. Mas de vez em quando esse escuro pensamento me ecoava e tinha me pego de surpresa.

Não é que eu queria ter um bebê de ninguém. Geralmente não de ninguém, e certamente não do Sinclair. Como se ele pudesse me fecundar com seus espermatozoides mortos. Mas mesmo assim, teria sido bonito ter ao menos a opção.

Mas agora *tinha* uma opção. Faria-o... o faria... adotaria um fantasma!

Caramba, tudo certo. Como qualquer plano, precisava elaborá-lo. Mas que diabos, tinha tempo.

Na noite seguinte, Jessica e eu nos detivemos no caminho da entrada da casa de meu pai. Era muito grande para duas pessoas, estava situado em uma zona da moda dos subúrbios da Edina, e além disso era muito cara para o mercado imobiliário. O que a fazia perfeita para minha madrastra, Antonia Taylor, também conhecida como Ant.

— Apostaria o que for, que não têm cupins. — resmunguei, cravando os olhos na casa.

— O que?

— Não importa.

Saímos do carro e nos dirigimos para a porta principal. Antes que Jess pudesse tocar a campainha, a abracei pelos ombros e lhe disse:

— Desculpo-me de antemão por tudo o que minha madrastra diga, e por tudo que meu pai *não diga*. .

— Está bem.

— Obrigada por vir comigo.

— Não há problema, estava desejando. — mentiu. Ambas sabíamos que seria uma tarde miserável.

Era o tradicional churrasco Taylor de quatro de julho. Devido ao frenético horário de trabalho de meu pai, que era o diretor geral de uma companhia que fabricava esponjas, celebrávamos em dezoito de julho.

Ant utilizava estas festas como uma ocasião para poder se mostrar, por isso convidava todo tipo de pessoas: ricos, pobres, colegas de trabalho, membros da família, amigos e políticos. Jessica tinha conseguido um convite por direito próprio, o de ser rica, o que anulava o fato de ser negra.

— Sério. — Falei de novo, batendo na porta. — Sinto muito.

— AH, relaxe. Acredita que me oferecerá outra vez melancia e frango frito?

Gemi, logo forcei um sorriso quando minha madrastra abriu a porta.

Empalideceu quando me viu. Isso não era algo atípico, eu teria ficado surpresa se ela tivesse sorrido. Ou tivesse permanecido inexpressiva. Não a tinha perdoado, por ter acabado com o casamento de meus pais, e ela não podia me perdoar por ter ressuscitado de entre os mortos. Isso fazia que as celebrações fossem incomodas, para não dizer algo mais.

— Feliz quatro de julho! — Falei formalmente.

Ant inclinou a cabeça.

— Jessica. Obrigada por vir. — Deixou a porta aberta e se foi.

— Acredita que você se chama Jessica. — Sussurrou Jessica.

— Muito engraçado. — Segui Ant, entrando na casa. Onde, para meu total assombro...

— Mamãe?

— Olá, querida! — Minha mãe deixou no chão sua bebida - Dewar com soda, por isso pude cheirar, e me abraçou. Foi como ser abraçada por um travesseiro que cheirava a canela e laranjas. — Esperava que viesse. — Deu-me um grande e vigoroso beijo na bochecha, logo agarrou a Jessica e lhe deu o mesmo tratamento.

Jess lhe devolveu o abraço, encantada.

— Dra. T! O que está fazendo aqui?

Uma boa pergunta. Ant desprezava minha mãe, e o sentimento era sinceramente mútuo. Esforçavam-se até o extremo, para não estar na mesma cidade, muito menos na mesma peça da mesma casa. Não podia imaginar que extravagante conjunto de circunstâncias tinham feito que minha mãe fosse à casa de meu pai.

— Não se lembra? O mês passado me promoveram.

— É claro, agora é a chefe do departamento. — Minha mãe era professora na Universidade de Minnesota. Era especialista na Guerra Civil, especificamente na Batalha do Antietam. Que aborrecido. — É a chefe de um pequeno grupo de inexperientes professores.

— O que me faz apta! — disse minha mãe, sorrindo. — Para obter meu próprio convite para o churrasco dos Taylor.

Massageei as têmporas. A desmedida ambição de Ant por subir na escala social não tinha limites. Agora convidava a professoras de história! Não tinha sentido. Que idiota. Os professores quase nunca ficavam ricos. E poderiam matar uma festa. *Minha* mãe não, é obvio. Mas mesmo assim...

— Graças a Deus! — dizia Jessica. — Alguém com quem falar, que não me confundirá com uma criada.

— AH, cale a boca Jessica, ninguém pensa que é uma criada. Exceto... bem, não importa.

— É maravilhoso que tenha vindo! — Falei finalmente.

Minha mãe piscou surpreendida.

— O que está acontecendo com você?

— Teve uma má semana. — Disse Jessica, agarrando um garçom pelo cotovelo e agarrando uma taça de vinho. — A política dos não mortos. Já sabe.

— E como esta Eric Sinclair?

— Incomodando. — Eu disse, segurando outro garçom. Este estava com Bloody Marys. Tomei um gole e fiz uma careta. Eu gostaria de pôr as mãos em cima do imbecil que decidiu que era uma boa idéia destruir o suco de tomate com vodka e molho picante. — Arrogante. Odioso. Não me escuta. Aparece sem ser convidado.

— É o rei dos vampiros. — murmurou minha mãe. Tentou lançar um olhar lascivo, e falhou, em vez disso pareceu o 'Antes' de um anúncio publicitário de antiácidos. Minha mãe era pequena, gordinha, e tinha cabelo branco e encaracolado. Parecia com uma avó da televisão, quando tinha trinta anos. — E tem verdadeiro afeto por você, torrão de açúcar.

— Vomitar. — Falei, e terminei a bebida. Agarrei uma taça de ponche da bandeja de outro garçom — Quantos garçons contratou Ant, para um "churrasco informal", pelo amor de Deus?

— Err... possivelmente deveria beber mais devagar, querida. Você irá dirigir, não é?

— Mamãe, sabe quanto de álcool precisa beber um vampiro para ficar bebado?

— Bom, não.

— Nem eu. — Esta era uma boa noite para inteirar-me! Terminei essa bebida, também, e o resto do vinho da Jessica. — Alguém viu meu pai?

— Está naquele canto, com o prefeito. Tentando esconder-se. Caramelo, Está passando um mau momento? Quer que eu vá e fique com você durante uns dias?

Realmente estremei. Isso era tudo o que precisava, minha mãe se intrometendo enquanto Sinclair e Jon davam em cima de mim, o titiritero tentava me estacar, e o fantasma de uma menina morta dava voltas por meu quarto cantando "Mary tinha um pequeno cordeiro" até pensava que ia ficar louca.

— Talvez o mês que vem, Dra. T, — disse Jessica rapidamente, vendo como eu estava a ponto de me irritar por causa da tensão nervosa. — É só... que agora é bastante complicado.

— Não importa, mamãe. — Falei, tão amavelmente como pude. A minha mãe, a diferença de *algumas outras* figuras maternas que podia mencionar, não importava meu status de não morta e tentava me ajudar como podia. Na verdade

se alegrava por eu ser uma vampira, disse-me que ela não teria que se preocupar que me assultassem, violentassem ou um pouco parecido ao que acontecia nestes dias. Não era culpa minha que minha vida estivesse tão incrivelmente, qual era a palavra que a Jessica tinha usado? - *Complicada*. Sim, é complicada como a esteira de um tornado.

— Acredito que esta noite estou aqui por outra razão. — Continuou minha mãe, em voz baixa. — Sua madrasta parece querer explorar, por ter algum segredo. Suspeito que esta noite fará um ...Grande Anúncio.

— Uf. — AH, agora o que? Teria intimidado meu pai para que lhe comprasse um avião para fazer as viagens para suas compras? Estaria tentando organizar outro baile beneficente? — Não poderíamos ir agora?

— Nem sequer teríamos que ter vindo. — Indicou Jessica.

Encolhi os ombros. Em abril, quando ressucitei, meu pai deixou claro que me considerava morta, e se não tinha boa educação de *ficar morta, ao menos devia me manter afastada. Eu tinha esclarecido o fato de que seguia sendo sua filha, e era seu dever me amar, morta ou não morta. Após isso tínhamos mantido um tipo de incomoda trégua. Tinha assistido a seu jantar de Semana Santa uns meses atrás, e agora estava aqui para o churrasco de quatro de julho. Gostasse ou não.*

— Há... uh... comeu esta noite?

— Estou bem, Mamãe. Não se preocupe com isso.

— Porque tive uma idéia. Voltarei em seguida. — Rumo à cozinha, com toda sua beleza eficiente velocidade.

— Não posso acreditar que sua madrasta convidou sua mãe para sua festa.

— Não posso acreditar que minha mãe viesse!

Jessica me olhou por cima do alvoroço da cozinha, ouvi um liquidificador ser ligado.

— É obvio que veio. Queria assegurar que seu pai e Ant seriam amáveis com você.

Sorri pela primeira vez nessa noite. Provavelmente Jess tinha razão. Minha mãe parecia uma mulher tranquila, mas podia ser um pit bull se acreditava que eu tinha algum problema.

Antes que pudéssemos seguir especulando, minha mãe retornou com o que parecia ser uma vitamina de chocolate escuro.

— É rosbife. — Murmurou, e quase deixei cair o copo. — Pensei, que já que não pode comer comidas sólidas... pode bebe-las.

— Hmmm, — disse Jessica, olhando a vitamina de carne.

— Perdoem senhoras, mas se pudessem, me acompanhem para se sentarem. - Os garçons nos escoltaram até a grande mesa da sala de jantar. Interessantemente,

Ant tinha nos colcado à cabeça da mesa, ao lado dela e de meu pai. Estranho! Normalmente me queria tão longe como fosse possível. Caramba, tinham me sentado na mesa das crianças, até que tive vinte e seis anos.

— Olá, papai, — Falei, quando meu pai se sentou em minha frente. Dirigiu-me um sorriso torto acidentalmente derrubou sua taça.

— Darren... — disse minha mãe cortesmente. — está com bom aspecto.

Meu pai alisou sua roupa. Enquanto um garçom endireitava seu copo e secava a mancha de vinho. — Obrigado, Elise. Você também. Felicitações de novo pela promoção.

— Obrigada. Não esta encantadora a Betsy?

— Uh, sim. Encantadora.

— Obrigada, papai. — Falei secamente.

— Antonia.. — disse Mamãe, quando Ant aproximou sua cadeira com empurrãozinhos. — Linda festa.

— Obrigada, Sra. Taylor.

Hee! Minha mãe, por obstinação e rancor, tinha mantido seu sobrenome de casada depois que meu pai se desfizera dela.

— Dra. Taylor, — corrigiu-a docemente minha mãe.

— Jessica. — disse Ant. — Como vai ?

— Muito bem, senhora Taylor.

— Ouvi que vendeu sua casa do centro da cidade... uns amigos quase a compraram. Onde vive agora?

— Em uma mansão na avenida Summit, — disse sem rodeios, porque sabia que deixaria minha madrastra louca de ciúmes. Ant tinha tentado conseguir uma mansão no Summit durante anos. Mas, estava fora de seu alcance. Minha mãe escondeu um sorriso quando Jess continuou. — É muito grande para nós, é obvio, mas nos arrumamos.

— AH, err , Betsy está com você?

- Sim. Somos colegas de quarto, junto com Marc, nosso amigo gay. — Ant era uma raivosa homo-fóbica. — e é obvio, precisávamos de um lugar para todos os vampiros que vêm nos visitar. — E uma raivosa vampiro-fóbica.

Minha mãe soprou em sua bebida. Típico das festas de sociedade, ninguém escutou o que Jessica havia dito, assim não foi como se ela tivesse arruinado minha situação . Além disso, até para mim, pareceu incrível.

Agarrei meu copo de rosbife e inalei. Não cheirava muito mal. Na verdade, cheirava um pouco bem. E o copo estava confortavelmente quente.

— Contou-lhes as novidades, Toni? — perguntou meu pai, ainda fazendo uma careta diante do anúncio da Jessica.

– Novidades? – Perguntou minha mãe cortesmente.

– AH, sim. – Pela primeira vez em toda a tarde, minha madrastra me olhou diretamente. A força desses olhos azuis (lentes de contato), esse cabelo loiro (tingido) e esses lábios vermelhos (operados) me fez beber apressadamente meu copo de rosbife. Era uma pena que não houvesse um pouco de licor ali dentro.

– Darren e eu temos excitantes notícias. Vamos formar uma família.

– Vão formar? – Perguntou mamãe, perplexa.

Os olhos da Jessica se dilataram.

– Quer dizer que esta ...

– Grávida! – disse Ant, com triunfo e ódio ressonando em sua voz. – Vai nascer em janeiro.

Inclinei-me e vomitei toda a vitamina de carne no pés de minha mãe.

Capítulo 21

– Como pôde? – Gemi. – Como pôde?

– Porque esta com ciúmes de você. – disse Jessica sem rodeios. – Tem ciúmes desde dia que se mudou à casa de seu pai. Provavelmente pensou que se livrou de você em abril. Mas foi muito estúpida para permanecer morta. Então lhe ocorreu, 'Terei um filho, e assim obterei mais atenção que Betsy'.

Sim, essa era Ant. Faria isso sim.

– Admito..., – disse Mamãe. – ...que me surpreendeu. Não tinha esperado que Antonia tomasse esse caminho. – Riu de repente. – Seu pobre pai!

– Ele merece. – Falei. Afundei-me no assento do passageiro, rezando para morrer. Tinha me recusado a colocar o cinto de segurança. Agora mesmo, daria bem-vinda uma viagem através do pára-brisa. – Ele a escolheu. Ele se casou com ela.

– E estive pagando por isso depois, Elizabeth, – disse minha mãe com seu tom de "não se discute comigo". – É hora de crescer e que o esqueça. Se *eu* já não estou zangada, por que você está?

– Fique quieta.

– Como você disse, senhorita?

– Falei que chegamos.

Minha mãe ficou sem fôlego quando giramos no caminho de acesso. Não a pude culpar. Eu ainda esperava ser expulsa da mansão cada vez que cruzava a entrada.

– AH, Jessica, que maravilha! Suponho que é ridiculamente cara.

— Sim. — Disse modestamente.

— Meu Deus! Que palácio!

Notei irritada como Jessica estava desfrutando disto. Não disse nada, embora estivesse com humor para fazê-lo. Os pais da Jessica morreram quando ela era uma menina, minha mãe era o mais próximo que tinha tido com respeito ao afeto maternal e Jess a adorava.

— Entre, tenho algumas calças de ginástica que posso te emprestar. A saia de minha mãe estava, é obvio, arruinada. A vitamina de carne vermelha, bÍlis, e cachemira... não é um conjunto agradável.

— Na verdade, não preci....

— O que vai fazer, vai para casa só com as meias? Não diga nada mais. Vamos entrar.

— Vampiros, — murmurou minha mãe no ouvido de Jessica. — São tão suscetíveis.

— Ouvi isso. — Respondi bruscamente.

— De verdade?

— Calma. — murmurou Jessica a minhas costas. — Não posso atirar um peso no terceiro andar sem que Bets o ouça no primeiro.

— Droga.

Quando entramos, Marc estava segurando um jarro de chá gelado.

— Olá, Dra. T. Hey, bem a tempo, garotas! Tem convidados.

— Que convidados?

— Um, vejamos... — Marc começou a contá-los com os dedos de sua mão livre. — ... vieram dois membros dos Blade Warriors, o rei dos vampiros, a vampira que o fez *a ele*, o padre pároco local, e outra vampira. Sarah ou algo assim.

— Genial. — Queixei-me. — Sou a única que avisa se for visitar a casa de alguém sem ser convidada?

— Aparentemente sim. — Disse Sinclair, como sempre, aparecendo do nada. Minha mãe pulou de susto. Como eu fiz. — Dra. Taylor. É um prazer voltar a vê-la.

Mamãe foi ao delírio quando Eric tomou sua mão com as suas e se inclinou de modo respeitoso sobre elas como um Maitre morto.

— AH, Majestade. Também me alegro de lhe ver.

— Eric, por favor, Dra. Taylor. Depois de tudo, não é uma de minhas súditas. Lástima. — suspirou.

— E você deve me chamar de Elise, — sorriu ela bobamente.

— E eu devo vomitar. Outra vez. — Anunciei. — Podem deixarem de fazer olhos durante cinco segundos?

— Perdoe a minha filha. — Disse minha mãe, olhando absorta aos olhos de Sinclair. — Normalmente é muito mais agradável. Teve uma noite difícil.

— É obvio, sendo sua filha, espero grandes coisas dela.

— Mas, Eric! Que doce. Betsy nunca havia dito que você...-

— Podem deixar de brincar, crianças? Vou vomitar outra vez. Assim terminam.

— Eu também vou fazer. — Disse Sarah. Deu a volta, estava na entrada do segundo salão. — Se já terminarmos por esta noite, eu gostaria de ir.

— Não. — disse Sinclair .

— Sim. — Eu disse ao mesmo tempo. — De fato, por que não vão *todos*? Não estou de bom humor.

— Fique com bom humor. Temos assuntos muito sérios para resolver. — A geada de sua voz se derreteu quando colocou seus olhos de cão em minha mãe. — Sérios negócios de vampiros, estimada senhora, ou é obvio insistiria que se unisse a nós. Poderíamos usar uma mente tão boa como a sua.

— Quero ir ! — gritou Sarah. Realmente gritou! Pensei que era a única que gritava com Sinclair. — Quero ir !

— Que problema tem? — perguntou Marc. A jarra de chá gelado suave como Rush Limbaugh em julho, e gotejava sobre o chão. Olhava em vão a seu redor procurando um móvel com menos de duzentos anos de antigüidade para poder colocá-lo. Assim é ficou, com desagrado, com o jarro na mão. *Nota para mim mesma: Comprar mesinhas..* — Ouvi que você não gostava deste lugar. Por que?

— Se o quer saber, — disse Sarah, mordendo cada palavra como provavelmente tivesse gostado de morder os dedos do Marc, — Tive uma filha uma vez. E foi... bem, morreu. Aqui. Nesta casa. E não quero falar disso e não quero ficar aqui.

Deu um passo para frente e entrou no braço estendido de Sinclair. Realmente ouvi o rangido dos músculos de minha mandíbula quando minha boca caiu aberta.

— Você *O que*? — Gritei.

— Uma menina? Uma garota loira? — perguntou Sinclair com aspereza.

— Seu nome é Enjoe? Tinha uma fita para segurar o cabelo fora dos olhos? E uns saddle shoes com meias três-quartos curtos? E um vestido?

Sarah se pôs-se a chorar. Isso foi mais chocante que quando gritou com Sinclair.

— Sabe algo dela? Como soube? Quem te disse? Não fale comigo sobre ela, não quero que o faça!

— Sarah, ela esta enterrada em meu pátio dianteiro!

— Ela esta o que? — Perguntou bruscamente Jessica. — Outra vez esqueceu de falar, garota morta.

— Vamos! — Mostrei as escadas. — Ao quarto do vampiro! — Andei rapidamente, o que me fez tropeçar com minha mãe. De novo me movi muito rápido para ela. — Mamãe, tenho que me encarregar disto agora mesmo, tudo bem? Falaremos mais tarde, ok? É que isto é importante. ok?

— É obvio. — Abraçou-me. — Vá fazer com seu trabalho.

— *Mamãe*, trate de me soltar, está me envergonhando diante dos outros vampiros.

Subi correndo as escadas.

Irrompi em meu quarto, com muitas pessoas me seguindo de perto.

— Enjoe! — Gritei. — Enjoe, apareça!

Ela foi aparecendo. Nunca a tinha visto fazer isso, ficou estranho. No princípio não pensei que estivesse na cadeira, logo a cadeira começou a ficar um pouco azul nas bordas, depois foi como se uma descolorida Enjoe estivesse sentada ali, e por último a Enjoe de sempre apareceu sentada.

— O que aconteceu? — Perguntou, me olhando desconcertada. Então olhou atrás de mim e seus olhos se dilataram. — Minha mamãe!

Girei, Sarah precisava da minha ajuda.

— Sarah, você pode ver o fantasma se ...

Atirou-me contra Tina quando se jogou para frente.

— Meu doce bichinho!

Tina me estabilizou e murmurou:

— Doce bichinho? — Nesse mesmo instante. Senti sua angústia e tentei também, não me jogar a rir dissimuladamente.

Sarah tentou abraçar Enjoe, mas em lugar disso terminou quase caindo sobre a cadeira. Isto não evitou a reprimenda. — Mamãezinha, onde estive? Estive esperando e esperando! — Enjoe tinha as mãos nos quadris, era a imagem de uma menina ultrajada .

Sarah retrocedeu e tentou lhe responder, mas chorou mais forte como se isso fosse possível.

— Enjoe..; — perguntou Sinclair. — Como era o homem que te golpeou?

— Não lhe pergunte sobre isso. — pediu Sarah. Sua voz estava ainda rouca, mas seus maternais cabelos do pescoço estavam levantados. Rei ou não rei, Sinclair não ia causar nenhuma dor a sua filha. Na verdade, eu gostei disso. Me senti mal por todas as vezes que a tinha tratado como a um frio inseto estranho. — De todo modo não tem que lhe perguntar. Foi Nostro. Ele a matou. E me converteu.

— E estava zangada comigo por eu o matei? — Perguntei, horrorizada.

— É... complicado, — disse ela, minha palavra menos favorita da semana.

Ouvi o *estalo de algo que se quebrava* e olhei, Tina tinha pego uma cadeira e tinha quebrado uma de suas pernas.

— Chega, provavelmente essa coisa vale seissentos dólares. — Ordenei. — Bom, E agora o que? Quero dizer, que já estão reunidas. — Isto significava que Sarah ia se mudar conosco, para assim poder estar mais perto de Enjoe? Merda, esperava que não. Se permitisse a um vampiro mudar para esta casa, teria que deixar todos!

Sarah passava sua mão através da cabeça de Enjoe.

— Mamãe, vamos *.Por que demorou tanto? Diga!*

Sarah se voltou para mim. Pareceu ter envelhecido dez anos em dez segundos. Seu rosto estava horroroso e ainda chorava.

— Betsy, minha Rainha, preciso de um favor.

— Qual?

— É que, ouvi que você pensa que temos almas. Que os vampiros têm almas.

— Uh — Aonde queria chegar com isso? Começava a ter um autêntico mau pressentimento. — Sim. Isso é o que penso.

— Assim é certo. — disse Sarah. — Porque é a rainha. E sua vontade é nossa vontade. Assim se diz no Livro dos mortos.

Essa coisa outra vez.

— Ok. Claro, o que você diga.

— Sim. Bem.

Houve uma pausa, como se tomasse coragem para dizer algo. Se ainda fosse humana, provavelmente estaria contendo a respiração.

— Então devo lhe pedir um favor. Eu gostaria que me matasse. Agora mesmo.

— Você quer que eu faça o que?

— Eu o farei. — Disse rapidamente Tina. Me dei conta que a perna da cadeira que ela estava segurando seria uma boa estaca. Maldição! Três passos a frente de mim, como sempre. — A Rainha não deve realizar uma tarefa tão baixa.

— Uh... considerando que, investigar ainda me angustia, crianças...

— Tarefa tão baixa? — Os olhos do Sarah resplandeciam. — Minha morte não é pouca coisa! Me reunirá com um ser de minha própria carne e ossos, que permaneceu longe de mim durante cinquenta anos.

— Garotas?

— Só quis dizer... que a rainha não tem estômago para estas coisas. — Acrescentou Tina em voz baixa. — Mas não me importa, me alegro em ajudar.

— AH. — Apaziguada, Sarah se tranquilizou de novo. — Bom, então.

— Sarah, Está certa disso? — Olhei cautelosamente para Enjoe e sussurrei o resto. — O que vai acontecer se não funcionar? Se você... — *Acordar no Inferno*, tinha estado a ponto de dizer, mas isso possivelmente não o faria. — O que ocorre se estou equivocada?

— É a rainha. — disse Sarah, claramente perplexa.

— Além disso, acredita nisso. No mais profundo de seu coração. — Disse Sinclair. Pulei de susto, tinha estado tão calado, que tinha esquecido que ainda estava no quarto. — Sabe que é assim. Se não, por que carrega a cruz no pescoço? E por que vai à igreja?

— Como sabe que vou à igreja?

— Elizabeth, eu sei *tudo* sobre você.

— Bem, agora deixou de ser um pretendente chato para ser um caçador obsessivo. Mas me ocuparei disso mais tarde. Me dê essa coisa. — Tina pôs a perna da cadeira na palma de minha mão como uma enfermeira vampírica de urgências... — Me pediu isso Sarah. Assim o farei.

— Obrigada, Majestade.

Tina não disse nada, limitou-se a inclinar respeitosamente a cabeça.

— Um, *como* faço?

— Aponte para o coração. — Disse Sinclair. Tocou no peito de Sarah. — No centro. Tão rápido e profundo como pode.

— E isso... o fará?

— Sim. Nenhum vampiro pode recuperar-se de uma estaca de madeira atravessando seu coração, nem se você der sangue para ela depois. Não desaparecerá como nesses tolos filmes, mas estará morta para sempre.

Engolisaliva.

— Bem. Mas primeiro, Sarah, provavelmente deveria se confessar. Já sabe, tem que ir à Deus com uma alma limpa.

Sarah se encolheu de medo.

— Não posso me confessar com você?

— Não, claro que não. Espere somente um segundo. — Abri a porta do quarto. Ani, Jessica, e Jon quase caíram sobre mim. — Fora, intrometidos. Padre Markus! - Gritei. — Poderia subir? Precisamos de sua ajuda!

— Vou buscá-lo. — Disse Ani.

— Não, eu vou. — Disse Jon, e começaram com uma furiosa e instantânea rixa. Os punhos voavam, chutavam-se e arranhavam como chinchilas zangadas.

— Uh Jessica.

— Sim. — Disse, passando sobre Jon e Ani, que estavam travados em combate, e correu escada abaixo.

— Ok., — Falei, voltando para meu quarto. — Jess foi procurar o sacerdote.

— Não irá tocar me com nenhuma de suas...suas ferramentas, não é?- Perguntou, visivelmente tremendo. A mulher que tinha gritado com Sinclair estava assustada com um homem de sessenta anos! — Ou a me salpicar com... com algo?

— Não. Só vai te escutar. Simplesmente lhe diga todas as coisas más que tem feito.

— Todas? — Repetiu, afligida.

— Então resuma. — Falei exasperada. — Então te estacarei o coração, e Enjoe e você poderão ficar juntas. — E então vomitarei outra vez, e me esconderei em baixo da cama durante o resto da semana. Um plano muito bom!

O Padre Markus podia mover-se rapidamente quando queria, houve uma ligeira batida na porta e logo colocou a cabeça.

— Me chamou?

— Sim. Obrigada por vir tão rápido. Padre... — fechou a porta e rapidamente lhe dei um relatório detalhado. — Então, se pudesse, já sabe, fazê-la brilhante para Deus...

— Não acredito que possa. — Disse Tina. — Não pode fazer o sinal da... fazer qualquer sinal, ou tocá-la com nada.

— E se não é católica praticante, seria inapropriado, ou algo pior. Francamente, é inapropriado de qualquer maneira, dado seu... status, ah. — Markus olhou a seu redor nervoso, tirou suas lentes bifocais, e os pôs rapidamente. — Está certa que aqui há um fantasma?

— Confie em mim. Bem, limite-se há fazê-lo o melhor que possa. Um sacerdote pode fazer a extrema-unção a um vampiro?

O Padre Markus sorriu para Sarah, que se encolhia longe dele, e pela primeira vez notei o rosto agradável que tinha. Era alargada e triste, como um cão basset sacerdotal, mas quando sorria mostrava uma profunda covinha em cada bochecha, o que era terrivelmente bonito.

— Sarah, menina. — Tentou lentamente alcançar sua mão. Ela se sobressaltou, então deixou segurá-la. — Lamenta de coração todos os pecados que cometeu, tanto na vida como na morte?

— Sim.

— E aceita Nosso Senhor Jesus Cristo como seu salvador?

— Eric Sinclair é meu Senhor, — disse ela, obviamente. — e Betsy é minha Senhora.

— Na outra vida, querida?

— Sim, isso acredito. — grunhiu. — Quero dizer, se Ele me quiser.

— Muito bem, então. Encomendo sua alma à Deus. — Fez o sinal da cruz sobre sua cabeça e ela saltou para trás com os braços levantados. Mas não ocorreu nada. Não estorou em chamas nem nada parecido. Tinha que admitir, estava aliviada. Vamos combinar, que isso teria quebrado toda a noite.

— Obrigada Padre. — Falei.

— Para o que precise...

— Adeus.

Tina manteve a porta aberta, intencionalmente.

— Mas tenho curiosidade ...

— Assuntos de vampiros, me perdoe. — Disse Tina cortesmente. Então fixou um olhar tão furioso e desdenhoso em Ani e Jon que instantaneamente correram para as escadas. O Padre Markus saiu silenciosamente, lançando um último olhar sobre seu ombro à medida que a porta se fechava.

— Tudo bem. — Isso não ficou bem, tentei de novo. — Ok. Lá vamos. Uhm, Sarah, venha aqui. — Coloquei-a diante da parede. Então a movi, meus sapatos estavam atrás dessa parede. — Ok, lá vamos. Uhm. Bem. — Pratiquei cravando onde Sinclair tinha mostrado. AH, Senhor, como me colocavam nestas situações? — Bem.

— Espere! — Ela agarrou meu rosto.

— AH, graças a Deus.

— Não, não é isso. Não mudei de idéia. Minha roupa. Tenho um armário cheio de Armani que nunca voltarei a usar. Tina sabe onde vivo. Agora serão dela. É mais alta, mas temos a mesma constituição. Pode modificar com a maioria que sirva.

— Armani? — A abracei e beijei sua fria bochecha. — Não lamentará, prometo-lhe isso.

— Então *faça-o*. Por favor.

— Está bem, está bem.

— Mamãe? — Enjoe, pareceu preocupada.

— Estarei com você em um minuto, coração, — Respondeu Sarah, muito alegremente. Então, falou, — Me mate!

Fiz. Coloquei a perna da cadeira de um golpe, mais forte do necessário. Estava tão assustada de me acovardar e de estragar todo o trabalho, que usei muita força. A perna da cadeira transpassou Sarah, e à parede. Soltei-a, e Sarah ficou fixada à parede como um escaravelho em um cartão.

E se foi. Soube que se foi, pude sentir. E se não tivesse podido sentir, asseguro que o tivesse podido ver. Seus olhos, que tinham estado me olhando mostrando sua fúria por minha preguiçosa lentidão, estavam frágeis. Toda ela se crispava como uma truta fora do rio, mas sabia o que acontecia, eram os espasmos da morte.

Me virei, assustada ante a possibilidade de voltar a vomitar. Senti a mão de Sinclair em meu cotovelo.

— Querida... — murmurou. — Fez bem. Olhe!

Olhei. Enjoe tinha uma expressão de intensa surpresa em seu rosto, cravava os olhos em suas mãos, que estavam transparentes. Olhou-me e sorriu, mostrando a abertura de seus perdidos dentes de bebê.

— Agora vou ver a mamãe!! — Depois desapareceu de improviso.

Houve um comprido silêncio enquanto pensávamos o que dizer. No final, Tina abriu a boca.

— Me ocuparei do corpo.

— Os vampiros têm cemitérios? — Perguntei. Me *senti* tremendo, como se em qualquer momento pudesse cair no chão.

Ela sorriu.

— Sim.

— Bem. Uhm, escuta. foi uma noite realmente larga. Uma noite incrivelmente larga. Tina, sou sua rainha, não é? Quer dizer, sempre acreditou nisso.

— É obvio, Majestade.

— Bem, tudo bem, me faria um favor realmente, realmente grande? Desceria a escada e faria que os Blade Warriors se fossem, e diria a Marc, Jess e a minha mãe que os verei amanhã? Porque agora mesmo não estou precisamente de humor para companhia.

— Imediatamente, Majestade. — Agarrou-me a mão e, estranha e perturbadoramente, beijou-a. — Fez bem. — Sorriu e toda seu rosto se iluminou. — Foi genial.

Então por que me sentia como uma total merda?

Escutei Tina a agarrar e arrastar. Recusei-me a olhar. Depois levou o corpo. Sinclair segurou a porta aberta, e a fechou atrás dela. Naturalmente, assumiu que o de "que não quero companhia" não se aplicava a *ele*.

— Bem, isto é tudo. — Falei, cravando os olhos no lugar onde tinha estado Enjoe.

— Sim, suponho que é assim.

— De verdade, me alegro por ela.

— Como eu.

— Sentia muita saudades de sua mamãe, ficou aqui durante meio século. Anos e anos! E agora estão juntas. Isso é bom, não é?

— Sim, é.

Pus-se a chorar, e de repente me encontrei apoiada sobre algo duro e coberto de algodão, o peito do Sinclair. Seus braços estavam ao redor e me acariciava as costas.

— Elizabeth, não chore coração. Tudo o que disse é verdade. Tudo o que *fez* foi correto.

— Sei. — Solucei em seu peito.

— Nesse momento, você fez uma dura eleição, e isso sempre é difícil. — Beijou a parte superior de minha cabeça. — Mas foi uma rainha para Sarah quando ela precisou, e Enjoe não pôde ter eleito uma amiga melhor.

Era tão doce, chorei mais forte.

— Elizabeth, por que sempre cheira a Morangos?

A abrupta mudança de tema me sobressaltou em meio de um soluço.

— É meu xampu.

— Bom, é delicioso.

— Além disso, Jessica me deu um morango faz umas horas. Era o enfeite do daiquiri que estava tomando na casa de meu pai, e não tive tempo de me trocar antes que chegassem de visita. Tirei-a, mas havia suco e sementes por toda parte.

— Bem, isso é... também adorável. — Podia sentir como tremia seu peito por causa da risada reprimida.

Retrocedi e esbofetei seu ombro.

— Não vejo a graça, Sinclair. Estou tendo uma crise.

— Sim, começo a reconhecer os sinais.

— É só..., que eu teria cuidado dela, sabe? Tinha esse plano. Nunca poderei ter um bebê. Assim pensei que podia tomar Enjoe sob minha asa. E me acostumei a tê-la a meu redor. Estava sempre aqui.

— Sim, deve ser incrivelmente exasperante.

— Não, é... que pensei, que isso estava bem, ok? Quer dizer, uma vez que consegui me sobrepor à impressão dos fantasmas. Mas agora... nunca voltarei vê-la. — Só de pensar nisso me fez chorar mais forte. — A única maneira que poderia ter um menino, é se algum outro fosse *assassinado* em minha casa e ficasse por aqui!

— Elizabeth, isso não é certo.

— Esta foi a semana mais horrorosa!

— Sim, tem sido difícil para você, não é verdade, minha pobrezinha?

— Sim! Alguém está tentando me matar, minha casa é muita grande, os outros vampiros me odeiam, um dia destes vou ter que esmagar o Jon como a um inseto para que deixe de me incomodar, posso ver pessoas mortas e pode ser que o jardineiro seja também um fantasma e minha stepmonster está grávida de meu meio irmano ou irmã.

Olhou-me sobriamente.

— Ninguém se atreverá a te machucar enquanto eu estiver perto. Além disso, quem disse que ela esta grávida?

— Não importa. Sabe... — inspirei pelo nariz. — ... pode ser realmente doce quando não me põe entre a espada e a parede.

— Sabe, roubou as palavras da minha boca. — Brincou. — Além disso, não cheguei a te agradecer por me salvar a vida.

— O que ? Quando?

— Quando esse pirralho me lançou água benta. Saltou diante de mim e se molhou toda. Lembra?

— AH. Isso. Bem, já sabe. — Encolhi os ombros. — Não foi nada para mim. Sabia que não me faria mal. Além disso, não queria que acontecesse nada a esse rosto bonito. — Brinquei.

— É obvio que não. — Acariciou-me a bochecha e notei de novo como eram negros seus olhos. Encontrar seu olhar era como contemplar o céu de inverno.

Quando se apoiou em mim e me beijou o lábio inferior, segurei as lapelas e devolvi o beijo. Cheirava tão bem, seu particular e misterioso aroma. Eu, claro, cheirava a morangos esmagados. Bom, ele parecia gostar. Além disso, sua língua estava em minha boca e não me importava.

— Suponho que agora me jogasse. — Queixou, parando o beijo e beliscando ligeiramente minha garganta, mas não rompendo a pele. Me fez tremer e me apoiar nele.

– Pois, na verdade deveria. É algo podre de fazer.

– O que, coração?

– Certamente amanhã voltarei a ser mesquinha com você. É malvado deixar que fique esta noite.

Riu contra meu pescoço. Quase nunca ria, e quando o fazia sempre era surpreendente e um pouco divertido, como encontrar uma laranja amadurecida.

– Arriscarei. – Disse, e deu de ombros sob sua jaqueta.

Dei um passo para trás e o observei despir-se. Era assombroso, como rapidamente suas roupas saíam voando. Meu Deus, tinha um corpo genial. Sendo o filho de um agricultor, Sinclair tinha estado em excelente forma quando morreu. Seus ombros eram tão largos, que seus ternos deviam ser feitos sob medida, e seus braços estavam emoldurados por tensos músculos. Seu peito, ligeiramente coberto de cabelo negro, estreitava ao chegar à cintura e tinha umas largas e musculosas pernas. Além disso estava encantado de me ver.

– Isto não quer dizer nada, não é? – Perguntei, embora de repente fosse bastante difícil falar... minha língua parecia muito grossa para minha boca. – Não haverá outra pequena passagem no Livro dos mortos, que talvez você esqueceu de mencionar? Se fizermos sexo do novo, te faria, algo assim como, o super rei por todo o sempre?

– Não. – Me virou e desabotoou meu vestido. Acariciou com o nariz a parte de atrás de meu pescoço. – Não está ah ... fazendo planos para falar todo o tempo, não é?

Retrocedi. Meu vestido caiu a meus pés em um atoleiro de seda e vi como se dilatavam seus olhos apreciativamente, para variar, estava com um conjunto. Verde pálido, com borboletas monarca.

– O que supõe que *isso* significa?

– AH, nada. Bate-papo, amor. Serei todo ouvidos. – Riu de novo e me abraçou. Era muito interessante, pude sentir sua dura longitude pressionando contra a parte inferior de meu estômago, por isso decidi me esquecer de ficar preocupada. – AH, Elizabeth. Estou na verdade, autenticamente enganchado a você.

– Sim, já me dou conta. Bom, você também, eu gosto, Eric, quando não é uma merda.

– Em outras palavras, quando cedo a seus desejos. É uma boa base na qual apoiar uma relação de mil anos.

Pelo menos uma vez, aquele pensamento não me deixou completamente aterrorizada. E ele estava tão estranhamente alegre, eu gostava. Francamente,

nunca o tinha visto em um melhor estado de ânimo. O homem devia amar totalmente ter relações sexuais. — Simplesmente vamos dia a dia, tudo bem ?

— Como minha rainha ordenar. — Disse, me levantando nos braços, e me levando à cama. — Também gosto de suas mariposas. Mas acredito que deveriam estar no chão, Não pensa o mesmo?

E em um momento estava tirando-as

— Droga!

— Sim.

— Estou ofegando. Na verdade estou sem fôlego, e isso que não preciso respirar.

Sinclair falou, logo se aproximou do meu lado e pressionou um beijo rápido em meu seio.

— A arte vem de muitas maneiras.

— AH, então agora é um artista?

— Sim.

Bufei, mas não reclamei. Tinha estado faminto, e hábil, e muito, muito bem. É óbvio, tinha quase sessenta anos de experiência. Minha garganta ainda ardia onde ele tinha mordido, mas não lhe guardava rancor. Sabia que tinha sido incapaz de evitar.

Me perguntei se doía onde eu tinha mordido.

Estava ali, a seu lado, e tratei de pensar como lhe dizer meu pequeno e sujo segredo. Porque tinha acontecido de novo. Quando fizemos amor, pude ler sua mente. Mas sabia que ele não podia ler a minha. Tinha tentado lhe enviar pensamentos, mas com nenhuma reação. E não estava suficientemente preparada para pensar em uma maneira suave e pouco ameaçadora de lhe dizer.

Dizer: Sinclair, soube que quando temos relações sexuais, posso ler cada pensamento e cada desejo que tem? Isto não vai incomodar a alguém tão fortemente controlado como você, não é?

Passou.

— Está certo de que quer ficar esta noite? E se o titiritero tenta me atacar de novo?

— Deixe ele fazer um intento. — Disse Sinclair, nos cobrindo com a colcha. — Estive imaginando durante os últimos dias como lhe arrancar a cabeça.

— Sabe, a maioria das pessoas pensa em se casar, construir a casa de seus sonhos, ou sair de férias para algum lugar maravilhoso.

— Também penso nessas coisas. — Disse sério.

— AH, esta é a parte onde compartilhamos um bate-papo íntimo e nos apaixonamos? — Brinquei.

Pude sentir que ele estava me estudando na escuridão.

— Não. — Disse finalmente. — Durma.

Certo! Seria fácilímo, porque eu que não tinha uma tonelada de coisas em minha mente para me preocupar. Começando pela lembrança do excelente sexo que tínhamos tido recentemente. *Realmente* excelente.

Ainda podia sentir suas mãos em mim. Na verdade, suas mãos *estavam* em mim. Mas fazia alguns minutos, tinham estado em todas partes. E também tinha me beijado em todas partes. Tinha sido como um homem morto de fome em um restaurante Old Country Bufê.

E quero dizer *em todas partes*. Sinclair literalmente se instalou entre minhas pernas. Quando sua língua serpenteou dentro de mim, enlouqueci. Lambeu, beijou e chupou, e estava tão ocupada rogando que não se detivesse, que no princípio pensei que estava falando em voz alta.

— *Não a remova, não remova, não remova, não remova.*

— O que aconteceu? — Ofeguei.

— Nada. Fique tranquila. — Havia dito, e tinha dado um golpezinho em meus clitóris com sua língua.

— *...Não a remova, não a remova, não a remova, não o faça, não o faça...*

Agarrei seus ombros e o apertei até que seu peito se colocou contra o meu.

— Isso é muito agradável. — Disse. — Agora vai me foder?

Esperei uma resposta sarcástica ou uma de suas respostas enfadonhas do tipo "como minha rainha ordenar ", mas em vez disso, separou ainda mais minhas pernas com seus joelhos e entrou em mim. Quase pude o sentir na parte de trás de minha garganta, era realmente grande, e me fez sentir estupendamente.

— *...não a remova, não a remova, não a remova, não a remova, não o faça...*

Envolvi minhas pernas envolta de sua cintura aproximando-o mais, enquanto ele me acariciava, e pressionava seu rosto em meu pescoço. Os músculos de seus ombros estavam rígidos pela tensão, pareciam rocha sob meus dedos.

Então lhe mordi. Ele se esticou entre meus braços e seu corpo se estremeceu, seu sangue fresco e rico alagou minha boca, e a sensação de tirar dele enquanto ele tirava de mim me levou ao orgasmo.

Logo que senti seus dentes romper minha pele, estremei a seu redor e me percebia o ruidoso gemido que saiu de mim.

Balançamos juntos tão ferozmente, que minha gigantesca e pesada cama realmente se movia, a cabeceira golpeava a parede e imaginei que a casa provavelmente também vibraria. Ao menos, deveria ser assim. Pensei que o

universo deveria estar sendo afetado pelo que estávamos fazendo. Não fomos simplesmente duas pessoas normais tendo relações sexuais. Pela primeira vez, tive um sentido real do que somos. O rei e a rainha dos mortos faziam o amor tão ferozmente, que caíam partes da parede.

Elizabeth!

— Eric! — Pude dizer.

Ele empurrou de novo, mais duro que antes, a cabeceira deu um último golpe. Me abraçou mais forte, até que chegou a ser doloroso, e lambeu a marca da dentada em meu pescoço, enquanto eu ofegava sem fôlego.

— Jesus!

— Já te pedi antes que não me chamasse assim.— Disse, e ambos desmoronamos exaustos.

Sim, realmente tinha acontecido algo. A pergunta era, agora podia ler a mente de qualquer um que fivesse sexo, ou somente com Eric? E quanto tempo mais deveria manter em segredo?

Ouvi um *estalo* e me sobressaltei, Sinclair tinha estalado os dedos diante de meu rosto.

— Está aí? estive te chamando durante os últimos dez segundos.

— Sinto muito. Estava pensando. E não faça isso, sabe que odeio.

— Em que estava pensando?

— De fato, no como é maravilhoso na cama. — Bem, em sua maior parte era a verdade. — Odeio dizer algo que faça que seu ego, fique ainda maior, mas é assim!

— Obrigado. — disse cortesmente, mas o senti contente. — É obvio, tira o melhor de mim. Seu corpo é uma festa.

— Bem, estou tentando decidir. Sério, é o melhor que tive.

— AH? Entre, digamos, quantos?

— Nem pense amigo. Não estamos fazendo isso.

Bocejou e me colocou a seu lado.

— Por que não?

— Porque ganharia. Você vem fazendo sexo a mais tempo que eu.

— É verdade. Mas sou curioso no que se refere a seus outros convidados de cama.

— Só vou dizer que os poderia contar com uma mão e deixe as coisas assim.

— Na verdade, três dedos. Mas isso não era assunto dele.

— Quase virgem. — Refletiu ele.

— AH, fique quieto. Escute, há mais luz ou simplesmente *mmmmmm*

Foi a última coisa que lembro é Eric rendo-se enquanto eu me afundava na inconsciência. As estúpidas saídas do sol!

Capítulo 23

Abri os olhos e não me alegrou nada encontrar o Marc me observando. Olhava-me com a boca aberta. E provavelmente, e o Sinclair, quem algum momento, tinha retirado as cobertas.

— O que aconteceu? — Recostei-me sobre Sinclair, agarrei a colcha, e a estendi sobre nós. — Espero que haja algum fogo, camarada.

— Huh? AH. Uh... sinto, a razão pela que subi fugiu completamente de minha cabeça diante da visão de sua celulite.

— Não tenho. — Respondi bruscamente.

— Nem eu. — Disse Sinclair. — Boa noite.

Então entrou Jessica. Desacelerou quando viu Sinclair do meu lado, então fingiu que não acabava de se assustar como uma merda e caminhou energicamente para Marc.

— Vai lhe dar o telefone ou o que? É seu chefe. — Adicionou para mim. — Parece zangado.

Agarrei o telefone, o qual não foi fácil porque Marc ainda me olhava fixamente, e tive que lutar e tentar permanecer modestamente coberta.

— Diga? Sr. Mason?

— Elizabeth. supõe-se que estaria aqui faz uma hora.

Caralho! Que dia era? Que horas eram? Espera um minuto...

— Sr. Mason, troquei o turno desta noite com a Renée. Ela ia me cobrir.

— Sim? Pois a Renée tampouco veio.

Bem, caramba, pois vá gritar com *ela*.

— Sr. Mason, não é problema meu esta noite.

— Com o horário que eu tenho sim.

— Sim, mas... trocamos os turnos!

— Já vejo. Acredita que poderia vir durante um par de horas, pois a Renée parece ter esquecido seu... acerto?

— Tudo bem. — Falei rapidamente. Certamente isto ia me causar um grave prejuízo. — Estarei aí em uma hora.

— Adeus, Elizabeth.

— Merda! — Falei quando pendurei o telefone. -- Pensa que minto para me cobrir o traseiro.

— E que traseiro. — Disse admirativamente Sinclair .

— Deixa disso. Maldição, agora tenho que ir e ser super agradável e dar um chute no traseiro da Renée quando a vir.

— Ao mesmo tempo?

— Maldição!

— Fez muito pelo Mason. — declarou Jessica.

— Doçura, não fui uma empregada muito boa ultimamente, devido a meu ...

— Vida secreta de vampiro?

— Pois... sim.

— Prostituta. — Pigarreou Marc em seu punho.

— Não sou! No passado só tive sexo duas vezes... Em que ano estamos?

Sinclair riu.

— Vá, — Ordenei. — Tenho que tomar banho e me preparar para ir ao trabalho.

— Os Blade Warriors estão aqui. — Disse Jessica. — Bom, um deles.

Esfreguei as têmporas.

— É Jon, não é?

— O Jon que deveria estar em uma praia com o Gidget e seus amigos, sim.

Sinclair grunhiu. Um autêntico grunhido, como o de um lobo ou algo pelo estilo!

— O mande embora. — ordenou.

— Se acalme, AH... rei das pessoas mortas, — disse Jessica, sorrindo bobamente. — Insiste em falar com a Bets.

— Não poderia me importar menos. Mande-o embora.

— Deixe de dar ordens a meus amigos! — Apoiei o queixo sobre meu punho.

— Maluco. Bem, agora não posso falar com ele, tenho que ir trabalhar. Não morreu ninguém, não é ?

— Ainda não.

— Esse é um bom ponto. — Resmunguei, me levantando. O que importava? Jessica tinha me visto milhões de vezes nua, e Marc estava bem mais interessado em ver Sinclair. — Bem. Os verei mais tarde crianças.

— AH, vamos, — choramingou Marc. — Queremos saber o que aconteceu ontem à noite. Especialmente, por que a Tina desceu com um vampiro morto. E por que você não despertou sozinha.

— Mais tarde. — Falei firmemente, e entrei no banheiro.

Estava enxaguando cabelo, quando escutei abrirem a cortina da ducha.

— Espero que seja qualquer um, menos Eric Sinclair. — Disse sem abrir os olhos.

— Preferia que fosse Marc? Ou possivelmente Jon?

— Ugh, e outra vez... uf. — Terminei de enxaguar meus cabelos e abri os olhos. Era Eric esplendidamente nu (ainda!), estava diante de mim com as mãos nos quadris, sorrindo. — É simplesmente um menino com um amor.

— Não parece se surpreender.

— Por alguma estranha razão... — admiti — Pareço gostar dos jovens.

— Não posso imaginar porque — Disse, me beliscando brandamente o mamilo.

Bati em sua mão.

— O que deixou de tão bom humor? Esse é o segundo sorriso desta manhã. Quero dizer, da noite.

— AH, acredito que simplesmente é que sou um ser noturno. — Atraiu-me e esfregou seu peito contra o meu. — Já vejo que tem mais desse xampu de morangos.

Tratei de esquivar, mas estava muito escorregadia. Era como uma truta viva. Não pude escapar!

— Pare com isso. Não tenho tempo para suas travessuras. Já vou tarde. — Mas hoo, que homem, Era uma tentação! Não. Não podia. Meu trabalho no Heaven dependia *de não* me pôr a suar agora com o Eric. Maldição! — Hei eu disse que vou trabalhar? Porque vou.

— Desmancha prazeres. — Disse, mas me soltou. — Por que insiste em correr para esse buraco ?

— Não comece.

— Você para. — disse, tendo o descaramento parecer ferido.

Lancei o sabão, apanhando-o no ar.

— Asseguro que não. Faz espuma, menino grande, e logo demonstra que pode ser digno de confiança.

— Você pode fazer que lavar-se soe tão... sujo.

Ri apesar de mim mesma.

— Não comece! — Eu disse.

— Escuto e obedeço. — Respondeu, e logo apertou minha garrafa de xampu, *quando* a tinha pego? O gel de morango se espalhou por todo meu seio.

Amaldiçoei, e me coloquei de novo sob a ducha para me enxaguar. Logo ficamos sem água quente , o estúpido e velho aquecedor! E ambos começamos a amaldiçoar.

Desci pelas escadas de atrás, era a forma mais rápida de ir do meu quarto até a parte atrás da cozinha, quando ouvi como Jon se queixava.

— Mas *gosto*. Noto! — Eu congelei.

Comecei a retroceder lentamente. Tomaria a outra escada e voltaria pelo o caminho principal, mas as palavras da Jessica me congelaram no lugar.

— Jon, ela não só é um vampiro. Embora isso seria por si só suficientemente problemático, não concorda? Você e seu pequeno grupo de encapuzados e presumidos intelectuais matam vampiros.

— Só os maus. — disse. — Votamos. Sinclair, Tina, Betsy e Monique estão proibidos. Estávamos tentando decidir o que fazer com a Sarah quando... bem, quando fizeram o que fizeram com ela. Mas se pegarmos um vampiro tentando ferir ou matar um humano, será estacado.

— Economize suas retorcidas maquinações. E deveria contar esse plano para Sinclair.

— Não é meu chefe!

— Tudo bem, tudo bem, não vá ter um enfarto. O que quero dizer é que Betsy não é simplesmente *um* vampiro, é a *rainha* dos vampiros.

— Sim? Mas não gosta desse trabalho. E pelo que sei, foi um acidente que resultou sendo a rainha. Deixaria se-

— Sim, mas não pode.

— Se quisesse a ...

— Não, de verdade, não pode. Os vampiros têm esse livro, que é como a Bíblia dos vampiros, por isso emprestam muita atenção, com todas suas leis e suas profecias e coisas assim, e segundo o livro, Betsy é a rainha e Eric Sinclair é o rei.

— E? — agora estava mal-humorado, não pude culpá-lo. Jess não estava lhe dizendo nada que queria ouvir.

Ouvi como trocava de posição o apoio de seu corpo e quase sorri abertamente. Estava perdendo a paciência, e tentava não perder os estribos também.

— É como se estivessem casados. Aos olhos da lei dos vampiros, *estão* casados. Não só sente luxúria por uma vampira, sente desejos por uma vampira casada.

— E?

— Não seja tão idiota. Têm que dirigir um reino, Jon, e em caso de que não tenha se dado conta, o rei está louco por ela. Te cortará a cabeça se tentar algo. E não é como se Betsy tivesse te animado. Não é?

Silêncio ressentido.

– Além disso... pensa...talvez... também o ame.

– Não.

Quase caí pelas escadas. Maldição, não!

– AH, é o segredo mais guardado no mundo. Até para ela mesma! Mas opino que deveria se esquecer dela, vai seguir te rechaçando. Ou, Eric vai arrancar sua cabeça. Assim é que estamos em uma situação de perder ou perder, não é ?

– Ainda assim penso em convidá-la para sair.

Ouvi um whoosh quando Jessica elevou os braços.

– Estupendo, fica sem cabeça, como se me importasse.

– Se ela disser que não, é que não. Mas perguntarei de todo modo.

Genial. Bem, me ocuparia disso quando acontecesse. Por isso respeitei esse mesmo momento, as escadas dianteiras me esperavam. E também o Macy's!

Na verdade ri ao sair pelo caminho principal, não pude evitar. A idéia era muita absurda. Eu, apaixonada pelo Eric Sinclair? E *ele* apaixonado por *mim*? Isso era até mais tolo.

Eles estavam loucos. Eu sabia. Ele sabia. Todos sabíamos. A única razão que ele gostava de me ter perto era porque eu era a rainha. Além disso, não tínhamos nada em comum. Ab-so-lu-ta-mente nada. Era o suficientemente bobo que nós estivéssemos destinados a reinar juntos durante, ao menos, um milhão de anos. Devia estar tão preocupado com isso como eu.

Meu celular zumbiu. *Boop-boop-boo-BOOP-BOOP-boop bip boop boop!* O estúpido tema "Funkytown", tinha que trocá-lo. Tirei da minha bolsa.

– Diga?

– Como sempre... – anunciou Jessica. – Deixou uma enorme desordem que devo limpar.

– Sinto muito, mas tenho que ir trabalhar.

– E *o que* tem feito para Sinclair? Cantarola! Lavou os pratos! 'É o mínimo que posso fazer para pagar meu alojamento' disse, e logo usou sua magia vampírica com a empregada para que dormisse. Deveria ter visto o tipo com luvas de borracha.

Caí na risada.

– Você esta inventando.

– Quem poderia inventar um pouco parecido? E não parece que queira ir. Normalmente some logo que você que saí. Esta noite não. Continuo tropeçando com ele. É horripilante, mas interessante.

– Sim? Quem está aí?

— Todo mundo. Jon, Ani, o Padre Markus, Tina. AH, me esquecia da melhor parte! Depois de lavar os pratos e ordenar os livros de sua estante - agora todos os títulos estão direito.

— Maldito!

— Se encontrou com o Jon, que por certo, vai fazer isso acontecer muito *mau*, para sua informação.

— Ouvi.

— De qualquer maneira, acreditei que iriam grunhir e golpeariam seus peitos como fazem os gorilas no canal Nature, mas Sinclair se limitou a sorrir e lhe a cumprimentar com a cabeça. Cumprimentou com a cabeça! Que bom que escondi a mola de suspensão do Jon no congelador ou certamente teríamos tido problemas.

— Isso é estranho. — admiti.

— Estranho, uma merda. É extravagante e inaudito, isso é o que é. Você deve ter derretido seus miolos.

— Jessica! — Então ri dissimuladamente. — Concordo, ... talvez eu tenha feito.

— O que aconteceu, cresceu um seio adicional ou algo parecido? E não pense que não notei as enormes partes de teto que caíram em seu quarto. Só digo isso, nunca vi ele tão contente.

Virei para evitar bater em um BMW vermelho, eu odiava esses motoristas 'tenho a luz amarela, assim tenho direito a passar'.

— Olhe, tivemos uma noite bonita, OK? Uma noite muito bonita. Estava triste pelo que a Ant, falou, já sabe, e por ter que estacar a Sarah.

— *Você a matou?*

— E por todas as coisas que ultimamente vão mau, e ele, já sabe. Me fez sentir melhor.

Pude sentir a Jessica me olhando através do telefone.

— Sentir melhor....sei!

— AH, chega!!

— Tudo bem, cuidado com Jon. Está determinado a perguntar se quer mover os pés com ele, ou o que os meninos de sua idade fazem para se divertir.

— Mover os pés? Droga.

— Deveria ter permanecido morta. — Aconselhou Jessica. — Como uma pessoa normal.

— AH, cale a boca.

— Se evapore, e não diga que não avisei. — Disse ela, então desligou o telefone para poder dizer a última palavra. Imbecil.

Capítulo 24

— Estou *despedida*?

— Vamos ter que deixá-la ir. — Explicou o Sr. Mason. — Quando está aqui, Elizabeth, faz muito bem seu trabalho, mas ultimamente você se tornou pouco confiável.

— Mas... mas — Mas não posso evitar. Mas sou a rainha dos não mortos, e as rainhas não são despedidas! Mas estive realmente ocupada tentando não ser assassinada! Mas os novos Pradas chegam na próxima semana e preciso desesperadamente de meu desconto de empregada! Mas nunca fui despedida por alguém que usa um pulôver até o pescoço em julho! — Mas... Mas.

— Além disso, Não tem assuntos mais importantes para fazer? — Adicionou amavelmente. -- Tem que apanhar um assassino, e um marido para se satisfazer.

— Sim, é certo, mas ...o que?

— Não deveria estar aqui, Majestade. Todo mundo parece entender isso exceto você.

Olhei para ele boquiaberta. Comecei a falar, mas não pude, fique com a boca aberta. Tentei falar de novo. Sem sorte. Tinha ficado muda pelo choque, como Charlize Theron quando ganhou o Oscar de Melhor Atriz.

Abriu a única pasta de cor manila de seu imaculado escritório, e retirou um cheque que estava grampeado a uma folha de papel azul. O documento da quitação. Argh!

— Aqui tem seu último cheque. Desejo-lhe boa sorte e que pegue o assassino.

— Sr. Mason!

— AH, não sou um vampiro. — Disse, lendo corretamente meus surpreendidos olhos e minha mandíbula aberta. - Sou um doador.

- É o que?

— Sou uma ovelha. — Esclareceu. Retirou um pouco o pescoço de seu pulôver de cachemira, despindo a garganta. Não havia uma mordida, mas sim uma contusão bastante boa. — No princípio, quando veio aqui, pensei que era uma

prova. Ou uma piada. Então, me dei conta de que era sério. Que na verdade queria trabalhar aqui. Não podia imaginar por que. No final me dei conta de que devo despedi-la para seu próprio bem.

— Toneladas de obrigada. — Falei, começando a me recuperar da surpresa.

— Santo Deus, por que não me disse isso muito antes?

Ele tossiu em seu punho.

— Supus que você seria...er... perspicaz... pensei que saberia o que sou.

Tirei-lhe o cheque e me levantei.

— Bem, equivocou-se comigo, senhor! — Espera um momento. AH, não importa. — Isto é perfeito. O broche de ouro para uma semana perfeita.

Ele estendeu suas mãos desculpando-se.

— Desculpe-me. E eu não recomendaria você tentar me hipnotizar para me obrigar a contratá-la de novo. Depois de tudo, agora sou imune a todos, exceto a meu amo.

— Mas... mas se me conhecer, deve conhecer Eric Sinclair.

— Sua Majestade o Rei. — Disse cuidadosamente Mason. — É um vampiro muito poderoso. Tem toda a razão, não poderia resistir a ser seu escravo.

— Escravo? Converter-se em seu escravo? Não sei de que diabos você está falando, mas vou antes de que eu arranque a sua cabeça e a use como bola de futebol.

— E eu aprecio. Na verdade é para seu bem, sabe. — Disse enquanto saía zangada. Fiz um gesto grosseiro que provavelmente uma rainha não faria. Entretanto me fez sentir muito bem.

Caminhei afligida para meu carro, que estava estacionado na Georgia. Estúpido e gigantesco estacionamento do centro comercial. Que semana tão péssima. Não podia imaginar que ficasse pior. Embora, suponho que poderiam me decapitar. Isso seria pior. Pensando melhor, meus problemas acabariam.

Apoiei a testa sobre o teto de meu carro. A oficina tinha feito um bom trabalho arrumando os buracos das balas e das flechas. E corria como um sonho. O ruim era que não tinha a energia suficiente para tirar as chaves e entrar. Provavelmente atropelaria alguma criança à caminho de casa, ou teria que intervir em outra briga injusta entre vampiros e humanos. Algo aconteceria. Algo ruim, com certeza.

Ouvi quando um carro se detinha atrás de mim, mas não me virei. Que novo inferno seria? Provavelmente Ant, carregada com crucifixos e comida de bebê.

— Majestade?

Me virei, era Monique. Tinha aberto a porta do carro, um Alpendre negro e lustroso, estava meio dentro, meio fora dele. Parecia gratificadamente preocupada, o que me elevou um pouco e animou.

– O que esta acontecendo, minha Rainha?

– Tudo!

Ela se retraiu, um pouco assustada.

Comecei a golpear a cabeça contra o teto do carro. Não doeu nada.

– Cada singela coisa deste mundo, *que seja* má.

– Majestade, está amassando o teto do carro. – Comentou.

– AH, a quem importa? Explicaria em detalhe meus grotescos e numerosos problemas, mas então você, provavelmente começaria a chorar, e seria realmente embaraçoso.

– Estou disposta a correr o risco. Por que não deixa aqui seu carro e vêm comigo? Podemos tomar algo e você pode dizer a quem quer que eu mate.

– Não brinque... – Suspirei. – E essa é a melhor oferta que tive em todo o dia. Concordo.

Abandonei meu carro sem pensar e entrei no Porsche de Monique.

– Façamos um livro.

Capítulo 25

– Parece bastante ruim. – Admitiu Monique quando finalmente contei tudo. Trocou uma marcha inferior por causa de um semáforo amarelo, o que mostrou as bonitas pernas que tinha. A minissaia negra, os sapatos negros, a blusa branca com punhos de encaixe. Sugestiva, mas muito moderna.

– Mas ao menos o rei está definitivamente em seu canto.

– Há! Definitivamente dentro de minhas calças, para melhor dizer.

– *Ah hum*. Sim... como é?

– Urg.....

– Quero dizer... Que tal são suas habilidades entre as cobertas?

– Tenho que admitir... – confessei – ... que nunca o ouvi se expressar assim. E sim. São mais que adequadas. Vamos, está realmente bem. Whoo! Começo a suar somente por pensar. Ainda suo.

— Me conte!

Contar a uma desconhecida? Embora fosse agradável? Não, obrigada.

— Mas não significa nada para ele. Na verdade, gosto do sexo. Deveria ter visto o que eu fiz a primeira vez que fui a sua casa!

— Parece... — Disse Monique cuidadosamente. — ...ser um marido aceitável.

— Com certeza, se não se importa ser manipulado. E ter que transigir. E ser abraçada quando está preocupada. E que façam amor até que lhe encolham os dedos dos pés. Y-uh-uh-olha falemos de outra coisa.

— Como desejar. — Virou bruscamente as rodas quando dobrou para entrar na Sétima Avenida, colocou o carro literalmente sobre duas rodas! Se deteve na entrada de um antigo edifício com um frenazo em seco. Pensei que era um edifício de apartamentos, mas as portas estavam abertas e havia uma fila de pessoas esperando na calçada. O pôster de néon vermelho situado sobre as portas sublinhava as letras Scratch.

- AH, Uma discoteca? — Perguntei, ficando de bom humor. — Eu gosto de dançar.

— Este é meu clube. Desejava lhe mostrar.

— AH, Sim? — Bem, isso explica a roupa de qualidade. E o Porsche. — Acreditei que não fosse daqui.

— Tenho propriedades por todo o país. É assombroso o que se pode fazer quando dispõe de sessenta anos para fazê-lo.

— Bom ponto. — Falei, quando um porteiro abriu a porta. Estava usando calça negra, sapatilhas sem meias três-quartos, e uma camisa branca com uma inscrição em verde: Crave suas próprias presas. Muito bonito. Sorriu quando fechou a porta e outro porteiro levou o carro de Monique. — Então, isto é um clube de vampiros?

— Em sua maior parte. Venha, Majestade, vamos conseguir uma bebida.

— Parece bom. — Passamos junto à multidão que esperava e a segui como uma ovelha ao matadouro. Hmm. Eu a seguia, e certamente não me opunha, então Porque esse dito melodramático de repente me deu calafrios?

E por que, quando entramos, todo mundo deixou de dançar? E por que nos observaram todos?

— Sabe... — disse Monique, virando-se para mim. — ... na verdade não o merece.

— A quem? — Sussurrei. Ovelhas ao matadouro? Onde tinha ouvido isso antes? Do Sr. Mason, é obvio. Disse que ele era um doador. Uma ovelha. E onde tinha ouvido esse repulsivo término antes que do Mason? De Monique, na noite que Tina e ela foram atacadas. Ela havia dito que era muito mais fácil quando

mantém ovelhas, em lugar de caçar todo o tempo. E Tina e Sinclair tinham deixado passar, e não tinham quizeram explicar isso. Agora era muito tarde. Muito ruim para mim. — A quem não mereço? - Mas tinha o horrível pressentimento de que sabia de quem falava.

— Do rei, é obvio.

— Sim, é obvio. Uh... Não incitaria ao Sr. Mason para que me despedisse ou algo disso, verdade?

Simplesmente me olhou.

— Sim. É obvio que o fez. Mentiu que Renée não tinha ido trabalhar, assim pôde me despedir e me fez sair do edifício. E logo... uh... se informou, assim soube onde eu estaria, e agora nos encontramos aqui. Em sua zona.

— Sabia que foi estúpida. — Suspirou, quando várias mãos me agarraram por trás. — Mas não pensei que fosse idiota.

— Qual é a diferença? — Gritei quando me arrastaram ao centro da pista de baile. Infelizmente, não acreditei que fora porque queriam dançar a Lambada comigo. — E quem é uma idiota? Entendi de verdade? Ouça! Já chega! Me soltem rasteiros. Monique, Que diabos...?

Monique desapareceu atrás da barra, e reapareceu com uma horrível estaca, tão larga como meu antebraço.

— Pensei que estava mesclando um daiquiri.

— Aqui tem a pista. — Disse, como se estivesse explicando para um estudante torpe, o que me ofendeu como o inferno. — Para que diga algo tão óbvio como, 'é a assassina'.

— Ok, você é! Não posso acreditar nisso! O *único* vampiro que conheço, que me cai bem, e anda por aí matando vampiros! — Ainda havia ao menos dez mãos me agarrando e me seguravam firmemente. Onde estava Sinclair quando precisava dele de verdade?

— Sim. — disse ela, parecendo aborrecida. Droga, era uma lástima não poder captar sua total atenção. Zangava-me tanto, que tinha vontade de morder. — Tinha esta idéia demente de que poderia ser difícil me desfazer de você. Assim quis que os Warriors praticassem. Então... *então*... — adicionou, franzindo os lábios, e pela primeira vez parecendo verdadeiramente furiosa. — Aquele idiota, esse idiota, esse atrasado mental, Jon, caiu sob seu feitiço. E já não matou mais para mim. E também persuadiu os outros para que o deixassem.

Dei de ombros modestamente. Não era minha culpa ter uma malvada atração sexual.

— Que pena, vaca. Vai me soltar de uma vez? — Atirei bruscamente, mas atirei em vão. Eram de borracha, ou o que? — E fez a você mesma cair em uma armadilha e ser atacada, para não ser suspeita.

Ela bocejou. — Mmm-hmm.

E funciono, muito bem, maldição. Nunca tinha suspeitado de Monique, nem por um segundo. Estava muito ocupada vigiando a Sarah, que valia vinte vezes mais que esta cadela traidora. Pensar que a tinha estacado e em troca tinha decidido ir de festa com a Monique. Meu Deus, algumas vezes era muito estúpida para continuar vivendo. Entretanto, não pareceu que isto fosse continuar sendo um problema.

— Bem, pois agora vai ser. Suponho. Sim! É um grande problema, Monique.

— Logo que consiga me soltar destes RubberMaid não mortos. — Em qualquer momento vou a...uh...

— Então, te matarei. — Terminou, animando-se. — e Sinclair precisará de uma nova esposa, é obvio que a Tina não pode ser, são como irmãos, Notou? Sarah está morta, e não há muitos de nós que sejam convenientes, já sabe.

— De modo que lençóis, huh?

— Isso me deixa .

— Mas não somos milhares?

— Posso te assegurar que, Eric Sinclair encontrará a eleição mais aceitável.

— E o fato de que agora mesmo tenha uma esposa... — falei secamente — ... não é um impedimento, ou algo assim?

— Impedimento! Estou assombrada de que não precise uma professora para te ensinar a usar essa palavra.

— Ouça, ouça! Me atacar é uma coisa, mas cuidado com os insultos.

Caminhou majestosamente para mim, com a estaca na mão. Me dava morbidamente conta de que tínhamos bastante audiência. Além dos vampiros que me seguravam com sombria determinação, havia ao menos outros vinte mais na pista de baile nos contemplando. Ninguém me ajudaria, pensei. Eram partidários de Monique. Ou não pensavam que eu fosse na verdade sua rainha. De uma ou outra maneira, era o mesmo. Bom, ao menos ela ainda falava, embora agitasse essa estaca como a batuta de um diretor. O clássico engano ruim dos filmes do James Bond. Esperei.

— Desperdício de recursos.

— O que? - Não escutava.

Ela apertou os dentes.

— Falei que estou consternada pelo desperdício de vampiros e de recursos. Deveria ter atacado eu no momento em que cheguei à cidade. Não tinha nem idéia de que seria tão fácil.

— Ouça! O que falei sobre os insultos?

— Pensar que pagava os Blade Warriors para que praticassem e afinassem suas habilidades, para abrir caminho *até* você . Que disparate! Na verdade não matou o Nostro, não é verdade?

— O que? — A abrupta mudança de tema me pegou de surpresa. — É por isso que você pensou que seria tão difícil de matar?

Me dirigiu um depreciativo, olhar de 'é obvio'.

— De fato, *matei-lhe*, a isso cheguei. — AH destino, como o pequeno George Washington, não pude dizer uma mentira. — Bom, mais ou menos. Mande os Demônios contra ele, e o comeram. — Os Demônios! O que não daria de ver suas monstruosas caras agora mesmo. — Mas escuta, Monique. Não tem por que me estacar para atrair o Sinclair. Pode tê-lo.

— De certo.

— Não, é verdade! — Não podia acreditar nisso. Primeiro me persuadiu com enganos para que caíssemos. Então me inteirei de que seria sua pequena mulher não morta durante mil anos. Depois me enganou para que nos derrubássemos outra vez. Bom, mais ou menos. Agora esta cadela louca ia me matar para poder o ter para si mesma! Oooh, se sobrevivesse a isto, ia acordar, não iria mais querer saber de mim.

Varíola para você, Eric Sinclair!

— Sério. Não o quero, nunca o quis. — Concorde, esta última parte era uma pequena mentira. O que quero dizer é que eu *quis querer ele*, já sabe, como quer um suculento bife, mas não quis estar casada com ele, não sem que ao menos me pedisse isso. O que nunca fez. Nem sequer uma vez. É tão difícil me pedir isso? Uma proposta de casamento? Não acredito que seja assim. Não é que alguém me peça opinião. Ah, Deus proíba, que alguém pergunte minha opinião!

... — esta consagrado a você.

— O que?

— Prestará atenção? Em caso de não dar conta de você , estará em uma situação difícil.

— Sim, sim. estive ali antes. Olhe, podemos resolver isto. Estou segura, vaca louca empenhada em minha destruição. Por que não podemos chegar a um acordo? Vamos, se meus pais puderam arrumar suas coisas, qualquer um pode fazer. Você pode ter o Sinclair as segundas-feiras, quarta-feira, e sexta-feira, e eu ...

Ela se equilibrou com um grito de frustração, admitirei que tenho esse efeito nas pessoas, e enterrou a estaca em meu peito. Doeu como uma filha de cadela. E logo morri. Outra vez.

Capítulo 26

Dos papéis privados do Padre Markus, Cura Pároco, Igreja St. Pious , rua 7 129 E , Minneapolis, Minnesota.

Muito tarde! Suspeito que por isso fomos tão lentos em reagir. Não parecia real, que não tivéssemos chegado a tempo para salvar a situação. As crianças especialmente, não têm experiência real no fracasso. A cavalaria sempre chega a tempo, pelo menos nos filmes.

Jon tinha seguido a Betsy por toda a cidade, menino tolo, todos tínhamos advertido de que não tivesse esperanças, e algo no clube o alertou. Possivelmente todos esses vampiros esperando fora, que foram correndo sem nenhuma razão aparente. Talvez sentiram que algo trocava no ar. Agora não tem importância.

O importante foi que Jon nos chamou quando se aproximou do Scratch. Não passou muito tempo, antes de que chegassemos, poucos quilômetros. Em pouco tempo, mas claro , foi muito tarde.

Quando a mulher que tinha estado atirando de nossas cordas matou a Betsy, foi como se toda a luz desaparecesse da sala. Exatamente assim. Ficamos tão impressionados, que ninguém se moveu.

E Betsy estava imóvel, muito imóvel. Parecia ridículo que aqueles olhos verdes nunca mais pudessem voltar a lançar fogo, que seus vermelhos lábios nunca mais pudessem voltar a dizer *idiota* ou *toló exímio*.

Então Eric Sinclair, uma criatura tão formidável e aterradora como nenhuma que eu tenha encontrado em meus largos dias, simplesmente se fez pedaços. Teria sido comovedor se não tivesse estado tão terrivelmente, terrivelmente triste.

A tomou em seus braços e afundou no chão. Seu casaco ondulou ao redor deles à medida que caíram. Sussurrou seu nome, muitas vezes, e acariciou seu rosto com dedos trementes, nos bloqueando a visão.

Nossa anterior benfeitora, Monique, tentou explicar-se. Ela podia cheirar a morte no ar... a dela... assim como a da Rainha. Estávamos todos de pé, ajuizando-a silenciosamente, mas deve ter adivinhado que isto não duraria. Que logo

entraríamos em ação. Tínhamos a achado, suas verdadeiras cores se revelaram no pior momento possível, e o sabia como nós sabíamos.

Foi pelo motivo mais habitual e repetido: explicou que tinha cobiçado o Eric, que, pela lei dos vampiros, pertencia a Betsy. Assim Monique tinha criado aos Blade Warriors para desfazer-se da Betsy.

Estava sem juízo? Me perguntei chocado. Ou simplesmente se tornou louca? Tantos anos desfrutando dos humanos, tinham corrompido sua consciência a tal ponto, que contratar algumas crianças para matar, a sua gente, tinha parecido um bom plano? Não sabia. E no momento, francamente, não me importava.

Mas ela podia ter estado falando com uma rocha. Apesar de suas súplicas por chamar sua atenção, Eric Sinclair se limitava a balançar a Betsy em seus braços e não elevava a vista nem falava com ela.

Tina, entretanto, não ficou bloqueada. Estava tão zangada e chocada como qualquer um de nós, mas não ficou congelada pela situação. Durante muito tempo estive fascinado, como é distinta a imagem exterior dos vampiros, a suas verdadeiras personalidades. Tina sempre tinha me parecido uma encantadora garota de algum clube feminino de estudantes.

Esta noite não.

Ficou a cargo da situação, e em poucos minutos, uma cruel e furiosa briga se produziu a nosso redor. Segurei o Marc e a Jessica atrás de mim, estavam muito aturdidos para lutar, e sustentei minha cruz, mas não tomei parte da briga. Pude ver como vários seguidores de Monique escapavam pela parte de trás, evitando completamente a briga. Preparados eles. Porque quando o Sr. Sinclair recuperasse seus sentidos, este não seria um bom dia para estar do lado de Monique.

Sendo humano, é obvio, não pude vislumbrar a maior parte da briga. Fisicamente era impossível. Havia brilhos de prata ou um impreciso punho, logo a cabeça de um vampiro que girava sobre o chão, ou um corpo que voava pelo ar. E os meninos, como sempre, comportaram-se bem.

Ao final, só ficou Monique, e Jon, que tinha lágrimas nos olhos, agarrou sua faca e se dirigiu para ela. Ignorou-nos, ignorou tudo. Balanço para trás, e o ouvi dizer, 'Isto é por Betsy, porra!' só para ser detido em metade do movimento por uma brusca Tina. — Contente.

Moveu-se com aquela misteriosa rapidez desumana, e sustentava uma espada contra nosso comum inimigo, de fato, a espada de Ani, e levantava um braço para impedir que Jon se aproximasse mais.

Monique tinha retrocedido até um canto, e Tina, apesar de seu frágil aspecto, resultava formidável. Ani a respaldava, mas pareceu inteiramente desnecessário.

— Deixaremos que o rei dite seu destino. — Disse Tina, e isso foi tudo. Até Jon, que estava triste, não pôde discutir essa ordem.

Notei que a maior parte dos seguidores de Monique partiram, quando chegou Eric Sinclair. Tinha sentido, embora fora injusto e cruel para a estimada Betsy. Porque se ela não tinha parecido especialmente real ou nobre, embora fosse, se um tivesse a presteza de *vê-la* realmente, nunca tinha havido nenhuma dúvida sobre o direito do Eric para ocupar o trono. E ninguém tinha querido se entremeter com o vampiro mais capitalista do planeta. Especialmente quando acabava de perder seu consorte, devido à perversidade e a traição.

Os últimos vampiros de Monique escaparam, e os deixamos ir. Tínhamos sido tristemente excedidos em número, e fomos bastante conscientes de nossa grande sorte.

Enquanto Tina mantinha olho em Monique, o resto de nos encurvamos ao redor de Betsy. Não havia sangue e, como escrevi antes, não nos pareceu completamente real. Ela não parecia uma mulher morta. As histórias estavam ruins. Os filmes estavam ruins. Não era um montão de pó, não era uma múmia murcha. Seus olhos estavam fechados, embora tivesse essa ruga vertical em metade da testa, que assinalava que estava zangada. Parecia como se seus olhos pudessem abrir de um momento para outro e pudesse exigir seu chá com nata e extra de açúcar.

Depois de um comprido momento, Marc, sempre o médico prático, perguntou o que deveríamos fazer. Jon não respondeu, e Tina simplesmente negou com a cabeça. Monique tentou falar, e se deteve quando a espada pressionou sua garganta.

Por isso respeitou ao resto de nós, sabíamos que não havia esperanças. Os vampiros não retornavam depois de serem estacados com madeira. Era impossível, até essas formidáveis criaturas da noite tinham que obedecer suas próprias regras. Mas nenhum de nós tinha o coração para deixar que Marc e Jessica se inteirassem desse fato. Simplesmente utilizamos esse tempo para tentar nos recuperar do trauma.

Tinha sido como são as mortes de todos os grandes dirigentes, repentina, muito rápida. Precisaríamos de tempo para sentir.

Jessica endireitou a franja de Betsy, que estava despenteada, e pude ver como caíam suas lágrimas sobre a imóvel rosto de Betsy.

— AH, Bets, Bets ... isto não é justo. Nos demos conta. Se tivéssemos estado aqui um minuto antes... podíamos tê-la salvo! *Deveríamos ter salvo!*

Era tão jovem.

— Não posso fazer isto de novo. — Chorou Jessica. — Supunha-se que eu não teria que passar por isso com você. Tem que deixar de morrer diante de mim!

— Bom, nem pensem. — Disse Marc abruptamente. Pôs a mão na estaca que se projetava entre os seios de Betsy. Jon levou uma mão para detê-lo, mas Marc negou com a cabeça tão forte, que suas lágrimas voaram. — Não posso agüentar vê-la assim, crianças. Como um inseto parecido com tachinhas em um maldito tabuleiro. Não é direito, e não vou permitir.

E, com um puxão e um grunhido, atirou bruscamente a estaca, tirando-a de seu peito.

De repente os olhos do Betsy se abriram, o qual, é obvio, alarmou todo mundo.

Capítulo 27

Senti uma aguda queimação em meu peito, escutei como se rasgassem minha camiseta, e abri os olhos para , quem quer que fosse, lembraria-se de mim.

— Ouuuu! —Queixei-me. — Merda, era uma camisa nova!

Houve um *ruído* surdo quando Sinclair me deixou cair. Por que estava me observando? Na verdade, não tinha nem idéia, seus assuntos secretos eram ilimitados.

— Elizabeth!!! — disse Sinclair, e me assustei ao ver que seus lábios estavam totalmente Pálidos.

— Ouuuu outra vez! Por que fez isso? — Esfreguei a cabeça. — Por que estão todos me olhando tão fixamente? Isso me enlouquece. — Estava olhando para cima, às caras de todo o mundo, e cada uma delas tinha a boca aberta. Tive medo que se ficasse onde estava, começasse a babar.

— Bom. — disse Jon.

— Sim, Bom. O que aconteceu? Onde está essa vaca enganosa da Monique? Oooh, vou torra-la! Meninos, sabiam que era a má? Era ela! Me enganou para que eu viesse aqui, e me divertisse com ela. Mas em vez disso, me *estacou* no peito. Quero dizer...quem *faria* algo assim? E doeu como o demônio! E por que demoraram tanto? Por que estou estirada sobre este chão repugnante? Sinclair, me ajude a levantar agora mesmo.

— Buh, — disse Jon outra vez. Não sabia qual era o problema daquele menino, e porque naquele momento tinha um peixe maior que fritar, se não...

— Está viva! — balbuciou Jessica. — Outra vez.

— Olhe este buraco em minha camisa. — Queixei-me. — Por acaso acredita que o algodão cresce das árvores? Espera um momento. Faz? Ou cresce dos arbustos? De uma maneira ou de outra, eu... mmph! — Golpeei o ombro do

Sinclair até que ele deixou de me beijar. — Homem! Existe um momento e um lugar para este tipo de coisas, Esta claro? Agora deixa que eu me levante.

Fiquei de pés e Jon me abraçou, o que me fez cambalear. Então Sinclair o separou de mim e começou a fazer esses estranhos grunhidos de novo, fazendo que Jon se retornasse para trás zangado, e que Jessica os desafiasse para que cortassem já essa merda de ciúmes, mas não me importou quando vi a Monique, que estava apoiada em um canto e tinha uma espada em sua garganta, cortesia de minha nova e melhor amiga, Tina.

— Há! — Falei, tirando bruscamente a estaca de Marc, que a soltou com um uivo e logo teve que tirar uma lasca da palma de sua mão. — Estacou-me no peito. E *arruinou* minha camisa.

Caminhei para Monique, que pareceu assombrada, assustada, e zangada, tudo ao mesmo tempo.

— Rainha impostora. — Disse provocadoramente quando Tina se apartou. Me senti nervosa. - Gostou quando a espada estava apontada ainda para o meu pescoço. Nunca nos governará.

— Tsk, tsk. Alguém pulou suas lições do Livro dos Mortos. Aparentemente agora estou governando. É simples, os perdedores como você não receberam esse memorando.

— Falas muito. — Disse ela. — Sempre o faz.

— Ahhhh, isso dói, Monique! Isto é o que consegui.— Toquei o buraco de minha camisa. — Onde está o amor? Parece-me que enquanto pensava nisso, deixei cair algo por aí — Levantei a estaca. — Acredito que lhe devolverei isso. Se não se importar.

— Não tente... *urk!*

— AH, que asquerosidade! — gritou Jessica, dando meia volta.

— Sinto muito. — Falei, dando um passo para trás e examinando a Monique com a estaca - Sentia muita satisfação , admito. O que posso dizer? A morte é muito suja. E ela merecia. Tentei não soar tão lastimosa e à defensiva como me sentia.

Porque ela merecia. Por isso fiz pelos Blade Warriors, por todas essas outras pobres vampiras, não importa o que ela me tivesse feito. Deixaria que ela o explicasse ao diabo, se é que podia fazê-lo, claro. Não me importava.

— Muito bem feito. — Comentou Sinclair. Ele estava um pouco melhor, não tão mortalmente pálido (para ser ele), o que era um alívio. E já não grunhia para o Jon como um urso raivoso.

— Eu quis fazer. — Jon falou.

— Era meu trabalho. — Expliquei. — Pode matar o seguinte malvado vampiro assassino em série que apareça.

— AH. — Ele se animou visivelmente. — Bom. Me alegro de que não esteja morta, seriamente.

— Eu também. — Disseram Marc e Jessica em uníssono.

— Sim... humm... o que acontece agora? Monique não vai retornar como eu fiz, se eu tirar essa estaca, não é?

— Claro que não. — Disse Tina, parecendo chocada. — Ninguém o faz. Quero dizer... além de você. Ninguém nunca... — Se calou e sacudiu a cabeça, parecendo desconcertada, para alguém tão refinada, era algo bastante estranho.

— E é muito interessante, não é? — Perguntou Sinclair.

— Interessante... — disse Jessica, com a cara ainda um pouco verde. — ... não é um adjetivo que me ocorra agora mesmo. — Sacudiu um dedo sob meu nariz. — Você... você — Não teve que dizer nada mais. Só podia dizer que tinha atravessado o inferno de novo.

Ele a ignorou.

— Não acredito que no Livro dos Mortos mencione simplesmente, tão imatável... que parece ser Elizabeth.

— Bom. — Encolhi-me os ombros. — Já sabe. É duro conservar uma boa mulher, e tudo isso.

— Em particular agora. — disse ele secamente. — Com todas suas novas posses.

— O que?

— Segundo nossa lei, quando você mata um dos nossos, suas posses se tornam suas.

— Realmente, é certo, isso? E o que ocorre com suas famílias?

— Os vampiros não têm famílias. — explicou Tina com paciência. — Exceto você, aparentemente. Não se perguntou por que a casa do Nostro não foi vendida? É dela.

— Outra guloseima! Primeiro os Armanis de Sarah, agora isto! Viu o Alpendre da Monique? Meu, todo meu! — Me detive, porque Marc e Jessica me olhavam com o canto dos olhos. — Não as matei para conseguir o carro, ou alguma outra coisa. — Isto era simplesmente como uma bonificação amável e muito doce.

— Não. — Disse Tina, me dirigindo um malicioso olhar muito dela. — Mas acredito que essa é a história que pulverizaremos.

— Por que?

— Teremos que fazer. — Disse Sinclair. — Até que pratique um pouco com a crueldade. De outra maneira, este problema continuará se repetindo. Os outros assumirão que é uma presa fácil, e tentarão conseguir sua coroa.

— E que importa isso? Se ela for, obviamente, totalmente imortal.

— Ninguém é. — Objetou o Padre Markus. — Nem sequer Cristo.

— Além disso, já sou bastante cruel. — Protestei. — Esta semana matei dois vampiros! E não gastei o leite ontem à noite por que ficava muito pouco.

— Foi você? — perguntou Marc.

— Embora ...— Mordi meu lábio inferior, pensando. — Não matei o Sr. Mason, e asseguro que deveria ter feito.

— Mason? Seu supervisor no Macy's?

— Sim, É ele “ovelha” da Monique! Me fez cair na armadilha. Chutou o meu traseiro, então informou à ela, que assim pôde me tirar com uma pá, como a um vairão em uma loja de animais. Muito imbecil.

— É? — Os olhos do Sinclair se entrecerraram, me fez contar a história completa, e logo uma vez mais. Cada um completamente indignado pelo ocorrido. Foi genial!

— Não posso acreditar que seu chefe também tentou te matar. — Disse Jessica. — Sei que estão tentando conter a taxa de desemprego, mas isto é ridículo.

— A maioria das pessoas acredita que seus chefes vão atrás de cada um. Mas o meu realmente o fazia! Não, já não importa... E agora o que? Vamos, além de trocar de camisa. Esta simplesmente — olhei para baixo — eca!!! .

— Temos muito que discutir. — Anunciou Sinclair.

— Tem razão nisso. — Disse Tina, parecendo inquietantemente veemente. — O que significa isto? Para todos nós, e para nossa rainha?

— Será um aplique fascinante para meus documentos. — Confessou o Padre Markus. Parecia que não poderia esperar para se sentar em seu escritório e escrever. Aborrecido.

— Majestade, está com nós outra vez! Isto não tem precedentes! Y...

— Olhem, os dois... me dou conta de que não podem deixar de ser mortalmente aborrecidos, mas não vamos ter nenhuma discussão informativa frente a uma grande audiência esta noite. É sexta-feira, evitei o abraço úmido e pegajoso da morte....

— Outra vez, — disse Ani.

— ...e quero dançar!

— Eu quero uma bebida. — Admitiu Jessica. — Ou cinco.

— Eu também. — Interveio Marc. Enxugando o suor da testa Ele e Jessica ainda pareciam realmente agitados. — É realmente estressante, te observar retornar da morte.

— Sinto muito. — Falei humildemente. — Suponho, que foi uma má semana para todo mundo.

— Basta já desta merda que lhe matem a cada momento. — ordenou Jessica.

— Ouça, para mim tampouco é exatamente divertido! Não é como se o fizesse para procurar atenção. — Houve um silêncio, grande. — Não faço de propósito!

— Onde vão dançar? — Perguntou Ani.

— Em nenhum lugar onde possa entrar. — Disse Jessica rapidamente. — Isto é coisa, estritamente, dos colegas de quarto de Betsy.

— Sou um colega de quarto de Betsy. — Disse Sinclair brandamente.

— Suponho que poderíamos ir ao Gator's — Falei. Então me dei conta dessas horríveis palavras. — *O que?*

— AH, Não mencione isso? — Se mostrou tão inocente, a manteiga não se derreteria em suas presas. — Deixamos o Marquette, já não é adequado para nossas necessidades. E depois de discutir o problema faz umas horas, Jessica, bondosamente, acordou ser nossa caseira.

— *Está se mudando?* — Ia me deprimir, ia atirar algo, ia ter que conseguir lençóis novos. — Você... você.

Jessica estendeu as mãos e encolheu os ombros. Disparei um furioso e assassino olhar. Toda essa conversação de, ela está apaixonada por ele e não sabe, que tinha ouvido por acaso! E tinha estado planejando *isto*.

Não devia me deitar com ele de novo. Desse modo Jessica não lançou essas tolas conclusões se não tivesse nos visto na cama, juntos. AH, sabia! Sabia que lamentaria esse momento de debilidade, mas até eu, não poderia ter previsto isto. *Nada bom vem de ter relações sexuais com o Eric Sinclair!*

Esfreguei a testa.

— Na verdade, agora sim, preciso desta bebida.

— Estamos em um bar. — Indicou Jon.

— Esqueçam isso, pequenos insetos estranhos. — Falei grosseiramente, incluindo a Ani em minha diatribe. — A) Não festejo no vulgar clube dos mortos da Monique, e B) vocês ainda não têm idade de beber. Assim é que não vêm.

— AH. Quase esqueci.... — Jessica procurou em seu bolso, logo atirou algo brilhante para o Eric e Tina. — Aqui esta sua chave da casa.

Apanhe-a e come isso. Tive náuseas, mas passou.

— Ah, muito amadurecido. — Disse Sinclair, mas pude sentir seu sorriso satisfeito à espreita.

— Não fale. — Fiz uma pausa, para ver se a chave voltava a subir. No momento, ficava em baixo. — E *você*... — agarrei a orelha da Jessica e ela gritou. — ...vamos, vou dirigir meu novo Alpendre a algum lugar e enquanto me explica umas coisas. — Depois de que vomitasse a chave, claro.

— Simplesmente fiz por um sentido financeiro... se olhar os números e estiver segura de que... me solte!

— Pode dormir em meu quarto. — Propôs Marc.

— Suponho que deveria dizer algo negativo, a respeito de vampiros vivendo em pecado. — Disse o Padre Markus, — Mas esse parece ser o menor de seus problemas.

— Na verdade, já escolhi o quarto que há ao lado do da Elizabeth, não tente agarrar minha orelha. - Adicionou rapidamente quando me aproximei. — A menos que queira que eu te coloque sobre meus joelhos.

— AH, assim se comporta as pessoas quando o sol desce pelo horizonte? — Brincou Ani, enquanto Jon avermelhava e apertava o olhar.

Saí dali, arrastando a Jessica e Marc, antes de que minha cabeça estalasse.

Epílogo

Assim agora vivo com o parvo do Sinclair e a estúpida da Tina, em uma gigantesca mansão que não posso me permitir. *E* estou não morta e sem emprego. Outra vez.

Bom, na verdade, Tina não é tão estúpida. De fato, eu gosto bastante quando não esta me sobressaltando com sua absoluta crueldade. Além disso, faz um liquidificado de morangos espetacular. Inclusive Sinclair os bebe! Suponho que na verdade ama os morangos. Tenho que trocar meu xampu.

Estranhos vampiros seguem nos visitando para oferecer seus respeitos. Pelo visto, o fracasso do pequeno golpe de estado de Monique, esta pulando pelos canais de intrigas, porque os mortos vêm e me saúdam. Por alguma razão, trazem laranjas vermelhas, Sinclair diz que é a tradição. Acredito que é ridículo. A geladeira esta cheia dessas malditas coisas.

Pensei que Marc e Jessica estariam loucos por abrir sua, nossa, casa a mais vampiros, mas Marc me explicou bastante sério que não acreditavam que Tina e Eric fossem não mortos. Arrumado a que trocariam de idéia se algum deles, em algum momento, encontrasse-se verdadeiramente faminto.

Quanto a Jessica, acredita que como se supõe que Sinclair e eu, seremos algo, podemos começar a nos acostumar um com o outro. E seria grosseiro omitir a Tina, já que ela e Eric são quase irmãos. Assim agora somos colegas de quarto. Registrei seu quarto, mas não pude encontrar provas do uso de drogas.

É incrivelmente exasperante descer as escadas e encontrar Sinclair, que já esta na sala de chá, lendo o *Wall Street Journal* e pondo um rápido sorriso.

Sem mencionar, que estive evitando a tentação quase constante de me colocar às escondidas em seu quarto levando posto unicamente meu sorriso. Mas aprendi a lição no clube de Monique, nada de bom resulta de ter sexo com o Eric Sinclair. E pelo que respeita ao cavalheiro em questão, foi, bem, um perfeito cavalheiro. Maldição.

Tina e ele trouxeram o Livro dos mortos para casa, está na biblioteca em seu próprio e pequeno pedestal para livros de mogno. Jessica tentou lê-lo e conseguiu uma enxaqueca que durou três dias. Só fez ruídos e não pôde comer a maior parte desses dias. Agora se mantém longe da biblioteca.

Algum dia olharei o livro, mas por hora, o deixo a distância. Deixarei essa coisa para a Tina e o Sinclair, se podem dirigi-lo.

Quando me levantei faz algumas noites, havia uma cópia da biografia do Pat Conroy, *My Losing Season*, sobre meu peito. Em uma semana o li e o melhor foi que não havia nenhuma só menção de comida. Assim eu o coloquei na estante com meus outros livros. Acredito que uma porta que pensei estava fechada se abriu de novo... o que me alegrou.

Tentei agradecer o Sinclair (sabia que Jess não o tinha feito, teria se assegurado de receber o crédito), mas ele me olhou como se não soubesse do que eu falava, assim, deixei assim.

Jon deixou a cidade. Disse que queria retornar aos subúrbios para ver sua família, mas acredito, e Jessica está de acordo, que não podia aguentar saber que Sinclair vivia comigo. A meu ver, francamente, dizia o mesmo. Prometeu retornar no final do verão, e na verdade me encontro sentindo saudades do pequeno inseto estranho.

Ani vem a maioria das tardes. Acredito que Tina e ela têm algo, mas são discretas. De todos os modos, ambas estão todo o tempo dando voltas dentro da mansão, zumbindo. E os sorrisos mentecaptos são irritantes.

Sinclair estava certo: as coisas de Monique passaram para mim. Era certo. Na verdade, eu tinha várias propriedades esparramadas por todo mundo. E *dois* carros!

Que diabos ia fazer com um clube no Minneapolis, um balneário na Suíça, um colégio privado na Inglaterra, e um restaurante na França, não sabia. Não conhecia uma maldita coisa sobre dirigir negócios. Suponho que poderia conseguir trabalho em algum deles. Talvez tentar dirigir o Scratch.

A implicação periférica do Detetive Nick Berry neste feio assunto foi a mais estranha de todas. Uma verdadeira coincidência. O taxista que salvei deu seu relatório para o Nick. Nick simplesmente viu meu carro uns dias mais tarde e me fez estacionar no canto. Alegrei-me. Tinha quebrado sua vida uma vez, teria odiado arruinar outra vez.

O Sr. Mason desapareceu. Não soube até que vi a notícia no periódico. Não tinha família, e seu chefe foi o que finalmente informou de seu desaparecimento, Não era triste?

Desapareceu sem deixar rastro, até que encontraram alguns pedaços dele em seu apartamento um mês mais tarde. Dentro de uma mala, a que, aparentemente, tinha estado empacotando quando... quando ocorreu o que for. Perguntei a Sinclair sobre isso, ele se limitou a virar a página do *Journal* sem me responder.

Assim não voltei a perguntar. Entretanto, senti um pouco machuca pelo Sr. Mason. Depois de tudo, deu-me um emprego no Macy.

Fui ver a Ant, com um Calvin Klein Onesie para meu futuro meio irmão. Algo assim como 'Não podemos fingir que não nos odiamos mutuamente?', para quebrar o gelo. Ela "acidentalmente" derramou vinho tinto sobre ele.

Estou preocupada com o jardineiro. Ninguém mais fala dele, e quando o descrevo todos me olham divertidos. Jessica diz que contratou alguém para se encarregar da grama e as flores, mas que é uma jovem de vinte anos. Este tipo é velho, realmente velho.

Estou bastante segura de que sou a única que o pode ver.

Assusta-me ir conversar com ele, mas um dia destes penso fazer. O que seja que queira, espero poder fazer, e que desapareça como Enjoe. É estranho, mas não preciso de um velho horripilante que fica observando a janela de meu dormitório cada vez que olho para fora.

Pensava muito sobre o que aconteceu aquela noite no bar da Monique. Todos os dias da semana! Parecia um pesadelo e algumas vezes era difícil recordar todos os sangrentos detalhes. Cada vez que fazia um intento, minha mente girava completamente para as vendas de jersey e luvas de couro. A roupa de inverno estava agora nas lojas, e precisava me aprovisionar.

Jessica me perguntou sobre isso, e também Tina, mas Sinclair evitava totalmente o tema, e não estava segura por que. Eu disse a verdade, não lembrava muito do momento que fui estacada, e Marc arrancou a estaca.

O que não falei, foi a única coisa que *realmente* recordava: A voz de Sinclair flutuando na escuridão, me rogando, me ordenando, e dizendo a mesma coisa várias vezes: "Retorna. Retorna. Não me deixe. Retorna".

Estranho. E algumas vezes me pergunto se sonhei, ou foi uma alucinação. Ou, o mais assombroso de tudo, se na verdade disse. Deus sabe que não vou perguntar... ainda estou reunindo coragem para falar com o jardineiro morto.

Então, ou não posso ser morta, ou o rei dos não mortos me trouxe de retorno pela pura força de sua vontade. De uma ou outra maneira, é algo no que pensar.

Mas não hoje. Neiman tem uma venda, e preciso desesperadamente um cárdigan de cachemir. Preferiria um vermelho, mas ficarei com qualquer cor primária. Paga Jessica! Diz que é um presente "por voltar a ser uma não-morta de novo". Trabalho para mim.

Nota do Autor

Quase sem exceção, os acontecimentos neste livro são inteiramente imaginários. Os vampiros não se hospedam no Hotel Marquette, nem trabalham no Macy.

Entretanto, se for a um Centro de Pessoal em Minnesota, é verdade que não têm permissão para responder perguntas sobre o seguro contra desemprego. E em alguns centros, realmente não pode usar seus telefones. Palavra de honra.

Além disso, se você visitar a Avenida Summit notará que a casa que há em frente da mansão do governador A) não é a de Betsy, e B) não está no final da rua. Licença artística, o que é uma maneira de dizer que fui preguiçosa.